

**ASSAS
SINATO
NA
IGREJA**

DEIVID DAMASIO





Nota do autor:

Assassinato na Igreja é um romance que se passa no Recife. Tratando principalmente de um suspense policial, onde alguns núcleos irão se dividir, marcando uma trama que traz o mistério como ponto alvo.

Agradecimentos:

Minha casa sempre me proporcionou experiências literárias incríveis. Meus avôs são professores, e meu avô também escreve. Ambos sempre permaneceram do meu lado, e os dois são essencialmente importantes. Amigos e parceiros também foram de suma importância.

Ass: Deivid Damasio

Autor: Deivid Damasio

Publicação: Independente

Data: vinte de maio de dois mil e dezenove

Primeira edição

índice

prólogo

prólogo 2

capítulo um

capítulo dois

capítulo três

capítulo quatro

capítulo cinco

capítulo seis

capítulo sete

capítulo oito

capítulo nove

capítulo dez

capítulo onze

capítulo doze

capítulo treze

capítulo quatorze

capítulo quinze

capítulo dezesseis

capítulo dezessete

capítulo dezoito

capítulo dezenove

vinte

vinte e um

vinte e dois

vinte e três

vinte e quatro

vinte e cinco

vinte e seis

vinte e sete

vinte e oito

vinte e nove
trinta
trinta e um
trinta e dois
trinta e três
trinta e quatro
trinta e cinco
trinta e seis
trinta e sete
trinta e oito
trinta e nove
quarenta
quarenta e um
quarenta e dois
quarenta e três
quarenta e quatro
quarenta e cinco
quarenta e seis
quarenta e sete
quarenta e oito
quarenta e nove
cinquenta
epilogo
mais

MANUSCRITO

ASSASINATO NA IGREJA



RECIFE - 1982

Primeira parte

Prólogo

Oportunidade única

Os dias na capital costumavam passar de maneira rápida, regado de uma brisa intensa dos mares e oceanos, carregando consigo a alaranjada luz do sol. Os moradores se dividiam diante da manhã, com o tempo ainda rugindo diante de suas cabeças, o sentimento perpetuando pelos poros. Nem todos dividiam o espaço de trabalho em grandes apartamentos, ladeados de um piso limpo, paredes alvas, e um clima belo e adorável.

Muitos partiam para o Cinema São Luiz. A temporada dos mais variados concursos de filmes havia chegado, e isso animava uma grandiosa parcela da alta sociedade. Os consagrados admiradores da cultura inglesa, francesa, e agora das propriedades Brasileiras, diversificavam seus estudos, embasando críticas e formulando dados, trazendo das mais diversas maneiras, matérias e artigos para os jornais. Elias era um dos jornalistas que tinham acesso a tudo isso, preferia se ausentar do trabalho relacionado a cultura e suas propriedades, mas seu chefe, um homem gordo, careca e de aparência hostil, lhe retirara de um dos cargos que mais admirava e apreciava, policial investigativo.

Seu pai, junto da mãe, reclamara toda vida sobre o quanto esse lado poderia lhe custar caro. Lembrava das palavras sensíveis e ao mesmo tempo concretas do velho, negro, e com uma barba crespa e grisalha. Isso de fato, estava acontecendo. Não andava frustrado com o ofício, mas andava pessimista com a qualidade que os demais enxergavam sobre ele. Via diante dos colegas do calorento escritório na Rua da Aurora, o quanto era subestimado. Constantes admirações pessoais, gratificações pelos trabalhos, e pessoas que não mostravam sequer um empenho, pegando a tão aguardada vaga de jornalista criminal.

Seus dias se tornavam fadados ao fracasso, e durante todos aqueles meses, em um verdadeiro barco diante do mar morto, olhava o horizonte com outras perspectivas. Os peixes sem nadar, tubarões que antes atacavam, agora tornavam a ser praticantes de YOGA. Tudo pareceu piorar quando saiu do mundo fantástico e voltou ao verdadeiro real, sua filha havia voltado do Rio de Janeiro, lugar que passou após a morte da mãe, e lá morou durante anos. Ela parecia estranha, apesar de sempre dizer que tudo se encontrava em seus mais perfeitos

conformes.

Acordava às cinco horas da manhã, preparando seu café. Olhava para o terço da esposa, e pensava se a reza poderia solucionar seus problemas, nada mais poderia o ajudar a sair de tudo aquilo. O trabalho costumava ser monótono, por isso não esquecia de enfiar as palavras cruzadas no bolso direito da calça, fazia isso durante os intervalos e principalmente enquanto trabalhava. “Você vai ter que filtrar esses artigos de nutrição, a minha esposa é médica, disse que é importante, e também tem esse daqui. Uma tirinha erótica do Carlos Zéfiro, filtra algumas e manda pra G MAGAZINE!”

Tudo que fazia era bufar, e se perder em devaneios enquanto pensava. Todos os anos que passara na faculdade se resumia aquilo, as afirmações importunas que o seu chefe mandava? Lançar o artigo da esposa médica, que não escrevia muito bem. Os erros gramaticais eram muitos, e sentia ódio e rispidez ao notar algum, mas às vezes errava, na maioria de propósito, mas nem sempre... Ou filtrar quadrinhos eróticos de Carlos Zéfiro, não que seu trabalho seja ruim, pensava, mas não era aquilo que queria pra vida.

Acordou novamente, mas notou que o clima que exalava do lado de fora era diferente. A neblina que incendiava o céu durante toda a noite, sumiu, deixando portas para o outono adentrar com sucessão na capital. Pensou em como faltar aquele dia, sua perna estava doendo, sua lombar parecia ser esmagada a cada segundo por um martelo, e a coluna sofria. Enfiou dois analgésicos na boca e engoliu tudo de uma vez. Uma breve tremedeira tomou conta do corpo, mas conseguiu sair no seu fusca azul. A ponte do rio Capibaribe estava grande como sempre, mas não grande em tamanho, grande em pessoas. Carros do IML estacionados na margem, viaturas policiais, e olhares horrorizados a um único alvo que não conseguia identificar.

O escritório jornalístico estava cheio, mas todos corriam para todos os lados, deixando suas pastas, canetas, passos apressados em todos os lugares. Semblantes polvorosos e inteiramente complicados. Ouviu uma conversa vinda de um dos vizinhos de cadeira, uma tal de Sophia Lancelot fora jogada morta no rio, e com algumas facadas!

...

Engatou uma proposta direta de trabalho ao chefe, o homem gordo recunhou o rosto velho e quase dormente do jornalista. Após alguns minutos de insistência, Elias ganhara o caso para si. Não ficaria sozinho diante de tudo aquilo, teria a parceria direta de um novato, um homem alvo, um pouco baixo, mas que usava lentes fortes e uma boina que mais parecia de seu bisavô. Elias,

apesar de tudo, aceitou a proposta, e pela primeira vez poderia ter um caso em mãos. Pela primeira vez durante toda a sua vida, teria um crime a investigar, tudo aquilo lhe fascinava, saber quem matou, como morreu, buscar laudos no IML, conversar com vítimas e parentes, pessoas que passavam ou os guardas de trânsito, algum deles deveria saber ao menos de alguma coisa. Ficou um pouco fora do eixo quando o prazo fora entregue:

– Como assim, o senhor só pode tá de brincadeira! – Indagou Elias, agora com medo da morte, aquela pergunta era audaciosa demais.

– Trinta dias! Eu quero um relatório a cada semana, vocês precisam cumprir esse prazo, caso contrário... Você sabe do que eu tô falando, Elias. Vai ter que voltar a ler carboidratos, criar tabelas nutricionais, e volta a colocar vírgulas nos sete parágrafos. Ou mandar fax pra G MAGAZINE, e é melhor que ninguém saiba, imagina um homem da sua idade nesse escândalo?

– Eu mereço...

– Agora vão, chispa! Chispa daqui! Vai embora! Vai embora!

JANEIRO DE 1982

ASSASSINATO NO RECIFE

Diário Recifense de Pernambuco

CASA DE
BOLOS
DONA
MARA

Número 43. Rua
americano Dom
José



INGRESS
OS
SHOW
ROUPA
NOVA

Estande montado no
shopping Recife

As afirmações assombraram também os turistas que passaram uma estadia na capital pernambucana. Os estudantes do Ginásio Pernambucano não viram, os alunos começaram a chegar após os polícias e institutos de criminalística realizarem a varredura. Até agora nenhum suspeito foi identificado, as provas estão sendo recolhidas com cuidado pela central investigativa, e até as dezesseis horas de hoje, algum suspeito deve ser intimidado e preso em seguida. Aguardamos o avanço das investigações! Diretamente do Diário Recifense, Elias Damasceno, o seu jornalista criminal!

As primeiras matérias começaram a ser divulgadas, mas tudo pareceu mudar quando o laudo investigativo, após alguns dias, demarcou quem seria preso, quem era o culpado pelo crime. Elias não poderia acreditar nas afirmações de Eliete Vieira, a investigadora central do caso, mas tudo pareceu mudar, e o seu passado parecia contrastar com o presente, não entendia muito sobre o que andava acontecendo, mas de algum modo precisava ajudar aquele homem... Bruno Arantes, quando seu nome fora anunciado, aguardava na sua casa, em pensamentos alternados e diretos...

Prólogo ||

Você está preso!

O apartamento na Boa Vista era bem decorado, com as memórias contracenando com as lembranças que aquelas fotos resguardavam. Recordações incríveis, sutis, adoráveis, que agora se tornavam melancólicas. Momentos que apenas o tempo seria capaz de esquecer, colocando tudo em um pote vedado por cadeado.

O oceano escuro das paredes, destacava os cartazes. Sophia tinha um gosto peculiar, e apesar de tudo, Bruno o entendia e apreciava. Para-lamas *do sucesso, Iron Maiden, Roupa Nova, Scorpions*.

Ter uma radiola de som fora uma das primeiras metas estabelecidas. Aproveitaram uma promoção no centro da cidade, em uma tarde ensolarada de domingo, em uma loja já falida, mas que vendeu uma Som *Philips antigona* por preço de banana.

– Cenzão? – Indagou a branca, de cabelos pretos charmosos, uma silhueta ardente e um vestido colorido. – Amor, a gente precisa comprar... E você nem faça essa cara pra mim. É ela!

Não adiantava discutir muito, as definições de realidade passavam longe da bibliotecária, que apesar do trabalho puxado, amava o que fazia. Foi em um bar próximo dali que se conheceram, hoje o estabelecimento igualmente se encontra de portas fechadas. Por um lado, eles eram viúvos de estabelecimentos.

Nas sextas-feiras, quando a noite chegava, os olhares cruzados, em chamadas, antes de partir para a cama e aproveitar um ao outro, a música entrava com melodia e saía com beijos.

Na sala, esquivando dos sofás, da mesinha, do aquário... dançavam. Rodopiando em cima do carpete emoldurado, cor de vinho, recebia os passos apressados e ao mesmo tempo lento. Uma coreografia inventada.

A persiana não cobria toda a janela, comprou um tamanho irregular. O relógio cravado na parede marcava 17:30. Sentia o aroma da tarde chegando, o céu se tornando alaranjado, as mãos dos policiais.

Esperou. Deveria esperar! Por que fugiria agora? Seria tachado como

culpado, e logo os comentários feitos inúmeras vezes tornariam verdade. O negrinho, o moleque, o ladrãozinho...

Duas batidas na porta, emitindo um som pelo silêncio medroso e inconveniente. Permaneceu parado, sentado na poltrona carmim, apoiando a coluna relaxada nas almofadas. Encarou suas mãos, se pensar que um dia sairia daquele lugar.

Sete batidas intensas. Recompôs alguns fios rebeldes na nuca, ergueu o corpo para frente, se levantando lentamente. Enxugou uma lágrima que percorreu alguns centímetros. Se preparou por que estava por vir.

A porta foi arrombada pelas botas policiais, se despedaçou e quebrou o aquário, a água correu até chegar no tapete, o peixe se debateu no piso amarelo da cerâmica.

Foram aos passos pesados adentrando cada vez mais o apartamento. O policial que tomara frente, caminhou até ficar poucos centímetros de Bruno, pegou o colarinho da camisa e o ergueu. Seus pés ainda tocavam o chão, mas preferia que não. Os braços erguidos pela camisa, pareciam cortar as axilas, ao mesmo tempo em que dificultava sua respiração ofegante e descompassada.

– Mas tu, hein neguinho? Foi se meter logo com a branquinha? Matou ela por quê? Hein?

Permaneceu em silêncio, e finalmente o homem alvo soltou o colarinho. Bruno respirou aliviado.

– Prende esse porra! – Gritou. A boca que guardava um aroma estranho se aproximou do ouvido, sussurrando, a voz embargada, lenta e atroz. – Se liga lá dentro do presídio. Podem revelar quem é tu, o que tu fizeste... O pessoal de lá não costuma aliviar não, entendeu? Só eu sendo gentil, muito gentil pra afirmar que vai sair vivo de lá. Tu não duras dois meses, vagabundo!

O assistente policial, franzino, se aproximou com o par de algemas em mão. Fez um gesto que indicava que o homem erguesse seus braços para frente, Bruno seguiu o comando e recebeu o metal gelido nos punhos.

Seus pés descalços entraram em contato com a poça que se formou, enquanto notava os últimos batimentos e suspiros do peixe.

– Ela era gostosa. Cê sabia, né? Tava transando com ela todo dia, aqui. Como ela era por dentro? – Enquanto Bruno era guiado, o policial rude o seguia. – Branquinha, era rosinha né? Você é daqueles que prefere com pelos? Fui na necropsia, tava nua, nuinha na minha frente. Fiquei com vontade de achar ‘uma igual... Ela tinha pelos, mas também tinha bunda, tinha peito... gostosa pra caralho! Era boa de cama? Sabia fazer um...

Escutava as afirmações, que aos poucos se tornavam um fardo mais pesado a carregar. Curvou a silhueta da coluna, engoliu a saliva... realizou tudo que precisava para manter a estabilidade emocional, porém um fogo ardente pareceu subir e tomar conta de todo o corpo, o fazendo estremecer, trazendo um grito grave e assustador.

– Cala essa boca! – A fala alterada modificou o semblante do policial, outrora sagaz, feliz, agora tornava a ser impiedoso.

Ele se aproximou a passos lentos, as mãos socadas no bolso, acompanhado de um olhar perverso.

Puxou o antebraço para fora erguendo e balançando os punhos rapidamente. Organizou a postura ao chegar mais perto, a alguns centímetros do corpo pardo.

As luvas pretas acertaram em um somido oco o lado esquerdo de sua face, sentiu o gosto da pancada. Outro golpe no queixo, o fazendo retrair para trás. O choque de seu corpo contra a parede, serviu como uma cena cômica para o policial, que após dar uma risada, se aproximou ainda mais.

Abaixou a cabeça de Bruno, deu um chute, o joelho entrou em contato principalmente com os seus olhos, o fazendo os fechar de maneira assustadora. Pensou que estava ficando cego, quando notou que sua visão havia perdido um pouco da captação de luz.

Caiu desatento no carpete ensopado de água, o sangue ladeou pela água do aquário, tornando a água inteiramente vermelha, não era impeditivo para contínuo da ação. As botas armadas, duras e sujas acertaram seu nariz com força, sentiu o estralar dos ossos do pescoço, com a brusca virada do golpe, notou o osso sendo deslocado, e uma dor tão forte quanto sentira antes.

Mais dois golpes de bota, o líquido vermelho da boca saiu, ao mesmo tempo que os dois dentes da frente eram arremessados para alguns metros, pairando na ponta da bota do policial. Conseguiu abrir os olhos em um suspiro dificultoso e árduo, observando o fundo do sapato do homem, esmagando os dentes. Levou a mão até a boca, para confirmar acima de tudo se o que agora virara pó eram seus, e eram!

O mundo começou a girar, assustado, no mesmo tempo que sua visão tornava a ficar escura, seus braços e mãos pareciam atrofiar, se encolhendo contra o corpo em posição fetal. Sentiu o momento exato, nunca antes experimentado, do desmaio. A cabeça zonz, uma dor que não sabia de onde mais surgia, eram grandes os ferimentos. Escutou a última frase antes de sumir em devaneios, se perder no inconsciente, sumir da face da terra.

– Vai sair daqui morto, filho da puta!

...

Abriu os olhos lentamente, a luz era branca, mas especialmente feita em um tom mais escuro, trazendo calma. Mexeu os pés e mãos, na tentativa de saber se ainda tinha seus membros, ao notar que se moveram, respirou aliviado, em um tom esperançoso.

Conseguiu identificar diante do espaço, alas divididas por cortinas esbranquiçadas, resguardando macas com efêmeros. Demorou alguns segundos para absorver as informações e entender em que local estava.

Sussurrou a primeira vez, uma voz sem intensidade, fraca, quase desvaecendo pelo burburinho dos demais.

Falou um pouco mais alto, seguido de uma tosse forte e carregada, chamando a atenção de uma enfermeira.

Se aproximou rapidamente, notando a afobação de Bruno. Recolheu a ficha de atendimento, fixada em um pedestal ao lado do guia de soro. Leu o relatório aprontado pelo médico, enquanto isso, Bruno a fitava, com olhar penetrante. Encarou o nome bordado no lado esquerdo do peito: *Suzana Afonso*. Uma mulher de pele parda, com os cabelos loiros e presos em um coque, trajada com o clássico uniforme branco da enfermagem.

Era bonita, sentia o quanto era bonita e exalava uma beleza interior. Uma voz melódica, sutil em suas propriedades. Poderia ouvir durante dias, meses, anos e décadas aquela vibração diante do corpo. Poderia parecer pouco, duas semanas que perdera a esposa, mas sentia que tudo retornava aos poucos, Suzana...

Ao terminar de ler o relatório médico, assinou em um quadrado ao lado de uma lista de atendimento, marcando a segunda semana de atendimento

– Olá, eu me chamo Suzana e fui a enfermeira responsável pelo seu atendimento nesses dois últimos vinte dias de tratamento. Deseja saber sobre seu caso, ou prefere deixar isso para mais tarde, senhor... – Olhou para a ficha. – Bruno Arantes!

– Os policiais...– Tentou abrir mais os olhos, porém os contraiu rapidamente, era melhor deixar entreabertos.

– Ah, você quer saber dos policiais... bem... Eles que te trouxeram até aqui, prestaram até um boletim de ocorrência. Disseram que quando chegaram na tua casa, encontraram você jogado no chão, trabalham com a suspeita que a população tenha feito jus com as próprias mãos. Mas foram isso tudo, você não

vai ser mais preso!

– Eu? – Falou surpreso, enquanto conseguia arquear a sobrancelha em sinal de dúvida.

– Sim, você! Tem sorte de um homem ter achado um absurdo de te prenderem sem provas. Eu não lembro ao certo o nome dele, mas era moreno, uns cabelos grisalhos... Professor, ele era professor de alguma coisa, história, mas também formado em jornalismo, parece. Trabalhou em algum jornal conhecido por aí... enfim, não lembro...

Suzana permaneceu dizendo tudo havia acontecido nas recentes duas semanas, enquanto ajustava o tubo de soro e o trocava por um novo. O processo demandava atenção, não encarando o paciente por muito tempo.

Bruno fechou os dois olhos em um súbito de dor, que crescia em um cadente incontrolável. Arqueou a coluna de maneira delicada, tentava suprir a dor com o impacto entre os ossos. Sentiu-se fraco, voltou a posição anterior.

Puxou o lençol branco com total força, pressionando as unhas cortadas na camada fina de colchão. Um nó na garganta impediu o somido fraco da voz ser solto, viu a visão escurecer lentamente, enquanto em um compasso desacelerado, imaginava sua garganta fechar, impedindo o envio de oxigênio. A visão escureceu por total, escutou apenas a voz emergente de Suzana suplicando pela vinda de um médico.

Prólogo |||

Início da investigação, e uma conversa improvável na última página!

Elias repousou sua mão em cima do papel amarelo, finalizou o último parágrafo do relatório. Deu um sorriso, encarando com satisfação o trabalho que fez durante aquelas quatro semanas, principalmente pelos lugares que passou junto ao novo parceiro. No princípio sentiu receio ao olhar o homem. Jamais em sua vida havia elaborado um perfil específico para jornalistas policiais, tudo em sua volta parecia se adequar mais ao mundo real, mas ele... o homem de baixa estatura e que usava boina, parecia ter saído correndo de uma das páginas de um livro de suspense, pela postura, voz e gestos caricatos.

A primeira noite preferiu chegar cedo em casa, colocando em sua frente apenas um par do jornal. Observou exatamente o tópico de nutrição, pegou a caneta e furou todas as letras minúsculas que ladeavam as páginas. Longe de tudo, voltou ao quarto, ao lado de um bom café preparado pela filha, que não voltava para casa já fizera sete dias. Elias estava preocupado e apreensivo, as notícias estampadas nos jornais não anulavam nada do que passava, a violência parecia aumentar em casos rocambolescos.

Finalmente respirou fundo e teve acesso a sua planilha. Separou de maneira organizada todos os traços e locais que deveria passar, além de uma breve investigação sobre os suspeitos que andavam sendo cogitados pela central investigativa. Também pensou em conversar com Eliete, mas achou muito extremo. Precisava ir ao último ponto que ela fora encontrada, na biblioteca, e foi isso que fez. No dia seguinte pegou Jonas em frente ao Diário Recifense, e seguiram até a biblioteca pública do estado, lá que trabalha antes do fatídico dia. Uma loira, branca e de olhos castanhos atendeu os dois. O velho jornalista e o novo jornalista interrogaram a mulher em períodos curtos, anotando tudo que parecia de extrema importância.

– Ela tem um marido, o nome dele é Bruno Arantes!

Não encontraram foto do menino no banco de dados da cidade, mas anotaram seu nome bonito na primeira ficha criminal como primeiro suspeito.

Apesar de tudo preferia resguardar aquela informação, antes de dizer algo sobre o crime bárbaro, necessitavam de algo a mais, algo que a mulher da biblioteca não sabia informar, muito menos a esposa nutricionista do chefe. No prédio ao lado que consultaram sobre a foto de Bruno, seguiram até a central de arquivos, em busca da data e dados sobre o nascimento de Sophia, nada fora encontrado.

Mais tarde quando voltavam de uma pesquisa in lócus, diretamente da central investigativa, onde ninguém foi capaz de afirmar nada para os jornalistas, pararam em um barzinho. Uma água para Jonas e um suco com pitada de vodka para o velho. Fogo e paixão – Wando, tocava de fundo. Mulheres e homens se dividiam entre o pequeno salão, em passos unidos e únicos, em uma dança que Elias sentiu um pouco de vergonha.

– Então? – Elias deu um gole, fez uma careta e voltou a encarar o baixo. – O que a gente faz agora?

– Você é o chefe do relatório, não eu. – Afirmou, dando de ombros.

– Exatamente, eu sou chefe, mas não sei ser um chefe. Sempre eu era aquela pessoa que o os outros mandavam fazer coisas, apontavam o dedo pra mim e diziam: “Faz isso, faz aquilo”, mas jamais vou superar a escrever sobre carboidratos e valores nutricionais. Mas não é assim que as coisas funcionam, a gente sempre diz que espera a hora chegar, aguardar que um dia as coisas melhoram, e etc. Mas quando elas chegam, e ficam bem na sua frente, tudo parece que muda, nada é igual como você pensava. Como agora, eu sempre quis trabalhar com isso, nesse ramo, e agora, e agora? A gente tá perdido aqui, totalmente perdido no rumo da investigação, não sabemos nem pra onde ir!

– Tá, isso é verdade. Minha mãe dizia isso, ela era professora, hoje tá morta, a dez palmos debaixo da terra. Falava que enquanto não tava na frente dos alunos, adorava a profissão, mas quando tinha que aguentar uma sala de aula inteira, sofria, chegava a chorar. Meu pai que me conta essas coisas, morreu. Enquanto eu nascia ela morria, olha só como são as coisas.

– Olha só... Eu tenho uma filha, tá a mais de uma semana sem voltar pra casa, devo me preocupar? – Deu o último gole na bebida e sorriu pra o parceiro de trabalho. – Outra coisa que se aplica a isso são filhos. A gente vê aqueles cartazes de maternidade, aqueles panfletos lá de gravidez, mas quando ele ou ela nasce, aí sim a gente vai aprender a ser pai, mãe.

– Expectativa e realidade. É isso, esse é o nome certo. Pra falar a verdade isso nem deveria existir. Se eu fosse um diretor de fotografia de alguma empresa, faria questão de mostrar a realidade, deixar a expectativa bem longe, escantilhada.

– Todos no mínimo iriam se chocar com tudo isso. Chega desse assunto,

precisamos falar sobre outra coisa...

– Quantos filhos o senhor teve?

– Dois!

– Onde está o outro? O senhor falou sobre a filha, existe um outro?

– Isso não interessa. Precisamos falar sobre o assassinato no rio, quem matou Sophia Lancelot, ham? – Puxou o caderno do bolso, seguido de uma caneta, apoiou tudo em cima da mesa e continuou: – Qual descrição você daria pra esse caso?

– O que? – Quase gritou, Elias deu uma breve gargalhada.

– Oh, céus... Digamos que você é um autor, e escreveu um livro sobre a morte de ontem, veja bem. Mas você apenas começou a escrever sem projetar nada, sem dividir capítulos, organizar trama, e apesar de ter feito tudo errado, deu certo. O seu livro foi aceito por uma editora, mas eles obrigam uma sinopse, e aí eu volto a perguntar, qual sinopse você daria para esse livro?

– Um caso engenhoso deixa a sociedade recifense perplexa, um assassinato misterioso deixa morta Sophia Lancelot.

– Aí que tá o problema, a gente enxerga como um caso engenhoso, mas se não for? Se for um simples caso de estupro? É real, acontece. Precisamos enxergar além da curva.

– Eu tô cansado, bem cansado. Não aguento pensar, eu não mais olhar pra crime e assassinato, quero a morte!

Dois dias foram necessários para um primeiro suspeito ser indiciado. Bruno Arantes. Elias de algum modo precisava impedir o que tornava a acontecer, precisava impedir que o jovem fosse culpado por um crime que não conheceu. Na quarta semana de investigação, suspeitava sobretudo pessoas mais afastadas da sociedade popular, e se pegava pensando o motivo do prefeito, a mulher do prefeito ou qualquer pessoa desse ramo ter matado Sophia, mas antes de tudo e voltar a refletir sobre o assassinato, precisava impedir que o homem fosse pego pelas garras da cadeia.

Notícias corriam de que Bruno havia ido direto ao hospital João Alfredo, em um estado de total choque e ferimentos graves.

O prefeito Antony se encontrava sentado em sua poltrona, encarando Elias com seu semblante de sempre. Um homem grande, cabelos de índio.

– O que o jornalista vai querer falar com o prefeito? – Disse Antony em um tom sereno e único.

– Não pode prender o Bruno, ele não é culpado pelo crime.

– Como se eu mandasse nas investigações... como se eu mandasse na Eliete.

– Não o prender, manda soltar. Mande soltar, mande soltar Bruno Arantes, se não eu...

– Se não o que? Se não o que, jornalista de bosta? Você é um pau mandado, e acha que tem poder pra mandar em alguma coisa no meu gabinete? Pegas as tuas tralhas e vai embora daqui, agora, antes que eu chame alguém e acabe com esse teu teatrinho aqui no meu gabinete, vamos, vai embora!

– Antes o senhor precisa ver uma coisa!

Elias colocou em cima da mesa, a mala que trouxera. Retirou dois envelopes e entregou para o prefeito. Antony abriu o primeiro. A feição antes enraivada, comprovando o ódio que sentia, agora se transformava em um medo eminente, uma sensação de que tudo ao seu redor estava prestes a desmoronar.

– Onde você conseguiu essas fotos? Onde conseguiu essas fotos? On... Onde conseguiu? – As palavras eram balbuciadas, sem um compasso central.

– Agora isso não interessa. Você sabe que eu sei, essa frase parece tão simples, mas agora é intensa, não é? Não é intensa, Antony? – Elias se levantou, colocando suas mãos em cima da mesa, os olhares cruzados. – Agora imagina, pensa bem, todas essas fotos circulando em todos os jornais. O prefeito, Sophia, o filho, um escândalo. Imagina essas fotos? Imaginou? Pensou sobre como todo mundo iria repudiar esse crime? Imaginou como iria perder votos, um a um, caindo em direção ao colapso.

– O que você quer, seu merda...

– Não prenda Bruno Arantes, e ofereça um emprego, não podem saber que foi você..., mas o emprego precisa ser longe daqui. Distante! São Paulo, Rio, Minas. Você pode escolher.

– Qual o seu problema com esse Bruno? Que porra ele é pra você, hein, responde!

– Não interessa, isso não faz parte do nosso combinado. Faça o que mandei, e antes que queira queimar o meu arquivo, que sou eu, pense que esses fotos não estão apenas comigo, mas com dezenas de pessoas, e elas não pensaram duas vezes antes de publicar essas imagens depois da minha morte!

– Eu já entendi, eu já entendi, já entendi! Agora sai daqui, sai, vai embora daqui!

Elias juntou as fotos e saiu. Parou em um orelhão, onde digitou um número que havia decorado a anos.

– Alô? Joana, Joana? – Indagou, esperando a voz feminina do outro lado da linha.

– Oi, Elias, que bom que ligou, que bom mesmo, isso é ótimo, o que me

diz, conseguiu tirar o meu filho de ser preso? Conseguiu impedir que meu filho fosse preso? Conseguiu?

- Sim, O Bruno está salvo, eu consegui, Joana, eu consegui.
- Obrigada por fazer isso por ele, pelo...
- Eu preciso ir...
- Vá! Vá!

Prólogo ||||

Início, fim, propostas, adeus Recife!

A maca percorreu alguns metros até adentrar a sala médica, um doutor examinou rapidamente o corpo desacordado, no mesmo instante em que enfermeiras e auxiliares realizavam os procedimentos recomendados.

Uma outra médica se uniu ao grupo, informando de maneira espalhafatosa que fazia parte da chefia de cardiologia. Se aproximando, examinou o cardiograma emitido pela máquina, elogiou vagamente a enfermeira responsável pela agilidade. Encarou por alguns segundos o painel que demarcava a pulsação do coração, notando o ritmo acelerado, aumentou o tom de voz e ficou de ponta de pé ao falar:

– Preparem a sala de cirurgia... Ele está desacordado, é fato. Os batimentos também estão acelerados, se continuar com essa taquicardia descompensada, não sobreviverá!

Dois homens cruzaram os arções da porta principal com o chamado do médico, indo direto na direção de Bruno. Puxaram a maca rapidamente pelos corredores.

...

– Sr. Bruno! Abra os olhos, isso, abra os olhos! – Conhecia aquela voz. – Sou eu, a que te atendeu antes do teu surto... E coloque surto nisso, viu?

Quando finalmente conseguia abrir os olhos, encarou a jovem com ternura. Apreciou o tom cômico em sua voz, mas estava tão fraco que não conseguia emitir uma risada. Respirou fundo, pela primeira vez não sentiu dificuldade. Aos poucos, sua visão se adaptava a luminosidade do ambiente.

– Como estou? – A frase saiu vagarosa, recebida com atenção por Suzana. – Estou bem?

– Digamos que... O senhor está se recuperando! Após a cirurgia, passou as primeiras noites muito bem, não estou dizendo isso apenas pra você pensar que está bem, de fato. Está bem de verdade! Ai, meu Deus, eu preciso melhor em

relação a isso, apenas preciso melhorar!

Os dois riram.

...

No período que passou no hospital, ambiente cujo aprendeu a odiar, passou horas preparando uma lista de situações a serem feitas ao sair. Preferia manter sua mente ocupada, e foi isso que fez.

Em um bloco de notas comprado por Suzana, a enfermeira que tanto lhe prestou carinhos e cuidados, separou as atividades em lista:

1 – Preciso visitar o túmulo de Sophia, prestar o final de um luto, fechar os laços fraternais.

Bloco de observação: Procurar informações do necrotério.

Foi isso que fez. Ao sair do hospital pelo primeiro dia de alta, foi até o necrotério de Santo Amaro, próximo ao cemitério popular buscar notícias. Não foi bem recebido pela moça vesga da recepção, que o respondeu com ignorância, ao mesmo tempo que não lhe informava o que queria saber. Por final, entre os vários corredores do espaço, encontrou uma alma caridosa que decidiu o ajudar, buscando arquivos no banco de dados, disse a resposta.

Sophia fora enterrada no Cemitério Central, um dos mais renomados espaços do Recife, resguardando os restos mortais do ex-prefeito Aragão de Lucena e sua esposa Letícia Anália de Lucena. Buscou o corredor quatro e lápide quarenta e sete, em frente ao jazigo da família Amaral, ao menos essas foram as informações dadas pelo coveiro.

Encontrou a lápide, ladeada de flores murchas. Indagou para si mesmo o motivo de ela ter sido enterrada ali, nunca recebeu dinheiro da mãe, que morava na Inglaterra. Muito menos sabia quem era seu pai. Preferia esquecer tudo, focar apenas no luto, uma despedida... enfim um adeus correto.

2 – Falar com o professor que o ajudou a não entrar na prisão.

Nem Suzana conseguiu o ajudar nessa busca. Fez diversas procuras nas faculdades de História do Recife e Olinda, além de buscar informações e notícias nas centrais de jornalismo. Sem respostas dignas e concretas, decidiu abortar essa ideia, mas permaneceu com o sentimento de um dia conseguir falar com Elias, ficar frente a frente com o homem que conseguiu sua liberdade.

3 – Conhecer pessoas novas.

Suzana foi a primeira pessoa que saiu após a retirada do hospital.

Convidou a moça para ir até uma lanchonete recém-aberta na área nobre

Doce Lar da Comida!

As primeiras horas de ambos percorreu de maneira clássica, após os pedidos chegarem, enquanto levavam a comida a boca, uma conversa calma e sutil tomava forma. Os conhecimentos sendo compartilhados entre um e outro, risadas, emoções.

No final, ao pagar a conta e se retirar da lanchonete, o clima pareceu mudar, esquentando e aproximando as energias de Suzana e Bruno. As bocas encostadas, o amor compartilhado, unindo ambos em um vínculo sutil.

O apartamento que Suzana era pequeno, contudo, suficiente para caber uma cama. Escolheram o sofá para aquela noite. Aproveitaram um ao outro, ambos sentiam o desejo da carne e um sentimento pelo outro...

Mantiveram uma relação agradável nas primeiras semanas, até que de uma maneira que causou espanto, Bruno recebeu uma carta, indicando uma vaga de emprego em Minas Gerais. A despedida foi triste, como todas, mas entendida por ambas as partes. Interpretaram tudo aquilo como uma oportunidade de ele recomeçar sua vida. Adeus...

Durante os dois primeiros meses, se comunicavam pelo telefone. Todavia depois, de algum modo, Suzana sumiu. Perdeu as contas das noites que ficava debruçado em uma escrivaninha, mesa de bar, charrete, escrevendo palavras para ela. Todas sem respostas.

Não imaginava o jovem, que em dezessete anos, ao retornar a capital Pernambucana, encontraria ela morta em uma igreja. Assassinada! Por quem?

Pensou durante anos onde ele poderia estar. Se havia se mudado para outra cidade, estado, país. Se conheceu outro homem e partiu em uma jornada pelo mundo. Se apenas queria esquecer o passado com Bruno e partir em uma nova linha.

Onde estava Suzana?

O que estava fazendo?

MANUSCRITO

ASSASINATO NA IGREJA



RECIFE - 1996

Segunda e última parte

Capítulo 1

Primeiro bom dia

A mulher branca e de cabelos loiros retoma sua vida, erguendo o corpo cansado e com respingos do sono profundo. Em um bocejo único, leva seus olhos diretamente para a janela principal do quarto, notando o sol pairando sobre as árvores, flores e frutas dos bosques e jardins.

Ao olhar para o lado, não nota a presença de Genilda, um dos principais laços fraternais que conseguiu construir. Quando chegara na Igreja das Marias em novembro de 1982, foi amplamente acolhida pelo Padre Gonçalo, regente das missas e comandante de orações matinais, e essencialmente por Genilda, que fora capaz de lhe ensinar desde os mais básicos aos mais complexos mandamentos e regras da igreja.

O espelho está um pouco sujo, alguns respingos de água marcam o contorno feito de madeira. Liga bastante para seus detalhes faciais, iniciando o processo determinado para aquele último dia. De acordo com o cronograma dos períodos da Central Católica, o cargo que Suzana ocupa, Moralista religiosa, entrará num longínquo período sabático.

Aspira o ar que adentra o pequeno basculante e emite um sorriso doce e leve. Suas mãos molham o rosto, e logo adentram os fios loiros e domáveis. Adiciona um pouco de água, um olho e creme num pote, organizando tudo, formando uma mistura branca. Passa tudo lentamente nos fios. Ao término do processo organiza um coque simples.

Veste o vestido tradicional da igreja e parte para o salão principal. Encontra Genilda na outra ponta, conversando com uma beata que decide lhe contar sobre o clima quente. Parte para o cronograma cravado num canto afastado, se deparando com Jordana, uma mulher de cabelos curtos.

– Atrasada novamente, Srta. Suzana? – Sua voz possui um tom irônico, ao mesmo tempo em que permanece com a autoridade que seu cargo exala. – Mesmo sendo o seu último dia, precisa prosseguir com os desígnios de Cristo.

Seus olhos focam apenas nos horários, entrando em um mundo onde o trabalho que importa, um local cujo as acusações infundadas de Jordana não conseguem lhe afetar.

– Não vai me responder? Acho que o padre não gostaria de saber do tipo de pessoa que você anda se tornando. – Repetiu, dessa vez aumentando o tom de voz.

– Eu acho que as vezes você se mete de mais na vida dos outros, se o padre de fato se importasse com meus atrasos de dois minutos e vinte e dois segundos, ele mesmo teria vindo falar comigo. – Fitou o par de olhos verdes da freira, que o encarou com perversidade. – Pois bem, agora preciso ir, afinal não posso gastar meu dia discutindo com você, e os argumentos seriam infinitos. – Deu alguns passos para traz. – Passar bem!

A mulher se retirou do canto e se encontrou com Genilda no salão principal. A parda lhe entregou o cesto da colheita e caminharam em silêncio até saírem do campo principal de visão.

O caminho ladeado de pedrinhas cinzas foi percorrido pelas duas. O silêncio finalmente foi quebrado por Genilda, em um tom leve e esperançoso.

– Satisfeita pelo trabalho? – Indagou, os filhos fixos.

– Isso é só pra quebrar o clima e a gente começar a falar coisas normais? – Seu tom soava cômico.

– Talvez...

– Ok, satisfeita pelo trabalho! Todo esse tempo foi interessante. Ok? Agora podemos conversar sobre coisas normais?

– Podemos! – Concordou com gestos.

Entraram em uma curva acentuada, dando princípio a um belo jardim, talhado em quatro principais núcleos, dando acesso a folhas especiais e flores específicas.

– Adivinha quem veio falar comigo hoje? – Disse Suzana, partindo para um canteiro separado. – É surpreendente como ela ainda fala comigo como se eu fosse uma... uma novata! – Apoiou o cesto de madeira em um batente, parou por alguns segundos. – Ela sempre com aquele ar de mandar nas coisas, como se de fato mandasse em algo. Ok, ela é praticamente uma mãe para aquelas meninas que acolhe, mas mesmo assim, pra gente? É a idade! – Segurou um aguador cheio e molhou algumas flores.

– Pensei que tinha se acostumado com tudo isso, nunca foi de hoje que ela é assim, e você sabe disso. – Genilda pegou abriu uma caixa de ferramentas. – Ela extrapola às vezes, na verdade quase sempre. – Pegou de lá uma tesoura e partiu na direção do breve gramado que revestia a base do canteiro, o aparando delicadamente.

– Pra mim é loucura, o nome disso é – Ergueu as mãos e fingiu a entrada

triumfal de um letreiro imaginário, imitando a caricata voz de Jordana. —: “preciso me aposentar, mas infelizmente eu não sei quais seriam as rédeas que isso aqui tomaria, sabe? Eu praticamente nasci aqui, vivi todos os belos anos de minha vida, largar o meu trabalho que tanto amo, seria com certeza um em um infinito total” – Terminou a frase pontual como uma gargalhada, que contagiou Genilda.

– Vamos deixar a bruxa do Agreste de lado. – Emitiu um grunhido que mais parecia uma risada contida. – Precisamos planejar o que você vai fazer quando der adeus a tudo isso aqui.

– Não tem nada a ser planejado, sinceramente eu não pensei em exatamente nada, por mim voltava pra casa e descansava. – Parou de aguar e retomou o cesto, indo até Genilda que fez o mesmo, voltaram a caminhar. – Não tem nada pra ser feito, coisas do passado são coisas do passado, o tempo que eu passei aqui foi libertador.

– Deveria parar com esse discurso clichê de falsa beata!

– É um comentário de falsas beatas, confesso, mas tem um pouco de verdade. No começo eu pensava no passado, nas coisas que eu poderia fazer quando saísse da igreja, mas agora tudo parece tão mais distante, acho que a minha missão era me tornar uma falsa beata mesmo. – Riu da própria piada.

– Quando você se refere ao passado, tá falando do... – Não conseguiu completar sua frase, talvez porque aquele nome causasse impacto na fluidez que a conversa estava tomando.

– Do Bruno! – Afirmou. – Eu acho que não.

– Para de mentir. É claro que tem curiosidade ao menos de saber o que passou enquanto tava em Minas. Não é possível que você apertou um botão no cérebro e esqueceu de uma vez.

– Escolho essa opção. – Segurou uma risada.

– Vamos aos Correios do centro. – Permaneceu andando, contudo, notou que Suzana havia parado, abismada, retornou ao ponto em que estava, os olhares agora estavam retos, um ao outro, cruzados em uma única sintonia.

– Correios? – Indagou surpresa.

– Antes de virar uma Moralista cristã, prestei trabalho nos Correios, tava terminando o minicurso de Organização de Setores, e o dono do curso tinha contatos com o dono dos Correios, e aí ele arrumou um estágio não remunerado para os dez alunos, ok, eram poucos alunos. – Voltaram a caminhar. – A sala começou com quarenta, mas aí os preços foram crescendo, a cada semestre tínhamos que comprar mais apostilas, materiais, cadernos novos e por aí vai...

uma infinidade.

– Você começou falando que eu deveria pegar as cartas do Bruno, e terminou falando sobre um cursinho falido que queria lucrar a todo custo em cima dos alunos?

– Não era falido, enfim... – Desviou do assunto, retirou uma mecha que se desprende do coque. – Tenho experiência e conheço como funciona, caixas postais, códigos postais, tudo isso, eles praticamente são infinitos, se é assim que eu posso dizer. Eles não acabam até que aquela agência entre em falência, ou o chefe mande fechar todas as portas, aí que entra o complicado, essas caixas postais são enviadas para outras centrais mais afastadas...

– Desse modo... – Fez um gesto convidativo, indicando que Genilda continuasse com sua explicação.

– Como a principal central dos Correios do Recife ainda não entrou em falência, quer dizer que desse modo, todas as cartas enviadas pelo Bruno, por todos esses... sei lá, dez, quinze anos, estão lá, prontas para serem lidas pela pessoa que ele escreveu. Pronta para serem lidas por você... afinal, por quantos anos vai esconder esse segredo dele, quantos serão necessários para olhar bem para os olhos dele, e falar pra ele, dizer de uma vez por todas o motivo de você ter se afastado.

– Eu não sei se eu estou preparada!

– Você precisa dizer que Maysa, a sua filha, possivelmente é filha dele também. Precisa afirmar para esse homem, que ele pode ter uma filha, que ele pode ser um pai!

...

Retornaram do bosque com os cestos cheios. As frutas e legumes pareciam saltar do entalho de madeira. Adentram o corredor principal no outro lado da igreja, onde as cozinheiras preparam uma boa comida. O último dia de todos os cargos que por ali passam, costumam ser regados por um último jantar, levando a mesa os principais cargos da igreja.

A mesa estava pronta e unida através de uma mesa bordada. Maria Tereza junto com Maria, uma das cozinheiras, colocava tudo em disposição na grandiosa bancada. As coxas de frango, molho e vinho contrastavam diante do vermelho. Após um novo banho, Suzana voltou a mesa, onde não demorou muito para que Jordana chegasse. Agora seus cabelos estavam soltos, e belos como sempre. Cinco minutos foram necessários para que todos o padre

chegasse, acompanhado das moralistas Maria Tereza e Jordana. Todos se sentaram em seus lugares, e Gonçalo iniciou uma graciosa oração.

Tudo estava em seus perfeitos conformes. Suzana gostava da igreja, apesar de passar os últimos dezessete anos da vida diante de todo aquele espaço regado de religião, sentia apreço pelo clima garboso que exalava. Se lembrava exatamente quando chegou na Igreja das Marias, o acolhimento que recebeu principalmente de Genilda. O padre mostrou a felicidade que encontrou ao receber uma nova moralista, coisa que não surgiu de Jordana. Maria Tereza parecia servir como Rosemary, sendo guiada pelos mais tediosos confins da parceira. Apesar de tudo, a jovem sentia que após passar quase duas décadas, Jordana era como uma mãe, habitando a igreja desde os mais variados anos.

– Essa comida está ótima! – Disse o padre Gonçalo, em um tom único. – Inteiramente ótima, as mãos de Maria de Fátima e da Bruna Izabel são ótimas, quase de ouro. – Deu uma garfada na coxa de frango.

Genilda sorriu, entregando mais um sorriso para Suzana, que retribuiu enquanto bebia o suco.

– Verdade, sempre que pode ela dá um jeito de mudar o tempero, fica sempre ótimo mesmo. – Disse Suzana. – A quantos anos Maria de Fátima trabalha por aqui?

– Ah, minha filha, digamos que ela é quase uma irmã gêmea, levando em consideração a igreja. Quando isso aqui ficou de pé, rodaram vários padres e afins, mas tudo mudou quando Antony implantou o que tanto queria. – Gonçalo limpou a boca, Jordana repudiou ao escutar o nome do prefeito. – Quando vim pra cá, ela também veio, por isso sempre digo que somos gêmeos.

– Por favor... – Iniciou Jordana. – Não vamos falar do passado, a igreja é antiga, mas ainda não se tornou um museu.

– Não acho isso, Jordana. – Argumentou Suzana. – Precisamos falar do passado, o passado faz parte da gente, ou eu estou mentindo? – Genilda encarou Suzana e abaixou a cabeça para esconder o riso, escutara a amiga dizendo o oposto anteriormente.

– Isso é o que você acha, Suzana, às vezes a gente se torna pessoas que não queríamos ser, pessoas que o passado impôs, longe de nossas ordens.

– É exatamente aí que eu quero chegar, o passado constrói as pessoas, ele ajuda a desenvolver certas coisas que não sabíamos que teríamos, habilidades, olhares diferentes, tá aí, eu pensava que você seria diferente quando cheguei, e mesmo depois de tudo, permanece sendo a mesma.

– O que você quer induzir com isso? Quer dizer que eu não mudei, que não

amadureci? Suas questões e padrões devem ser atualizados, bela moça.

– As suas questões e os seus padrões que devem, não que eu esteja brigando pela pessoa que você é, pelo contrário, eu levo você como uma dessas senhoras que não se atualizam com o mundo, que pensa que o atual é o mesmo que antes, sabe essas pessoas? Essas que simplesmente repudiam o passado, mas parecem viver dentro dele.

– Não faz ideia do que está falando. Está apenas soltando essas palavras desconexas pra tentar atingir algo que se encontrava totalmente trancafiado. Se você quer que eu pare de ser essa pessoa que tanto fala, e me torne exatamente de acordo com os seus moldes, eu sinceramente...

– Não, claro que não, Jordana, jamais vou querer que você tente se encaixar nos meus moldes, apenas queria que... eu preciso falar, você sempre foi assim comigo, sempre ríspida, ao contrário da Maria Tereza.

– Infelizmente quando Deus criou tudo, apesar dos principais serem Adão e Eva, cada um é diferente. Eu não tenho culpa se você acha que eu deveria ser igual a Tereza, apenas isso.

– Parem com isso! – Afirmou o padre.

– Padre, você sabia que Suzana anda se atrasando nesses últimos dias? Um atraso atrás do outro, inclusive hoje em seu último dia de trabalho.

– Eu não menti sobre você ser ríspida, querida Jordana.

– Eu também não estou mentindo sobre seus atrasos, mas se o padre não tem interesse em descobrir, quiçá eu, não é? Pois bem, eu me recuso a fazer parte da mesma mesa que a moralista que vai entrar de férias, eu me retiro daqui!

Jordana se levanta e sobe as escadas, Maria Tereza antes de se levantar e seguir os mesmos confins, encara os olhares assustados de todos diante da mesa. Abrindo a porta do quarto lentamente, adentra e senta ao lado de Jordana. A cama está devidamente arrumada, e a coloração amarelada adentra a janela aberta.

– Precisava fazer tudo isso? – Indagou Maria. – É o último dia dela, e você não devia seguir com esse ritmo, ela tem os motivos dela, você tem os seus, mas seguir assim, Jordana, só vai diminuir o tamanho da sua força com o padre. Não pode se deixar levar pelo passado, a gente sabe do que fomos capazes, mas não podemos continuar assim. Eu me calo sempre que percebo que falo muito, não é à toa que eu quase não falo entre eles, mas você... Você tá sempre assim, descontrolada, gritando, parece que sabe de alguma coisa que eu não sei, parece que sabe...

– Eu sei... – Sua voz se tornou embargada, uma lágrima decaiu os olhos.

– O que você sabe? Diz, fala pra mim, Jordana. O que você sabe que eu não sei. Passamos por tudo juntas, e devemos permanecer juntas. Fala pra mim, o que você sabe que eu, Maria Tereza, sua amiga, praticamente sua irmã, Jordana, não sei. Fala, fala pelo amor de Deus, por tudo que é mais sagrado.

– Eles voltaram... Voltaram a repetir tudo aquilo novamente, eles voltaram.

– A quanto tempo? Quanto?

– No mínimo uns seis anos...

– Quem é a vítima? Quem tá sendo usada por eles dessa vez?

– Eu não sei, eu não sei. A minha cabeça tá uma pressão só, eu não aguento mais pensar em mais nada sobre igreja, sobre ele, sobre tudo. Eu não aguento. Ele quer conversar comigo, ele quer falar sobre algo que eu não sei. Eu sinto que vai ser pior.

– Você tem ideia sobre o que ele quer falar?

– Nenhuma, mas com certeza é pra acabar com alguém, é pra massacrar com a vida de alguém, como ele sempre fez.

– Quem você acha?

– Antes eu preciso descobrir quem anda envolvido com isso. Preciso descobrir quem está sendo usada por eles, preciso ajudar.

– Você não vai ajudar nada, se ele descobre que você sabe, corta tua língua, o pescoço, e amarra em praça pública. Você vai ficar calada, e sem tentar descobrir nada. Tudo que ele disser, me escuta... Tudo que eles, que ele disser, você vai fazer, sem pestanejar, sem olhar pra traz. Se ele, se eles olharem para os teus olhos e disserem que você tem que mandar alguém para o inferno ou o paraíso, você faz. Se pediram pra afogar, você afoga, se pedirem pra matar com arma, você atira, se pedirem pra acabar com a tua vida, com a minha vida, a gente pula junto da ponte mais alta dessa cidade. Assim como chegamos, vamos embora juntas... juntas!

Capítulo 2

O avião

Fechou Assassinato no Expresso do Oriente. Respirou fundo, abriu novamente o livro e mais uma vez checou se sua respiração estava normal, e sim, estava normal. De fato, pensou sobre as surpresas que tudo aquilo lhe provocou, lhe tirando do medo profundo de viajar de avião, até se deparar que já havia chegado no Aeroporto do Recife.

As pessoas saem quando o comandante autoriza a saída dos mesmos. Pegam suas malas nas laterais do avião e partem para a área externa. Bruno é um dos últimos a sair, como sempre trabalhou com listas, no mesmo princípio de que precisava se organizar mentalmente, separou mais uma vez o que precisava fazer naquele primeiro dia. Pensou em diversas atividades interessantes, desde visitar antigos pontos, encontrar amigos, pesquisar um pouco mais sobre como andava a sua área de trabalho. Falar com Suzana! Saber se ao menos estava viva.

A brisa intensa da manhã cruzou o horizonte e banhou seus cabelos negros, que entraram num ritmo intenso de movimentos ondulados. Os passos seguidos da mala de rodinhas, percorreram todo o espaço, até finalmente poder descansar em um banco de metal próximo da praça de alimentação.

Abriu a mala e tirou de lá um caderno novo, uma das únicas lembranças que trouxera consigo de Rosa Branca, local que habitou durante os últimos dezessete anos. Comprou nas Lojas Ferreira Silvestre, no principal pátio de Comércio da cidade, próximo da mansão Júlia Castelo.

As páginas em branco comprovam a falta de criatividade que lhe tomou um rumo sem precedentes. Ou apenas um simples sinal da inspiração. No tempo de intervalos da Metalúrgica na qual trabalhava, costumava anotar sinopses, simplificar diálogos que ouvira no percurso do ônibus, na caminhada matinal, e principalmente reunir ideias para um futuro romance.

Um dos principais refúgios para suas tardes nos finais de semana, era a Livraria dentro de um shopping. O térreo era comandado por prateleiras organizadas, com livros de diversos autores, contando com grandes lançamentos da literatura nacional. Bruno preferia ficar no primeiro andar, um espaço cuidadosamente planejado para estudos, e era exatamente essa função que

adorava.

A reunião de ideias durante todo aquele tempo, fizera com que uma obra intensa e ao mesmo tempo delicada surgisse diante das folhas de ofício, ao menos foi isso que disse o primeiro crítico do jornal público, ao destacar na sua coluna jornalística, o fato de autores Brasileiros estarem crescendo no mercado editorial nacional. As palavras sinceras, provocaram um sentimento ainda mais delicado na hora de construir uma nova obra, contudo esses mesmos sentimentos provocaram uma série de impedimentos.

Empacou, era essa a palavra que conseguia definir tudo em sua volta.

– Senhores passageiros... – A voz feminina ecoou pelo aeroporto.

Guardou o caderno mais uma vez em branco e seguiu. Pegou a mala e agora finalmente estava livre para fazer o que queria, o primeiro de tudo era entrar em contato com Suzana, mas quem o atenderia? Pensou nas diversas hipóteses. O dia estava apenas começando, poderia simplesmente começar com um telefonema. Retirou do bolso, um papel amassado com um número, parou em um orelhão e apertou as teclas.

A pessoa que atendeu do outro lado tinha uma voz conhecida, Suzana havia mudado?

Diário incompleto

Encontrei um homem 1982

Hoje conheci um homem tão bonito, sim, ele é bonito, bem bonito. Também é inteligente, muito inteligente. Ele tem um toque de Dom Casmurro, mas também de Arnold (não sei terminar o nome dele) Começou na biblioteca, sim, se os meus filhos tiverem lendo esse diário, eu e o pai de vocês nos conhecemos na minha biblioteca, chamo de minha porque sinto que ela é minha, sinto que é minha.

Mas ele apenas foi pedir um livro. A letra dele é bonita, talvez eu peça pra ele escrever mais coisas, sinto que é um belo homem. Pediu um livro de história, e eu o achei simplesmente um dos mais intelectuais que já conheci, um dos melhores.

Talvez eu tenha ficado com vergonha de ir mais além, sabe quando a gente vai mais além? Queria falar com ele e marcar um encontro, mas seria necessário? Vocês acham que seria necessário marcar um encontro. No Duelo de paixões da Margareth Braga Sophie, o Harry que chama a Juliana pro baile, ele que chama a moça para um jantar. Sinto medo de parecer um troglodita do século cinco. Imaginem, simplesmente trágico. Talvez em um outro dia ele volte. Talvez daqui a quinze dias, que é o tempo que as pessoas costumam a devolver os livros, isso se ele não der um calote na biblioteca e sumir com o Comércio, aí eu desisto do amor e desviro Santo Antônio do copo cheio, maldade com o santo. Ele deve encalhar a pessoa apenas de raiva, raiva de colocar ele engolindo água durante tanto tempo.



Ele voltou a biblioteca com os quinze dias, algumas horas de atraso, mas ao

contrário do que Flávia, minha amiga de trabalho pensa, não sou louca, ela que parece ser louca. O card vem junto do livro, e vejo o nome formoso, Bruno Arantes, não é lindo, sim, é um nome lindo e incrível. Bruno Arantes.

Talvez ele pense que sou uma louca, mas chamo ele pra sair. Vamos a um bar próximo do trabalho e ele simplesmente tem um cheiro peculiar. Um perfume incrível. Eu peço um café que dura alguns minutos, e quando o horário que o estabelecimento fecha, eu desisto de tudo. Ele parece ser lento, mas eu quero ir mais além, até lembrar que existe outra coisa para a noite.

Digo adeus, um adeus já basta, espero encontrar ele em quinze dias... quinze dias!

O telefone toca e eu já sei quem me aguarda do outro lado. Não consigo ouvir mais aquela voz, acompanhada de sussurros intensos durante a noite, às vezes únicos, e às vezes não. Visto a solene roupa preta, querendo levar uma faca no bolso, mas desisto de tudo isso, ele é um homem importante, e sua morte me prenderia em quaisquer das hipóteses. Saio de casa, mas preferia morrer do que enfrentar tudo aquilo novamente.

Capítulo 4

Central dos Correios

Genilda surgiu na multidão que tornava a entrar no local, Suzana tentou entender tamanho alvoroço ao seu redor, até notar uma placa enorme pregada em uma pilastra, indicando: Vagas de emprego disponível, com direito a passagem e vale-refeição.

Abriu um sorriso quando sua amiga apertou seus braços, lhe trazendo de volta de alguns devaneios.

– Eu disse, minha experiência nunca falha, e olha só quem eu peguei! – Disse em um tom um pouco mais alto, girando a chave da caixa postal nos olhos de Suzana.

– Deixaram assim? Sem fazer perguntas? – Estavam caminhando lentamente, ao menos não tentando esbarrar em alguém. – Porque acho que foi ontem no Cinema São Luiz, eu vi um filme sobre um cara que tentava roubar um banco.

Atravessaram uma faixa específica para idosos e deficientes, de fato a central dos Correios estava um caos.

– Parece interessante! – Tentou parecer empolgada, contudo, Suzana achou tudo uma péssima encenação de teatro.

– Mas era interessante, e aí ele precisava pegar um código misterioso nos Correios, aí ele planejou cada detalhe, um verdadeiro plano.

– Onde se passava o filme?

– Estados Unidos!

– Amiga, eu não preciso nem comentar.

Sentiram-se aliviadas ao perceber que a central de cartas não havia muita movimentação. Duas jovens cruzaram o arçob principal, apenas uma velha senhora tentava abrir sua caixa, resmungando palavrões.

– Preparada? – Genilda queria criar um clima de suspense, mesclado com os poucos filmes de terror que viu durante toda sua vida.

– Preparada! – Afirmou com convicção.

A chave entrou em um encaixe perfeito na pequena caixa de metal, mas

antes que ambas abrissem um sorriso indicando a satisfação de verem todas as cartas, a velha se aproximou.

– Esses Correios sempre é um inferno, quase todo momento é essa palhaçada inteira, e agora essa minha chave não está pegando. – Antes olhava apenas para Suzana, que retribuiu suas reclamações num sorriso simpático. – Eu vi você em algum lugar! – Gritou ao olhar o rosto de Genilda.

– Não... Eu tenho quase certeza que a senhora não me viu em nenhum lugar. – Disse tentando mudar de assunto. – Com certeza não!

– Você trabalhava aqui há alguns anos, tô me lembrando de você, menina! Ok, trabalha aqui ainda e vai me ajudar a encaixar essa maldita chave!

Genilda se deu por vencida e partiu junto com a mulher para a outra cabine. Suzana não conseguiu conter a curiosidade e pegou a primeira carta, o título dizia: Isso é um adeus.

Queria olhar o rosto dele novamente, queria falar com ele. Mas o destino não costuma brincar em serviço, Bruno se encontrava do outro lado da rua, dentro de um restaurante, esperando uma mulher que guardava preciosas informações sobre onde estava Suzana.

Capítulo 5

Onde está Suzana?

Escolheu uma mesa de fundo, próxima a uma enorme janela que destacava o movimento dos carros e ônibus da avenida. Permaneceu em um clima frio, motivado pelo ar-condicionado fora da média ideal. Enquanto observava os minutos se passarem como um dia que parecia ser perfeito, encara o entra e sai de pessoas do restaurante, não encontrando as características descritas pela moça.

– E como eu vou saber quem é você? – A pergunta dentro da mente parecia ser direta, mas considerando a duração da conversa, com certeza a mulher ao outro lado da linha o acharia um verdadeiro tapado.

– Você precisa se tratar, querido. Não é possível que a Suzana saia com um cara como você, todo lento e sequelado, pelo amor da Virgem... querido, meu bem, meu amor, meu melzinho, eu sou uma mulher branca, com certeza usarei um turbante colorido, argolas enormes e a farda ridícula da enfermaria. Apenas isso!

Pediu um café enquanto aguardava a chegada da branca de turbante colorido e argolas enormes. Tomou quase por completo, até abrir o seu caderno e anotar uma nova ideia, olhou ao redor, e finalmente escreveu poucas frases sobre um conto de mistério que se passava em um restaurante. Alguns segundos foram necessários para achar a ideia ridícula, rasgou a folha e quando procurou um lixo, lá estava ela... A branca de turbante colorido e argolas enormes, e de fato essas características representavam bem quem ele era.

Deu um aceno para a moça, que com um sorriso forçado sentou.

– Pediu um café pra não parecer estranho ficar alguns minutos parado em um restaurante, eu conheço essa tática, ganhão sequelado..., mas tudo bem. – Fez uma pausa, fitando Bruno com seus olhos castanhos. – Pensando por outro lado, a Suzana fez bem transando com você, até que é um baita homão! – A frase causou um silêncio constrangedor.

– Eu acho que isso é um elogio?

– Sequelado...

– Certo, então vamos fechar apenas algumas afirmações. Podemos começar para onde Suzana foi quando me mudei pra minas. – Indagou com convicção que dessa vez ela não citaria a palavra “sequelado” e muito menos viria com piadas externas.

– Nem uma cervejinha pra esquentar o clima? – Gemeu.

– Por favor! – Elevou as mãos ao rosto e tentou se acalmar.

– Se eu soubesse que Mineiro era mão de vaca, mas tudo bem, as pessoas costumam gritar comigo quando perco os meus limites, você não gritou. Tá legal, eu tava esperando você gritar, deve ser tão sexy gritando. – Pegou o copo e bebeu o resto do café, fazendo em seguida uma careta. – Ela não parava de falar de você, praticamente as únicas amigas que ela tinha era eu e a Gardem, concordo que é um nome ridículo. E bem, sempre afirmando que sentia saudades e que precisava contar alguns fatos antes de sua partida, no começo a gente achou que ela iria se matar, esse negócio de partida é sempre caótico

– O que ela exatamente queria falar pra mim? – Esperou Fabiana dizer o início da frase, até completar sua tabela de perguntas. – E por que não atendeu as minhas ligações e nunca respondeu minhas cartas?

– Estava confusa. Até mesmo os seus últimos dias como enfermeira do José Alfredo, ela parecia uma mulher doida, como se tivesse acabado de sair de um hospício, mas acho que hoje ela tá melhor.

– Você ainda não respondeu a minha pergunta, o que ela queria falar pra mim? – Indagou novamente.

Os olhares cruzados deixaram o silêncio importuno um pouco mais confortável. Fabiana tentou reunir as lembranças do passado e ao menos dizer uma resposta que parecia mais convencional. Penou para emitir um primeiro som, saindo sem conexão, respirou mais uma vez fundo e dessa vez viu que estava convicta.

– Suzana estava grávida! E a confusão que eu disse antes, era porque ela não sabia quem era o pai. Suzana, sequelado, estava, ou melhor, esteve grávida. Teve um filho ou filha, não sei, ela sumiu. Mas a questão que todo mundo do João Alfredo comentou, era de quem era o pai. Se era teu ou de outra pessoa que nem a gente sabia.

O telefone de Bruno toca, ele atende.

Capítulo 6

Os seus netos, seu Elias... Os seus netos estão um absurdo, conversando dentro da aula e dificultando o trabalho do professor!

– Oi, você? Ah... é claro que me lembro, você é... A coordenadora da escola do meu neto, mas sim, o que precisa de mim? O que ele aprontou dessa vez?

Colocou o telefone no gancho, e partiu para a escola do neto, que ficava a duas quadras da casa. Os alunos permaneciam em suas salas, e foi diretamente a sala da diretora, que lhe aguardava em um semblante não convidativo.

– O seu neto, seu Elias, o seu neto junto com aquele amigo Danilo, estão provocando coisas absurdas nas dependências dessa escola, não acham que estão? O senhor precisa dá um gancho nesse menino, senão eu não dou dois tempos pra professora de português reprovar o seu menino, tá me entendendo, seu Elias?

– Oh, claro, mas é claro. Claro, claro, claro. Claro, claro, claro, é isso mesmo. Meu neto precisa de uma corda, ele tem que ter um gancho, pode deixar que eu me resolvo com ele em casa, eu me resolvo.

– Vai dar uma surra das boas no moleque?

– Achei boa a ideia. Seria ainda melhor se eu pudesse chamar a professora de português pra bater junto. Não é uma boa ideia?

– Nossa reunião está encerrada, obrigado por vim e sempre estar presente, muito obrigado, senhor Elias.

A avenida principal estava cheia, talvez pela causa da inauguração do novo mercado. Aquele bairro era atípico, quase um dos únicos lugares onde os moradores faziam festas para abertura de um mercado.

Elias passou pela esquina que vendia quadrinhos, e comprou a edição

exclusiva do Zé Carioca. Conversou por alguns minutos com o vendedor, um homem estranho, mas que fora bastante importante durante a sua juventude. Sempre morou em Jardim Brasil, morou muito antes do bairro se chamar Jardim Brasil, antes mesmo dele existir. Viu tudo sendo construído aos poucos e se tornando algo interessante para se morar.

Quando chegou na rua de casa, observou o neto e o amigo de bicicletas, partindo para um lugar desconhecido, estranhou a atitude, mas preferiu não comentar. Preferia esperar o momento exato em enfrentar Gabriel. Durante a caminhada até a sua mesa, pensou em como dizer aquela bronca, se dessa vez iria pegar leve, ou se seguiria um caminho mais ríspido e direto, entretanto de nada adiantou, ao olhar todos aqueles papéis na sua bancada.

Já fazia alguns meses, isso contabilizando a parte oficial, faziam anos que adentrava ainda mais sobre o caso sem solução de Sophia Lancelot. Lembrava exatamente de Eliete dizendo que tudo havia ido por ruínas, e que o caso havia sido arquivado por falta de provas. Tudo aquilo fora algo que lhe marcou, de algum modo se sentia próximo da morta, mas não sabia por quais motivos.

...

Gabriel e Danilo apoiaram as bicicletas próximo de um galho e subiram em cima da árvore. O menino moreno fora o primeiro a subir, demonstrando o jeito e gingado que tinha em momentos como aquele. Os cabelos crespos e grande estavam soltos, largado como a brisa do vento. Danilo subiu lentamente, em tese deveria subir mais rápido, sempre foi um dos primeiros a completar esses tipos de ações.

– Qual vai ser o plano pra essa noite? – Indagou Gabriel, puxando de seu bolso um dos cadernos surrados. Localizou com atenção a página demarcada e disse: – Então, segunda-feira a gente foi no barranco, junto com o pessoal da oitava série, eles eram legais, mas não o suficiente. Terça-feira não fizemos nada, quarta-feira o mesmo. Na quinta, você queria espionar a Ester de longe, e quase fomos pegos pelo pai dela, e hoje... O que temos pra hoje?

– Você que é lerdo, lento, eu gosto de ação, nunca menti, mas você é medroso. Por mim eu saia no cemitério de madrugada e tirava as lápides do lugar, mas sozinho, aí, Gabriel, não dá... Não dá!

– Tá bom, então fala, diz, pra onde a gente vai? Eu topo tudo, menos o cemitério. Quero ação também, mas sem mexer com os mortos. Meu avô diz que é pra ter medo dos vivos, mas me diz se você não sairia correndo se visse um

vulto, um espírito na tua frente, hein?

– Cemitério, ideia, sexta-feira, hoje, noite, cancelada.

– Então...

– Então a gente vai no Ferro Velho. Nas sextas o clima costuma esquentar por lá, e a gente vai marcar presença. Leva o caderno, vai que a gente encontra algo interessante.

Danilo estava certo, eles encontrariam exatamente como disse.

Capítulo 7

Sinto gosto de limão

Certa vez o avô de Suzana, o sábio professor da Universidade Católica, João Alfredo, lhe contou sobre o que estava sentindo na tarde de sexta-feira. Moravam em uma casa afastada do centro, ladeada de um gramado e plantações de milho. Construída de madeira, habitada apenas por ele e sua mãe, os únicos sobreviventes do câncer que devastou a família.

Estava debilitado, talvez pudesse aumentar sua estimativa de vida, contudo remediou sua ida ao hospital local. Preferia constantemente cuidar das dependências das plantações e administrar finanças da fazenda. Sentia um medo constante de saber aquela notícia... A notícia.

O leito do hospital fora seu abrigo nos últimos meses de vida, e na sexta-feira, exatamente neste dia, queria saber de onde vinha o cheiro de limão, o sabor, o aroma que tanto gostava. Uma pergunta que não havia respostas, não havia limão em qualquer que fosse o local.

Caminhando pela Avenida com Genilda, que parou para comprar algumas coisas, sentia exatamente esse cheiro peculiar, sem saber de onde vinha, apenas a resolução da morte do avô lhe veio à cabeça. Limão, onde estavam esses limões? Sem alternativas, permaneceu em uma conversa lenta e vaga com a amiga, até chegarem na igreja.

Foi direto para o quarto, arrumando suas coisas, organizando as roupas, lembranças e histórias que pode construir durante aqueles anos. Uma lágrima percorreu seu olho quando Genilda adentrou o quarto, indo em sua direção e dando um apertado abraço seguido de um sorriso gentil.

– Tá legal, agora você precisa parar de bancar a amiga boa e vir me ajudar a arrumar essa mala. – Enxugou mais uma lágrima e riu, contagiando uma gargalhada breve da amiga.

– Só vou ajudar porque vou sentir sua falta, se fosse a Jordana...

– Se fosse a Jordana você pegava isso aqui e jogava pela janela. – Segurou o riso ao notar o semblante não tão animado de Genilda.

– É sério, você precisa parar de achar graça de tudo, a gente tá se

despedindo. – Enxugou uma lágrima.

– Para! – Se curvou para Genilda e retribuiu o abraço. Passou suas mãos na feição da amiga. – A gente vai se ver, eu não vou sumir do mapa, são apenas breves férias do meu cargo...

– Mesmo assim! – Reafirmou com convicção, tentando segurar o choro.

– Imagina se fosse você pra tirar férias? Eu teria que fazer sozinha com ela, a Jô!

– Jô? – Deu um sorriso alegre.

– É pra você se lembrar dela e ao mesmo tempo se lembrar de mim, ok? Agora eu acho que eu preciso ir, eu vou pra minha casa, falar com a minha filha.

– Falando nisso, como tá a Maysa? – Voltou a arrumar a mala.

– Rebelde como sempre, Genilda. E também tem uma coisa nojenta que tá acontecendo entre ela e um pessoal estranho, que eu prefiro não falar nada, é algo extremamente particular.

– Tão particular como suas cartas secretas com o Bruno? – Indagou.

– Não são secretas... Elas apenas são tristes de serem lidas, eu tenho quase certeza que não vou ler essas cartas. Você insistiu que eu pegasse, mas não vai me forçar com correntes de fogo a ler elas. Ok? – Colocou um tom irônico.

Quando finalmente tudo estava pronto, caminharam lentamente até o salão principal, onde apenas o padre Gonçalo a aguardava. Com um abraço apertado no homem, sorriram um ao outro. Sentiria saudades dele, assim como Genilda, construiu laços importantes com Gonçalo, que a recebeu com esmero e orgulho.

– Que você tenha sorte nesse período! – Desejou seguido de um aceno.

Suzana desceu as escadas principais do lado de fora, partindo para o portão da igreja. Se despediu de Genilda, que mais uma vez lhe espremeu num abraço. Entrou no primeiro táxi que passou na ruela, de algum modo sentiu que não podia ir pra casa, precisava falar com alguém, mas não sabia quem era esse alguém.

Enquanto os altos prédios e igrejinhas desapareciam, no decorrer que o carro adentrava no seu bairro, sentia que tudo que estava vendo era a última vez, sentia que todos os olhares e pessoas que veria eram as últimas. Queria saber o motivo desse sentimento, mas também tinha dúvidas sobre o cheiro... sobre o aroma peculiar de limão!

Capítulo 8

O dia passa como

Bruno preferiu ir pra casa após o impacto que aquela notícia caiu sobre ele, simplesmente queria apoiar sua cabeça no travesseiro, sentir que ainda podia se recompor, ter algumas horas de sono e finalmente descansar.

Não imaginava que as últimas horas seriam tão intensas como estavam sendo. A possibilidade de ser pai, de poder ter uma filha, e mesmo assim não ter feito parte da criação durante todos esses anos, assombrou seus pensamentos mais inabaláveis. Não conseguia fixar algo em mente.

As ideias tornavam a se tornar embaralhadas e foram do eixo.

Decidiu fechar os olhos como última tentativa. Seu cérebro em minutos tornou a processar sonhos e pesadelos, desligando do mundo atual, indo para uma situação paralela do que estava passando, desligando todos os botões da realidade e adentrando um caminho obscuro, sem vida.

Acordou desnortado de mais um pesadelo. Bebeu um copo d'água e retornou a cama. A última coisa que viu antes de se perder em devaneios, fora a hora. O relógio ao lado da sua mesinha marcava vinte e três horas da noite. Esperou ter boas horas de sono, calmamente, ao menos era isso que queria.

Capítulo 9

Encontrados pela gangue do ensino médio

Danilo e Gabriel caminhavam por uma rua esquisita e ao mesmo tempo parecida com o que viam diariamente. As casas laterais, marcadas por casebres pobres e não convencionais, e do outro lado, praticamente uma montanha de lataria velha... Era o ferro velho de Jardim Brasil, um espaço que servia de motel nas noites, contudo era comandado por um homem misterioso, denominado peculiarmente por todos da região como Coronel.

– Nem sei o porquê de vir parar nesse lixão. – Iniciou Gabriel, diante da situação, preferia mesmo ter ficado em casa. – Eu... nunca gostei daí. Esse lugar me dá medo, e eu não estou mentindo.

– Para com isso, não vai ter nada, já ouviu falar sobre o motel? O coronel não costuma aparecer nas noites, não é à toa que todo mundo da escola vai parar aí na madrugada, e você sabe muito bem o motivo! – Danilo sim queria ser um Capitão América no futuro, tinha garra de um herói, além de ser com certeza um dos mais corajosos... bem, em certos pontos.

Gabriel assentiu com receio, enquanto via Danilo correr diretamente para as grades do espaço. O menino branco se esgueirou diante das barras de metal, até encontrar um buraco enorme próximo de um carro velho.

– É aqui! – Fez um sinal, Gabriel logo se aproximou.

– Eu ainda não entendi o que você veio fazer aqui, e olha só. Eu sinceramente não gostaria nada de ver um amigo meu vendo as mais perversas coisas, a não ser que você queira mesmo ver, e cá entre nós... se você quiser ver, eu não quero ver exatamente nada. Já temos as revistas em casa, as da playboy são massa, mas ver ao vivo... ver na nossa frente, eu sinceramente não... – Gabriel parou de encarar o céu e se surpreendeu ao se deparar com Danilo do outro lado.

– Vai continuar aí falando? É sério que vai?

– Eu mereço... – Se abaixou e adentrou o buraco. – Tá legal, e agora? A gente faz o que agora?

– A gente...

A voz empolgada de Danilo fora interrompida por uma luz estranha que cruzou o para-choque do carro e brilhou diante dos seus olhos. A luz continuou andando, carregada de alguns passos alternados... Lento, rápido, lento e ofegante, rápido e cansado, lento, lento, lento, rápido.

O menino branco se aproximou de Gabriel, que estava mais perto do buraco, qualquer coisa eles corriam sem olhar o amanhã.

A lanterna foi desligada, os passos continuaram rápidos. Um silêncio repentino parecia oficializar a morte, o final deles, se fossem pegos pelo Coronel estariam fritos.

O corpo finalmente foi revelado.

– O que vocês tão fazendo aqui?

– Montanha? – Gabriel foi o primeiro a falar. Na verdade haviam dois motivos que o fazia permanecer com a boca em formato de “o”, todos os garotos da escola, ou quase todos, colocavam nomes estranhos e maldosos no menino branco e gordo, e pra qualquer um que acompanhassem o dia a dia do Augusto Souza de Montanha, teria certeza que ele não saia com nenhuma menina. – O que você tá fazendo aqui? – Enquanto o menino pensava em uma resposta, Gabriel pensou na segunda opção: Montanha na verdade era um super-herói, e nas madrugadas fazia tramos, salvando velhinhas indefesas do caos inoportuno... Essa ideia não era tão agradável, não mesmo. – Responde!

– Ora, respondam vocês. O que vocês tão fazendo aqui? Marcaram encontro com meninas, ou vocês dois vieram pra...

– Não! – Danilo respondeu prontamente, preferia nem imaginar aquela cena. – É que você...

– Qual é, Danilo? Vai começar falando umas verdades difíceis de ser engolidas... tá legal, eu sou gordo e ninguém daquela escola acreditaria que eu estaria namorando.

– Você tá namorando? – Gabriel respondeu surpreso.

– Não! Claro que não... – Argumentou envergonhado.

– Então o que você veio fazer o que aqui?

– Assaltar a banca de revistas do Zé. – O silêncio permaneceu por alguns segundos, até mais uma sucessão de barulhos se aproximarem lentamente. – Ouviram isso?

Gabriel e Danilo recuarem até baterem suas costas na grade, onde procuraram com o pé uma saída, porém o sapato de Gabriel bateu na cara de um menino pardo.

– Merda! – Saiu rapidamente de traz da grade e encostou em Montanha. – Desculpa, Diego, mas eu não te vi, verdade mesmo.

O menino pardo era tão grande, que ao passar pelo buraco e ficar de frente para o trio, cobriu a fraca luz de um poste lateral.

– Agora vão pedir desculpa? O que tão fazendo aí, juntinhos, hein? – Diego avançava, eles recuavam. – Eu não teria pena de acabar com vocês aqui mesmo, não é verdade verdadeira?

– Por favor! – Suplicou Danilo. – Não mate a gente.

– E se eu matasse? Quem sentiria falta de vocês, só seus avós, não é? Já que os pais estão mortos... pobre pais, mortos pelo acaso!

As costas dos três encostaram em três peitorais diferentes. Com suspiros frenéticos, encararam com tensão as três faces que se projetaram.

– O sangue de Jesus tem poder, vai quebrando toda maldição! – Disse Gabriel, seguido de mais um suspiro.

– Vai querer falar de Deus agora, neguinho? – Um pouco menor que Diego empurrou Gabriel, que caiu. – E você, branquela! – Deu um chute entre as pernas de Danilo. – E é claro que não podia faltar o gordo pro circo ficar completo. – Deu um soco na barriga de Montanha, que caiu em silêncio.

O mais calado do grupo, um menino magro e branco se aproximou de Diego, dizendo em um tom fino e baixo.

– Chefe, o que faremos com eles?

– Pega a mochila que o Maycon trouxe, a gente vai amarrar esses daí!

Capítulo 10

Assassinato na igreja

Suzana encosta sua mão na maçaneta do Wall Center Bar, com os pensamentos em desvio, os olhos revirados e sem a menor expectativa de onde está. Encarando as mesinhas afastadas, o conversar dos bêbados, os diálogos de casais apaixonados, a Bossa tocando em um palco iluminado e bonito. A música adentra seus ouvidos e a faz estremecer, afastando seu corpo da porta já aberta. Clientes e mais clientes entram por lá; uma mulher loira, um homem robusto, um jovem acompanhado de sua namorada. Encosta seu corpo na parede carmim, sentindo o aroma intenso da lagosta servida da mesa sete.

Recorre novamente, a porta é aberta por uma mulher, aproveita o descambo dos dois corpos e sai do local. Seu sapato alto tropeça em um desnível da calçada. Solta um grunhido inaudível, olhando de relance para o vidro embaçado do bar que acabara de sair. O homem que tanto conversou, aguardava imóvel, com uma bituca de cigarro em mãos, a fumaça áspera embaçando a tela ladrilhada, a cerveja repousada no outro canto da mesa. Pensou em gritar, bater no vidro e dizer tudo que resguardou durante os anos, mas não podia, necessitava ir para casa. Onde era sua casa?

Dobrando esquinas, becos e ruelas, observou os mais diversos moradores de ruas, estagnados em cima de papelões, observando o amanhecer noturno.

Preferia não ter colocado um pingote de cerveja na boca. Pensou nos desígnios descumpridos da central católica. Deveria retornar à igreja e ter uma conversa em particular com Deus. No tempo que passou na Igreja das Marias, aprendeu a como conversar diretamente com aquele que sabe sobre tudo que pensa, tudo que faz e age. Soava céptica em um princípio distante, mas agora, não sabia como agir sem aquele diálogo. Uma discussão sincera, sensata, dentro da igreja, de frente para a imagem imponente na cruz.

Os bosques se tornavam mais escuros quando a madrugada se aproximava, com a luz enviando sua luz, que decaía sobre as folhas claras, iluminando a luz intensa de flores dos bosques.

Lágrimas escorreram de seus olhos, pisando no gramado aparado, imaginando como seguiria a frente de tudo isso. Imaginou acima de tudo como

se sentiria após aquela conversa. Jamais aceitaria as condições impostas, preferia acabar com tudo aquilo de uma vez, mas todas insinuações e ideias se tornavam infundadas.

Quando finalmente chegou em um ponto que conhecia, conseguiu se acalmar, o coração que antes palpitava, agora se acalmava dentro do peito. Os barulhos de passos se tornaram ainda mais fortes e próximo, não se assustou com nada, apenas o barulho da igreja, da voz de Deus era capaz de a fazer parar.

Uma sombra surgiu diante dos arbustos, caminhando lentamente ao seguir os passos apressados da mulher. A lâmina prateada da faca tomou forma, serpenteando sua luz até a outra ponta das plantas. Seus olhares cobertos por uma convicção pelo ato. Abaixou ao notar olhares curiosos de Suzana, que após uma breve vistoria, continuou caminhando.

Suzana se apoiou em um tronco afastado, o início da capela. Retirou os sapatos que lhe incomodavam, colocando os mesmos nas mãos e caminhando. Suas frases saíram quase sem intensidade.

– É isso? Se foi isso que você queria, Genilda, que eu simplesmente pegasse aquelas cartas e... – Repousou a voz por alguns segundos. – E ficasse nesse estado, você conseguiu, palmas! Eu não deveria ter nada! Deveria viver a minha vida sem me lembrar daquilo, permanecer na minha caminhada sem a interferência dele... Bruno! Me causando tudo isso. Talvez ele não seja o culpado por tudo isso, talvez seja algo passageiro na minha vida. Eu sei quem é o verdadeiro desgraçado, o que descambou toda a minha vida de cabeça pra baixo... desgraçado! – Gritou.

Seus passos lentos adentraram a escadaria principal, suas mãos encostaram na madeira velha do portão. Entrou lentamente, indo na direção direta do altar, da imagem que aumentava gradativamente. Seus olhos reviravam para todos os lados. Do bolso retirou o terço. Os joelhos finalmente alcançaram a base do altar, unindo as mãos em um compasso único, as cordas espremidas. Início a oração, em um tom rápido.

O poste iluminou a subida do assassino, elevando uma sombra imensa do outro lado da rua. A faca ainda brilhando em suas mãos. Sentiu o gosto do medo ao colocar os primeiros passos no centro da igreja, notando a mulher ajoelhada, rezando, engoliu a própria saliva, achou em um relapso de tempo que não seria capaz, mas o ódio adentrou o inconsciente e apressou. Adentrou por completo, chegando nos bancos, levou a faca para cima, traçando uma série de golpes únicos.

Suzana se ergueu novamente, curvando o corpo para a frente do assassino, que recuou. Sentiu o aroma de limão percorrendo todo a área da igreja, o

sentimento de revolta adentrando os percalços de sua roupa. O nervosismo.

– Sai... sai daqui! – Gritou. Uma lágrima foi rapidamente enxugada. – Eu esperava isso de qualquer um daquela laia, mas você? Você não!

O assassino aumentou a rapidez, tentou o corpo de Suzana diante dos seus braços em alguns segundos. O impacto entre duas situações causou uma difusão, Suzana lutando pela vida, o assassino tentando lhe ferir facadas.

– Você não... – Gritou tentando se desvaecer dos braços. – Não! – O grito saiu sem intensidade.

A faca rodopiou alguns centímetros, passando longe do vestido branco da loira, que ao mesmo tempo que tentava segurar os braços, desviava dos golpes sem sucesso. Contudo se perdeu na ação quando a fadiga lhe alcançou, tornando sua respiração descompassada, o suor caindo de todos os cantos do corpo em estado de choque. O primeiro golpe atingiu sua barriga, fazendo um jato de sangue ser arremessado na roupa preta do assassino.

– Não faça isso! – A respiração lhe faltava.

Dois golpes atingiram seus braços. Sentindo uma fraqueza nesses membros, encolheu o braço direito, tentando conter a dor marcada pela faca, o sangue escorrendo pelo seu vestido. A lâmina entrou em contato com o peito, Suzana caiu sobre o piso ladrilhado do salão, sentindo sangue lhe conter por completo. A voz não conseguia sair, entalada. O aroma do sangue tornou-se mais forte, ainda mais quando começou a cuspir uma quantidade absurda de sangue. Os gritos saíram desconexos, fora de ordem, não conseguia formar uma palavra.

A faca cravou sua lâmina no peito. Os olhares se cruzaram. Os olhos do assassino espelhavam o medo e a desistência da mulher, caída, com o sangue marcando todo o corpo. Precisava terminar o que vinhera fazer, colocou a faca no lado esquerdo, passando a lâmina prateada no pescoço de Suzana, que se contorceu de dor, agonizando no piso manchado. Ergueu a mão no pedido singelo de socorro, mas recebeu as costas do assassino, que se curvou e caminhou para fora da igreja.

Sua visão escureceu, tinha espasmos recorrentes, mas tudo a sua volta parecia girar. Em um compasso de dor, preferiu fechar os olhos, sentir os minutos finais de sua vida.

Capítulo 11

Arquivos secretos sobre uma morte em 1982

Com as mãos presas em um poste velho, Danilo, Gabriel e Montanha suavam frio, com o medo intenso perpetuando aquele momento estranho e ao mesmo tempo tenebroso. Por isso o melhor era cada um ficar calado, esperando o pior acontecer ou simplesmente tentando analisar por perspectiva:

Para Montanha, já era tradicional tudo aquilo, as aberrações que era chamado e principalmente o tratamento que recebia diariamente. Contudo nada havia chegado aquele ponto extremo, onde seria amarrado em um poste, e as atitudes adotadas pelos brutos do ensino médio nem passavam pela sua cabeça. Sabia que corria riscos, também tinha plenos conhecimentos que Danilo e Gabriel sofriam perigo, mas na primeira oportunidade que tivesse, correria ao infinito e além, sem ao menos olhar para trás.

Para Gabriel, preferia a morte do que passar por toda aquela humilhação. Era nerd o suficiente para não se encaixar nos grupos mais populares, porém nem tão nerd assim para se encaixar nos grupos menos populares. Em uma tabela direta e real, Gabriel se encaixaria no meio, ao mesmo tempo que Danilo. Nunca em sua vida passou por aquilo, não é à toa que estava estranhando o comportamento peculiar de Montanha, isso o fez ficar aterrorizado, afinal a pessoa que mais sabia sobre o que os garotos do ensino médio seriam capazes era o Montanha.

Para Danilo, havia algo que o deixava talvez um pouco acima que o seu colega, a sua cor. Era difícil dizer isso, e eram raras, ou quase nunca as vezes que ele falava sobre esses argumentos. Alguns dos garotos mais temidos, as vezes convidavam Danilo para alguns passeios estranhos, mas preferia se ausentar dos mesmos, consultando Gabriel sobre todos eles. Naquele momento preferiu não pensar no pior, queria simplesmente que alguma força maior pousasse no Ferro Velho e mudasse o rumo da trama.

– Vocês devem saber que quem manda nessa porra é o Coronel. – Diego disse, os três balançaram a cabeça em sinal de afirmação. – Como também

devem saber que nas noites fazemos rondas por aqui, cobramos por metro quadrado, e logo hoje... hoje quando vocês decidiram fazer um passeio no bosque, olha quem estava lá... exatamente, a gente!

– Tira a gente daqui! – Arriscou Danilo. – Você não manda em nada, deveria parar de falar merda e soltar a gente.

Diego se aproximou, deixando seu rosto tão perto do de Danilo, que parecia sugar o mesmo ar que o menino branco respirava.

– Se não o que?

– Se não eu... Eu conto pra diretora! – Todos riram sarcasticamente. – E também espalho pra escola toda que a tua mãe é uma puta!

A frase provocou um enorme clima de tensão, fazendo automaticamente que Gabriel e Montanha retraíssem no chão, querendo encolher diante da bomba que agora explodia. Preferiam isolar a boca de Danilo com uma fita, ou arrancar a língua dele.

– Chefe! – O franzino se aproximou. – Pelo visto eles querem uma coisinha que só a gente tem!

– Sim! – Diego ergueu-se novamente e se posicionou no centro do grupo, onde todos os olhares conseguiam o enxergar com clareza. – Peguem os cassetetes na segunda bolsa. Hoje a gente vai arrancar sangue e quebrar uns narizes.

– Não... – Grunhiu Gabriel, arranhando a terra com o que havia restado das suas unhas.

– Façam o que eu estou mandando! Peguem os cassetetes, chega a hora de mostrar quem a gente é!

Os cinco integrantes do grupo se locomoveram diante do ferro velho, indo até uma base improvisada, porém no meio do caminho, ouviram tiros... Fortes tiros vindo do alto, sabiam que aquilo era um sinal.

– É o coronel! – Danilo informou.

– É o coronel, é a minha morte. Tira a gente daqui, pelo amor de Deus. – Suplicou Montanha.

– Eu quero que vocês morram aí... – Disse Diego antes de sair correndo, gritando palavras desconexas sobre correr e fugir do perigo.

Logo os três pareciam ser os únicos a sobra, escutando a multidão que corria avulsamente entre o espaço, pulando cercas de metal ou passando pelo buraco.

– Acabou pra gente, ele vai atirar na nossa cabeça e nos assassinar, isso sim!

– Para de falar isso... precisamos pensar positivo. Vai quebrando senhor, toda a maldade, misericórdia! – Gritou Montanha.

– O que vocês tão fazendo aqui? – Sussurrou Ester entre as latarias.

– Ester, graças a Deus... Ele sim ouviu minhas preses. – Argumentou Montanha.

– Pelo amor de Deus, salva a gente daqui. A gente tá preso aqui... Aqueles canalhas! Aqueles malditos canalhas! – Resmungou Danilo.

Ester buscou por um pedaço de metal enferrujado na lataria de um carro, até encontrar um não tão enferrujado. Cortou rapidamente os fios que amarravam as mãos dos garotos.

Montanha foi o primeiro a correr, sem olhar pra traz. Ester se uniu aos dois, que buscaram uma outra saída além do buraco ou pular o muro, ao mesmo tempo em que tentavam fugir da busca incansável do coronel.

Chegaram em uma área distante e ao mesmo tempo desconhecida pelo trio. Danilo e Ester buscaram por saídas, enquanto Gabriel sem motivos aparentes decidiu analisar um fusca branco com uma mancha vermelha no capô.

– O que vai fazer aí? – Danilo estava pendurado na grade, tentando escalar, Ester permanecia embaixo, dando apenas apoio moral. – A gente precisa sair desse buraco, e você entra dentro de um fusca? Parece que nunca viu um fusca.

Entra por completo no carro antigo e peculiar, observando uma imagem que parecia ter sido retratada nos filmes. Seus olhos percorrem toda a localidade, porém seu coração palpita ao tentar apoiar o braço no segundo banco da frente, afundando por completo.

– Que merda é essa? – Sussurrou enquanto retornava para o banco do motorista. – Tem alguma coisa aqui... alguma coisa!

Abriu o porta-luvas em busca de algo pontudo, encontrando um clipe afiado, no qual enfio com convicção no tecido espumado. Com auxílio das mãos, abriu totalmente o fundo do banco, revelando arquivos resguardados por envelopes amarelos.

Puxou todos para fora e apoiou no capô do carro branco, chamando a atenção de Ester e Danilo, que acabara de cair pela segunda vez da grade.

– O que é isso, Gabriel?

– São arquivos de um assassinato... De uma mulher, chamada Emanuele Andrada!

Diário 2 incompleto – Parte final

Meu corpo sujo

1982

Eu não deveria dizer que o meu corpo é sujo, ele não é. Eu penso, penso, penso, penso, penso. Eu sou um ser pensante, posso decidir, decido, decido, decido, decido, decido. Eu posso decidir, mas não isso, não nisso. Não que eu não queria dizer que NÃO. Não que eu não posso dizer não, mas eu posso? Talvez o culpado não seja ele, ele não é o culpado. Talvez o culpado sejam eles, que insistem em me jogar pra dentro e me afundar a cada passo que dou, o culpado são eles, eles são os culpados por tudo.

Nada é capaz de descrever o que acontece nessas datas, na data, dentro do mês, uma vez no mês, duas, particular em alguns momentos. Eu nunca vou conseguir, ou talvez eu consiga algum dia, talvez algum dia... Acabar com tudo isso e deixar que eles morram, e apodreçam no interior do inferno, apenas...

Capítulo 12

Genilda encontra um corpo no centro da igreja

Genilda segue a principal avenida da cidade, precisava pagar um boleto na lotérica da cidade. Lembrou exatamente de sair de casa com os documentos necessários, seu apartamento pequeno, mas com entulhos, demonstrando o TOC que lhe atinge desde a juventude.

Adentrou o espaço e se arrependeu de ter atrasado cinco minutos, o espaço já está cheio, duas filhas com seis pessoas lhe aguardam. Se posiciona atrás de uma mulher de cabelos brancos, que também aparenta estar atrasada.

Passa às mãos por cima dos olhos, revelando o cansaço que marcou sua noite de insônia. Tentou ler durante a madrugada O Rei deve Morrer da Mary Renault, uma coletânea da série Romances Históricos, pego na biblioteca da faculdade, quando ainda cursava história na Universidade Católica.

Percebe que a fila está andando, retira de uma pequena bolsa tudo que precisa. Quando finalmente chega sua vez, entrega com rapidez tudo para a atendente, que examina os documentos e lhe entrega um recibo, comprovando o pagamento. Guarda os cinco reais do troco e compra uma tapioca em frente a um colégio, lembrando de quando ajudou sua mãe a ministrar aulas pra uma turma do ensino científico. Maria Betânia foi uma das suas inspirações para se tornar historiadora. A casa parecia ter saído de sucessões de filmes de cinema, e tudo ali parecia se tornar em uma perfeita e adorável harmonia. Contudo não queria seguir a mesma área da mãe, como professora. O pouco que via das aulas aplicadas no Governador Barbosa Lima e no Ginásio Pernambucano, notava que apesar de tudo, a profissão não andava em seus melhores tempos.

Contudo sempre vivera entre a igreja, rodeada de missas e orações. Fora deixada na localidade dias antes da mãe morrer, um fato que conseguiu marcar sua vida de maneira negativa, mas que lhe trouxe boas amizades e recordações. Mas não imaginava que enquanto caminhava pela rua principal, ao lado da igreja, encontraria sua amiga morte, assassinada na igreja.

Os portões da igreja das Marias já se encontram abertos, imagina que

Jordana ou Maria Tereza já tenham chegado, acomodando suas bolsas nos quartos e organizando as atividades do dia. Adentrando ainda mais, seus pés encostaram com cautela os pisos principais da igreja, subindo os degraus que outrora havia adentrado e saído com Suzana. As portas abertas lhe receberam com total atenção, percebendo um cheiro indecifrável, seguiu com passos lentos.

Os olhares erguidos, encarando a imagem de Cristo. Parou. Parou de caminhar quando sentiu seu sapato encostar em um líquido, imaginando de onde vinha, encarou o piso ladrilhado, marcado pela mancha intensa do sangue. Seguiu a direção do rastro, pairando sobre o corpo branco de Suzana.

– Ah! – A voz saiu sem intensidade. O semblante chocado, com os olhos se transformando em um oceano. Mãos trêmulas. – Meu Deus! – Gritou. Seus braços decaíram, a tapioca respingando em cima do sangue. O vermelho alcançou o vestido que usava. Fechou os olhos, queria que tudo aquilo sumisse, e o nada acontecesse.

Próximo do altar, o vestido com pontadas, facadas firmes. A feição de Suzana morta, em um estado que jamais viu. Os braços parados, as mãos assassinadas. Um corte estratégico no pescoço, onde o sangue não mais saia. Os olhos permaneciam abertos, com o branco adquirindo algo que não conseguia considerar nem pardo. Os sapatos em cima das escadas do altar, jogadas, com o plástico desgastado, e o bico do salto quase quebrando. Os entalhos com a faca, se prolongavam desde o pescoço até a perna. A coxa parecia aberta, com tudo amostra. O cheiro instaurava suas marcas em todos o lugar que Genilda conseguia enxergar

Se aproximou. Os sapatos agora se enchiam de sangue, os dedos sendo manchados, a tinta lilás que havia pintado, agora se transformava em uma única cor.

Sentou, apoiando a cabeça de Suzana em seus braços. Lágrimas escorrendo de seus olhos, seu sentimento simplesmente sendo testado, em uma sensação que jamais preferia se encontrar. Encostando o corpo morto diante do seu, resguardando uma parte de sua memória e história. Sentimentos que preferia esconder, apesar de tudo, sentia uma sensação constante de colocar para fora. Aumentando gradativamente em cada instante. O somido baixo do choro, se tornava mais forte, intenso e longo. A voz embargada.

Passou suas mãos nos olhos de Suzana, o fechando lentamente. De repente tudo havia acabado, tudo que passou junto com ela, se reunia em um adeus lento e atroz. Os seus mais primorosos segredos e confianças partiam para um lugar desconhecido, mas apesar de tudo, tinha quase certeza que ela ia para o paraíso. Passar o infinito da vida em um lugar sutil e simples, na presença dele, do mais

sagrado... Deus!

Jordana surgiu em um movimento único, pregando seus olhares misteriosos no corpo. Lembranças atingiram sua mente, e a conversa que teve com Maria Tereza ecoava na sua cabeça.

– Faça tudo que ele pedir, faça tudo!

Saiu pela porta dos fundos da igreja, e partiu para a central investigativa, precisava fazer aquilo, apenas precisava.

...

Cruzou todas as ruas e avenidas, até chegar na central. O teatro Santa Isabel recebia pessoas de porte estranho, mas que trajavam roupas de luxo, situou que seria mais um dos eventos teatrais. Ao contrário do que imaginava, a central investigativa não estava cheia, rodeada de jornalistas, a bomba do crime ainda não havia estourado. Subindo as escadas em passos rápidos, logo estava na área central, contudo sentiu um medo recorrente quando notou a aproximação de dois seguranças.

– Eu preciso falar com Eliete... preciso! – Gritou Jordana, encarando o segurança que impediu sua passagem.

– Senhora, infelizmente nós não podemos...

– Eu acabo de presenciar um assassino, preciso falar com Eliete! – Reafirmou.

Uma moça média e de cabelos curtos abriu a porta do escritório, seus olhares se cruzaram com o de Jordana, que abriu um sorriso.

– Deixem-na entrar! – Afirmou Eliete.

Os seguranças soltaram os braços de Jordana, que adentrou com convicção o escritório da delegada investigativa. Eliete e Jordana se sentaram ao mesmo tempo, ambas em olhares cruzados. O silêncio foi contornado e a reposta veio:

– Eliete... Dona Eliete, eu vi um crime... Eu presenciei um crime, dona Eliete... Um crime dentro de uma igreja!

Capítulo 13

Bruno

Bruno acorda assustado, pregando seus dedos no lençol esbranquiçado e velho. Em respiradas descompassadas, ergue seu corpo para frente e estende os pés. Tenta controlar a calma com inspirações suaves, e quando percebe seu coração retornando ao normal, um sentimento de alívio percorre todo seu corpo.

Passas as mãos na face, tentando enxugar o suor que o segundo pesadelo da noite lhe causou... O de sempre tornava a transforma-se em um fardo a ser carregado, uma igreja no meio do nada, onde nem sequer seus mais antigos pensamentos conseguem encontrar alguma resposta ou afirmação.

Uma igreja... um corpo... uma mulher... uma igreja... um corpo... uma mulher...

– Uma igreja! – Repetiu no mesmo compasso de seus pensamentos. – Uma igreja!

Encostou seus pés no piso e quase tombou para um dos lados, se apoiando no criado-mudo, voltou a ficar completamente de pé. Caminhando lentamente, foi na direção do banheiro, onde finalmente conseguiu retirar a calamidade dos sonhos estranhos. Voltando a se encarar no espelho, notou a estranheza de quando não fazia a barba poderia provocar. Em movimentos rápidos, talhou os pelos que contornavam a barba, além de alinhar alguns fios rebeldes do cabelo.

Quando abriu as portas do guarda-roupa, notou que não trouxera muitas roupas de Minas. Preferiu pegar os mesmos pares que usou na noite anterior, com adicional do casaco mais grosso que pode trazer. Ao encarar a janela, notou o quanto o céu estava nublado, *e sair às cinco e meia da manhã sempre faz frio, independentemente do local*, pensou.

Desceu as escadas do apartamento, não sentindo a falta de um elevador. Parou ao chegar na guarita, não notando a presença do guarda, pegou por alguns segundos as manchetes do dia.

Cruzou as pontes, ruas, avenidas e pontos turísticos não lembrados. Encarou o rio, mas preferiu não trazer lembranças. Na primeira manchete do primeiro jornal, viu que o banco Internacional Pernambucano estava em falência, pensou sobre os motivos da empresa ter falido, mas nenhuma ideia surgiu... O

nome do atual prefeito André estava envolvido, não como dono da empresa, mas sim como um dos auxiliares na condução, o dono real era um tal de Fabrício Braga, morador de um bairro que não se recordou o nome.

Passou por uma padaria já aberta, e de fundo pode notar os arpões que contornavam as pontas da igreja que procurava. Isso o fez alimentar a esperança de poder encontrar novamente Suzana.

Adentra o arpão enquanto observa se existe alguém, precisava pedir informações sobre ela... ou não. Ao mesmo tempo em que seu corpo ficava mais próximo da igreja, ouviu um choro leve e ao mesmo tempo vazio. *Podem ser as freiras*, tentou pensar, afinal era uma das ideias mais humanas que alguém poderia ter.

Pensou em um encontro polvoroso, onde finalmente saberia os segredos e mistérios que rondavam Suzana. Não sabia ao certo o que estava diante de seus olhos, apenas sentiu um clima anormal a cada passo em que se aproximava de uma mulher curvada, com um corpo em mãos, enquanto o sangue marcava o piso.

Se aproximou lentamente e conseguiu identificar o rosto da mulher que enviou cartas. Encostou a mão no ombro de Genilda, que retraiu ao toque, seguido de um grito assustado.

Uma lágrima percorreu seu rosto, marcando mais uma vez um assassinato em sua vida, e de uma pessoa que tanto amou. O corpo morto, nos braços de uma mulher que não conhecia, mas tinha certeza de quem ela estava segurando. Suzana, os olhos fechados, mortos e sem expressão. Sentiu um frio que repousou suas mãos e lhe trouxe lembranças que jamais pensara que surgiria daquele modo. Todos os momentos que escreveu aquelas palavras, em um papel composto por emoção, enviado pelos correios, emanando uma saudade que não sabia guardar em nenhum tom do peito pesado.

Momentos que guardara em algo do passado.

A enfermaria parecia rodar diante da igreja, transformando os bancos, altares, Cristo, em uma imagem única e carregada de tristeza. Os leitos repousados em cada canto, e uma mulher bonita, perfeita, trajando o uniforme de enfermeira, andando em sua frente. Sentiu seus olhos abrirem novamente, tendo uma visão única de um anjo. Uma conversa súpil, e simplesmente sincera em todos os aspectos. Os cuidados, o cabelo loiro decaindo, as mãos segurando papeis.

O diálogo, um pedido para sair. A música que não fazia diferença, tocando no fundo do bar, trazendo uma melodia lenta, dando pela primeira vez, após todos aqueles meses em uma maca, uma estimativa de que ainda podia acreditar

na vida, que ainda poderia sentir o sentimento tão antigo de amor, um sentimento que perdera, mas que agora andava lado a lado consigo, em um compasso imperdível e sensato. O olhar infinito, adentrando um oceano singelo, brilhando o rosto dele, um rosto pardo, carregando histórias, tramas, seus segredos, palavras não escritas, ditas, faladas para o mundo, confirmando o quanto tudo era real, o quanto aquilo era verdadeiro.

A cerveja adentrando a boca, o aroma de vinho, acompanhado de sua comida favorita, em um compasso adorável, o sorriso trazendo um aconchego no coração, fazendo ser finalmente acompanhado por uma pessoa que de fato amava.

A madrugada chegando, com a luz do sol passando pela vidraça do seu apartamento. Iluminava o semblante gracioso, animado com o rumo da vida, transcendendo de felicidade a paz. Por que isso precisou acabar?

O aeroporto sendo palco de um beijo longo, com o sentimento de despedida pregando suas garras nas paredes, nas torres de metal. O adeus incontrolável. O avião rasgando o céu, os olhares distantes. Estava grávida. Suzana carregava um filho seu no ventre. E é assim que tudo termina, a vontade que não traz fim a nenhum lugar, o adeus que nunca existiu, as cartas que jamais foram respondidas, o segredo não revelado, a notícia que nunca alcançou seus ouvidos.

Piscou os olhos, queria que não fosse real, com total certeza não havia mais jeito e forma de retornar ao passado, fazendo tudo diferente e mudando o destino daquela mulher. Duas lágrimas escorreram de seus olhos e pairaram pelo sangue, o sangue que sabia, o sangue que sabia quem havia feito.

Não consegui acreditar em mais nada, tudo que pensava se apagava. O momento exigiu. Em um rompante rápido, fechou os olhos, imaginando uma história nova, onde o fim era como ele quisesse, longe de todos os finais não felizes que escreveu durante os anos. Longe de tudo que já havia escrito, diferente de sua obra, essa não tinha um final feliz. É assim que tudo termina... é assim que tudo terminaria, com um assassinato, uma questão de culpa, sentimentos, uma verdade que não conseguia enxergar. Um assassino... um culpado!

O padre cruzou os portões principais, sem fala, calado, soltou o que carregava em mãos. Em um semblante único e indecifrável, tentou não pensar o pior, sem sucesso. O pior estava a sua frente... um assassinato na igreja.

Capítulo 14

Policiais

Gonçalo sentou-se no banco ao lado, sendo concebido por Bruno e Genilda, que lhe entregou os braços como sinal de gentileza. As lágrimas caíram sobre a roupa de Bruno, consagrando um olhar singelo ao padre, que permanecia sem entender apesar das sinceras palavras dos dois. Tentou de todas as formas entrar em contato com Deus, pedindo da melhor maneira possível que abrisse seus olhos, destacasse quais pensamentos deveria tomar, precisava de uma luz no fim do túnel. Principalmente quando lembrou do último caso dentro da igreja, levando o padre aos mais diversos cartórios policiais e salas investigativas, mas... Com Suzana tudo era diferente. Durante todo o tempo que ela adentrou e passou a considerar todos da igreja como parte da sua família.

Emanuele Andrade cruzou sua igreja. O dia parecia marcar com caneta vermelha a data, o mês e o ano, toda vez que tornava a olhar o calendário. Uma mancha de sangue parecia se formar diante das comemorações, datas importantes, números diversos que formavam meses. Adentrou sua igreja em um semblante assustado, revelando frases absurdas do outro lado da cabine do confessionário. E ao sair, desesperada, tremendo, resguardando uma informação atroz, atropelada, batendo a cabeça em um poste, caindo morta no meio da rua. Apenas com um único dia após o assassinato de Sophia Lancelot.

Guardou tudo aquilo para si, em uma respiração que agora parecia se acalmar. Segurou a mão de Genilda, afagando os mesmos sentimentos que ela sentia. Olhou para Bruno com outros olhos. As justificativas pareciam carregar consigo uma essência verdadeira, pode acreditar nos dois, mesmo não tendo motivos para isso, garantiu que deveria acreditar.

Todavia não fora tão fácil. Sua chegada a passos lentos, animado com mais um dia esperançoso, um dia que guardaria boas lembranças. Marcou na semana passada para uma guia histórica trazer seus alunos, em um passeio generoso pelas dependências da igreja das Marias. Tudo foi dado por ruínas quando conseguiu ultrapassar barreiras da realidade, e perceber que era sangue, notar que um corpo. Não um simples corpo. Notar que Suzana jazia morta dentro de sua igreja. Assimilou o que deveria falar, filtrando as melhores palavras,

analisando quais frases seriam adequadas. A voz saiu sem intensidade, comprovando o quão aquilo parecia desesperador.

– O... O que aconteceu? – Pensou em dizer mais alguma coisa, mas aquilo já bastava.

O primeiro olhar que cruzou os seus foi o de Bruno, que elevou suas mãos a nuca, e caminhou por alguns segundos, sem chegar próximo ao padre. Seus passos nervosos, um semblante indecifrável. O homem desconhecido encarou Genilda, que permanecia chorando em silêncio, com a cabeça quase encostando em Suzana. Sentiu o seu ombro sendo mais uma vez apertado, tirando a concentração que estabelecia com o seu interior. Dessa vez não retraiu, sabia exatamente quem estava querendo alguma resposta. Pela primeira vez, Genilda sentiu um sentimento de medo. Antes se perdendo em uma emoção constante, agora analisava que fora a primeira pessoa a encontrar o corpo da amiga. Ergueu a cabeça lentamente, primeiro cravou os seus olhares na imagem de Cristo. Disse palavras desconexas, e largou o corpo lentamente no chão. Quando se levantou, ainda de costa ao padre, notou o quanto havia chorado. Se curvou, os olhares cruzados entre ela e o padre aconteceram. Queria apenas chorar, mas jamais poderia controlar o tempo, necessitava falar, colocar para fora o que sabia, dizer o que havia visto. Precisava comprovar sua inocência para ele, o cargo de maior autoridade naquele ambiente.

– Padre! – Afirmou, enquanto em passos lentos se aproximava do homem de batina preta, se afastando gradativamente de Bruno. – Eu...

– Saiba, Genilda, eu estou tentando acreditar que você não tem envolvimento algum com tudo isso. Não sabe em quantas vezes reafirmei pra mim... Quantas vezes eu disse alto, gritei dentro de mim, que tudo que eu fiz durante esses anos por você, que tudo isso não ido em vão. Que você nunca seria capaz de fazer uma atrocidade diante dos olhos do pai, daquele que nos guiou em ensinamentos, nos deu o caminho da sabedoria. – Fez uma pausa.

– Padre, eu... – Tentou mais uma vez. Sua voz se tornou ainda mais lenta, carregando o tom sóbrio da tristeza.

– Eu não acabei!

– Eu sei que não..., mas antes de qualquer coisa, antes de qualquer coisa que você fale, saiba que eu não sou culpada de nada... não... não! Eu não sou culpada.

– Quando sua mãe, antes de ser internada no seu leito de morte, adentrou essa igreja e se referiu a você com tanto esmero, com uma necessidade intensa de me contar a boa menina que era. Quando ela veio, percorreu o mesmo caminho que estou agora, com um sorriso alegre estampado no rosto, me

olhando esperançosa, um olhar que eu descrevo com um dos mais sinceros já vistos. – Deu um sorriso. – Ela conferiu a mim algo que eu não posso esquecer. Cuidar, guiar e principalmente ensinar os princípios católicos! Eu aceitei, afirmei com as minhas palavras, sem carregar nenhuma mentira no meu tom de voz, que seguiria tudo que ela havia planejado.

– Padre, pelo amor de Deus, porque o senhor está fazendo? – Mais lágrimas caíram.

– Dois dias depois ela lhe trouxe até aqui, animada como sempre, me dizendo de como foi lhe inscrever na central católica. Me dizia tudo alegre, mas escondendo a dor que tanto sentia dentro de si. Uma menina tão bela, tão...

– Padre...

– Ela morreu dois dias depois. E eu sempre achei que em qualquer lugar que fosse, em qualquer instante vital que ela se encontrasse, que teria orgulho de você, que teria paixão da mulher que se formou. E que também seria grata por tudo que fiz por você. E quando eu chego, hoje, tão alegre com tantas coisas, informações que me deixaram tão animados pra revelar, pra você, pra Suzana, pra Jordana, Maria Tereza... Eu... Eu encontro você, segurando o corpo dela... Da nossa Suzana, com esse sangue, marcando cada pedaço da minha igreja, e um homem que eu não conheço. O que você pensaria se estivesse no meu lugar? Quais seriam seus pensamentos primários? Me diga! Me fale!

– O senhor precisa acreditar que eu não sou culpada de nada. Dei meu nome em particular para ela, uma das pessoas que eu mais finquei laços fraternais, não pode insinuar nada desse tipo, não pode, padre, precisa confiar em mim.

– E quem é esse homem? Quem é esse homem que nunca vi, que veio parar aqui, justamente hoje.

– Ele é o...

Bruno andou seguindo em uma linha, ultrapassou o corpo de Genilda. Engoliu a saliva, ainda impactado com as frases, carregava o mesmo sentimento de culpa de Genilda.

– Bruno. Eu já namorei com Suzana, dezessete anos atrás. Pode parecer uma loucura, e eu não julgo que desconfiem da pessoa que eu sou. – Bruno contou tudo que passara nos últimos dezessete anos, terminando com a frase que chamou a atenção de todos, sobre a filha que possivelmente poderia ser dele.

De volta ao presente, Gonçalo ouviu passos distantes, acompanhado de outros passos, uma quantidade absurda de passos. O barulho chamou a atenção dos outros dois, que se ergueram na tentativa de saber quem adentrava a igreja.

O freixo de luz trouxe consigo o corpo da policial investigativa Eliete Vieira, na companhia de policiais armados, e de fundo um somido conhecido do camburão tornou a adentrar os ouvidos de todos.

Eliete se posicionou na porta da igreja, encarando o corpo e os três, que apesar da carga dramática que a situação pedia, permaneciam com semblantes e olhares serenos.

– Eu queria muito, Bruno, que você pudesse se livrar de tudo isso aqui de novo. Mas olha só como são as coisas, olha só como é o destino! Há dezessete anos, você ia preso pela morte da sua esposa, não foi preso, inocentado por um tal de Elias! E agora, exatamente quando decide retornar de Rosa Branca, por um motivo que... até então eu desconheço, se envolve em mais um assassinato. E não satisfeito pela barbaridade que esse caso, um assassinato dentro de uma igreja, decide convocar mais duas pessoas para o circo, um padre e uma beata. Sinceramente, eu não sei como você vai sair ileso dessa, a não ser que um jornalista agora aposentado, novamente repetindo o passado, retorne e lhe safe da prisão!

– Meu Deus! – Sussurrou o padre.

– Não tem mais volta! Policias, levem todos esses aqui para o camburão, direto para a minha central. E saibam, padre, Bruno e beata, eu tenho quase certeza que dessa vez não tem mais volta.

Os policiais partiram, adentrando a igreja, ao mesmo tempo em que peritos criminalistas iam em direção ao corpo, examinando o sangue e coletando provas.

Bruno sentiu as algemas que tanto marcou retornando, sentiu o mesmo que a dezessete anos. Sentiu que todo aquele pesadelo agora se tornava ainda mais forte, e que estava mais perto de voltar a ser uma realidade.

Capítulo 15

Plantão

Elias parou de escrever no quinto parágrafo, notou que precisava de um café. A madrugada daquela noite de verão lhe demandou um tempo absurdo, todavia não poderia deixar a inspiração sair do corpo antes mesmo de trabalhar. Sua mesa não ouvia o nome “organização” já a meses, meses que o jornalista aposentado utilizou da melhor maneira possível. Espalhado pelo móvel talhado de madeira e uma placa de vidro no centro, arquivos importantes e documentos nem tão secretos, mas escondido por um órgão maior.

Já fazia alguns semestres que seus estudos acadêmicos se firmavam naquela obra, aprimorando seus conhecimentos e aprofundando ainda mais o progresso de sua pesquisa. O trabalho apesar de tudo era secreto, se lembrava bem de 1982, quando fora ameaçado pelo falecido prefeito Antony e seus parceiros. Recordava do diálogo infame, em um local improvável.

Seu fusca velho foi encurralado na Avenida conselheiro Rosa e Silva, entrando em um beco escuro e sujo, ladeado por mendigos sobre papelões, segurando potes com restos de comidas, um cheiro estranho de cigarro e bebida.

A lataria traseira do carro bateu em um poste dentro do beco, finalmente retirou a chave e saiu com as mãos erguidas do carro. O paletó tradicional do trabalho se encontrava amassado, e apenas uma caneta tomava forma no bolso lateral. Engoliu a saliva e esperou policiais, seguranças, assassinos de aluguel saírem do carro e partirem para sua direção, segurando armas, facas ou qualquer objeto que lhe matasse. Contudo suas afirmações se encontravam erradas, percebeu isso quando escutou os passos sutis, e a marca de luxo cravada na graxa do sapato. Logo também ergueu o olhar, e lá estava.

Antony participou de uma eleição contraditória, marcada por escândalos relacionados ao seu partido. Com certeza aquela notícia alarmou na sua mente durante todo o período eleitoral, ao perceber que seu concorrente, Leonel Silva, ultrapassava todos os pontos nas pesquisas. Elias sempre desconfiou que tudo não passava de uma jogada, e ficou ainda mais convicto quando o resultado foi revelado.

– Sabe que tá mexendo com fogo! – Disse Antony.

A conversa não pode ser desenvolvida por muito tempo. O jornalista aprendeu que em horas como aquela, o certo seria ficar calado, esperando quais atitudes seriam tomadas. Chutes, murros. E ao final do doloroso processo, o motivo foi dito, acertando mais uma vez o que Elias havia pensado.

– Esqueça a morta no rio! Esqueça, seu merda!

O café saiu com sucesso pelo coador, pairando em uma xícara que ganhou de presente de seu neto, Gabriel, que mais parecia que tinha roubado e lhe entregado no mesmo dia. Diante da mesa, separou bolachas e requeijão, e quanto segurou os dois itens e partiu para a sala, encontrou seu neto saindo de fininho, com uma mochila nas costas.

– Pra onde tu vai? – Indagou para Gabriel, em um olhar penetrante que aprendeu com o pai, coronel de uma central militar. Notando o nervosismo do menino moreno, seguiu. – Eu vou perguntar de novo, e pela última vez. Pra onde tu vai?

– Ah, vô, eu... Eu vou no... – Parou de falar. Tentou organizar as ideias. – Eu acho que eu vou...

– Acha que vai...

– Eu acho que vou parar no caixão se o senhor continuar me olhando desse jeito. Eu só vou brincar com o Danilo! – Afirmou, revirando os olhos, tentando notar algo de diferente na expressão do avô.

– E essa bolsa aí? Nunca leva nada pra brincar, porque vai levar hoje? Justamente hoje!

– Eu... Eu inventei um jogo! É isso, eu inventei um jogo.

– Tá! – Não acreditou. – Vai, vai logo!

A primeira coisa que fez foi ligar a televisão. Uma mulher branca e de cabelos loiros apareceu no centro, conversando aparentemente com um grande empreendedor de negócios. A música de fundo era tão calma que lhe dava sono. Pegou o controle em mãos e pensou em mudar de canal, contudo a imagem da mulher sumiu, surgindo um fundo azul, acompanhado de um somido familiar e aterrorizante. O plantão da Globo estava no ar.

Sid Moreira apareceu na bancada principal do Jornal Nacional.

– Boa tarde! Acaba de ser comprovado que na manhã desta segunda-feira, um corpo foi encontrado sem vida dentro de uma igreja no centro do Recife. Eliete Vieira é a responsável pela investigação do caso, e temos três principais e únicos suspeitos, vamos agora com nossa repórter Sílvia Barro, diretamente da central investigativa. Sílvia!

A mulher ultrapassou outros jornalistas e ficou de frente para a central.

Iniciou dando um contexto sobre o que havia acontecido, datando horários e locais. O ponto no seu ouvido alertou que precisava correr com as informações, pontuando por fim:

– E até agora estão sendo investigados apenas três pessoas, sendo elas o Padre Gonçalo Dias. A moralista católica Genilda Silva e... – Reafirmou seus olhares na ficha. – Bruno Arantes!

A frase causou impacto em Elias, que correu diretamente para seu quarto enquanto a repórter se despedia. Saiu em um compasso rápido de casa, deixando o portão entreaberto e levando as chaves. Atravessou ruas e avenidas, até encontrar um táxi disponível, adentrou o carro.

– Bom dia! Para onde o senhor vai... Calma, antes de dizer, preciso dizer que a tarifa aumentou, então vai ter um breve reajuste de uns quatro reais, tudo bem?

– Olha, moço, me leve para a central investigativa, me leve o mais rápido possível. O mais rápido! – Afirmou, o carro deu uma guinada forte, saindo rapidamente do local, partindo para o centro do Recife.

Capítulo 16

Sala de máquinas

Gabriel e Danilo cruzaram a avenida principal, entrando em uma rua larga, mostrando onde estavam. Na lateral esquerda, um enorme monumento branco, a fábrica de tecidos de Jardim Brasil, rodeado de um grandioso muro avermelhado, e na ponta interna da fábrica, uma torre de televisão.

Colocaram as bicicletas no canteiro próximo de um poste, aguardando a chegada de Ester, que não demorou mais que cinco minutos do horário marcado. A menina branca e de cabelos negros chegou seguindo uma rua menos movimentada, apesar de seu jeito, precisava ser discreta, seu pai era dono da fábrica de tecidos, e apesar de confiar no caráter de Danilo e Gabriel, sentia-se insegura com que seu pai soubesse que saía com os mesmos.

– Pensei que não ia vir. – Danilo sabia que ela viria, mas preferia puxar algum assunto antes de falar sobre assassinatos e assassinos.

– Cinco minutos! – Afirmou Ester, apoiando a bicicleta próximo dos meninos, que encararam sua Caloi prata, seguido de tons claros e rosa.

Gabriel preferiu se ausentar da breve discussão que se formava, partindo em passos lentos e cautelosos para o portão automático e o muro quebrado. Pensou em como poderia acessar a fábrica em grupo. Dentro do espaço de tecidos, havia uma sala de máquinas, afastada do polo industrial. Marcada por encanações diversas, corredores de fios e centrais de equipamentos, além de caixas e objetos aleatórios. Nos últimos anos, desde que conhecera Danilo, montaram uma espécie de porão especial no local. *Um ambiente especialmente usado para conversas que o mundo não poderia ter conhecimento*, afirmou Gabriel em uma discussão se alienígenas existiam, usando o filme ET como base para a pesquisa.

– Vocês vão mesmo ficar de conversinha? – Indagou, seguido de um semblante desconfortável. – Se os pombinhos não aguentam mais um ao outro e preferem brigar, ok, eu até quero ver a briga, mas depois da gente ler isso daqui.

– Eu concordo! Mas tem uns e outros, né... – Seus olhos azuis atingiram Danilo, que revidou o olhar com irritação.

– Tá legal! Vocês precisam me seguir!

Ester e Danilo ficaram atrás de Gabriel, que arqueou a coluna no estilo dramático. Em momentos como esses, imaginava que existia uma câmera, um diretor de filmagem e um telão de luz, gravando todos seus movimentos coreografados e rápidos. Os olhares frenéticos eram frutos dos filmes de ação, protagonizado por estrelas Americanas, com músculos delineados e um corpo resistente.

Seguiram por um corredor cheio de metralhas, que seguindo em uma linha reta, formava uma montanha de sucatas. Apesar de achar a ideia falha, sentiu firmeza ao encostar seus pés no primeiro objeto, sentindo um piso sólido. Fez um sinal com as mãos e em alguns segundos estavam no topo da montanha, e o muro já não parecia tão grande. Com um cuidado primário, pulou o paredão vermelho. Ester seguiu seu estilo, Danilo pulou tentando se achar mais valente, contudo, o máximo que conseguiu foi ficar manco por alguns minutos.

A porta esverdeada da sala de máquinas era palco para o garoto branco brilhar. Com um olhar sedutor para Ester, seguiu adiante, retirando do bolso um clipe deformado. A ponta do objeto estava queimada, e logo entrou em contato com a fechadura.

– Isso! – Afirmou com segurança, logo após a porta ser escancarada.

Os três entraram no espaço. Ester não conhecia a fábrica e suas salas secretas, ao contrário de Gabriel e Danilo que logo foram na direção de alguns caixotes que formavam uma mesa. – Por aqui!

Gabriel tomou o centro da discussão, colocando os arquivos e pastas em cima da bancada improvisada.

– Existem três domos desses arquivos. – Iniciou Gabriel, ao mesmo tempo que Danilo e Ester abriam os envelopes. – Então obviamente são divididos em três partes. – Pegou uma parte das mãos de Danilo, que repudiou. – Essas duas primeiras versões contam sobre o assassinato. A primeira, essa cor roxa aqui, refere-se à investigação seguida da policial Eliete Vieira, a antiga comandante da segunda central, mas essa segunda versão, esse segundo como já é comandado por um tal de Rufino! – Afirmou.

– Quem é Rufino? – Indagou Ester.

– Até agora não sabemos, mas antes de analisarmos qualquer coisa, precisamos saber exatamente sobre o motivo que levou a troca de investigadores, além do fato desse terceiro domo. – Tomou uma da mão de Ester. – Esse daqui é o que finaliza o caso, arquivando no banco de dados da prefeitura, e isso aqui é praticamente uma cópia oficial!

– Pode parecer estranho, mas estou interessada. Eu sei que você vai dizer que a gente precisa ler pra entender e isso e aquilo, blá, blá, blá. Mas... Porque o

caso foi arquivado?

Gabriel partiu para a outra ponta da sala, ao mesmo tempo que falava:

– Bem, tudo pode ter sido por falta de provas, alguma pista que não leva a lugar nenhum, mas eu tenho quase certeza de uma coisa! – Abriu uma caixa velha, tirando de lá duas lanternas. – Certamente a diferença entre Eliete Vieira e Rufino são gritantes, sabe quando algo de errado tá gritando no teu ouvido que aquilo tá errado? – Apontou as lanternas para um ponto escuro da sala, apertando o botão, a luz branca e forte iluminou por total uma sombra que se projetava. – Então, é exatamente isso que a gente precisa descobrir. Existe muita coisa entre essas duas histórias, coisas que a gente não faz ideia, e talvez com esses arquivos, a gente possa chegar a alguma conclusão que a polícia investigativa não chegou! – Colocou as duas lanternas ligadas em um bocal na parede.

– Que conclusões você quer dizer?

– A conclusão de que o Rufino é um dos culpados pela morte de Emanuele Andrada. Afinal achei uma coisa muito estranha e quero saber se vocês concordam comigo. Não acham surreal um policial de um dos níveis mais baixos, assumir de uma hora pra outra o conselho investigativo da segunda central? Porque eu acho essa ideia simplesmente absurda... E bem, se tudo isso se concretizar, a gente acha um assassino, e de quebra coloca o prefeito da época, no mesmo rolo!

Capítulo 17

Que iniciem os jogos

Já fazia alguns minutos que nenhuma palavra era emitida na prisão, onde Gonçalo permanecia de olhos abertos, ponderando sobre os últimos acontecimentos de sua vida. Elias e Genilda ao menos trocavam olhares desesperados, mas que ao longo do tempo tornaram-se calmos.

A sela da central investigativa era diferente das demais. Talvez pelo fato de que de fato apenas casos de extrema relevância eram enviados para lá. O piso não era regido por cimento puro, havia uma camada favorável de cerâmica cinza. As paredes não contrastavam sua podridão com cartazes de mulheres peladas, exibindo seus seios fartos, o corpo em silhuetas sutis. Eram limpas, tão limpas quanto o passado criminal de todos eles.

– O que vai ser da gente? – Genilda quebrou o silêncio. Suas mãos unidas, tremeram instantaneamente. – Eles... Eles vão dar um jeito de colocar a culpa na gente?

O silêncio permaneceu.

Uma porta separada da cela, que dava acesso ao corredor, foi aberta. A luz intensa da luminária amarelada assombrou Bruno, que já aguardava o momento importuno do relatório criminal. A sombra de uma mulher branca, de cabelos curtos, usando uma calça jeans e uma camisa coberta por uma jaqueta, surgiu. Os passos lentos pareciam se tornar uma eternidade. Qualquer movimentação, respiração fora do normal, sinais que não representavam aquele momento insano, se tornavam assustadores.

O corpo de Eliete surgiu atrás das grades. Seus olhos pretos observaram com cautela os olhares tenebrosos dos demais. Levou a chave até o queixo, unindo a ponta dos dedos e o objeto metálicos. Carregava um semblante pensativo, ao mesmo tempo que sua mão esquerda não tinha calma. As unhas pintadas de preto tocavam em um intervalo rápido a prancheta que segurava. A prancheta que reunia dados importantes de cada um do ambiente, uma prancheta que simplesmente poderia ser capaz de acabar com uma vida próspera...

...de um padre. Gonçalo seguia com projetos tão vivos a se tornaram realidade, que agora, olhando tudo em retrospecto, pensou o motivo de não ter os

realizado antes. Todo o caminho que percorreu até chegar no cargo de renome que guardava consigo, o sucesso próspero que sua carreira lhe trouxe, apesar do árduo trabalho durante todos aqueles anos, demonstrando o mais primoroso esforço e empenho diante das atividades. Se recordou de 1929, quando a tão esperada carta chegou em suas mãos, revelando que seu sonho se tornaria realidade. Pesava como se fosse ontem o dia que comandou suas primeiras missas, o amor carinhoso dos fiéis, os batizados que realizara, as confissões, a confissão de Emanuele Andrada, antes de ser atropelada ao sair da igreja. Era muitas. Poderia passar minutos, horas, dias, meses ou anos contando sobre tudo que passou no ofício que tanto ama, mas preferia calar-se. O silêncio naquele instante era um dos seus maiores alívios.

Eliete engoliu a saliva e encostou a mão na grade, a chave serpentou na cela.

– Muitos de vocês devem saber exatamente para onde estamos indo agora. Alguns dizem que é um dos momentos mais trágicos para um inocente, afinal aquela pessoa que não fez nada, que não matou ninguém, que não assaltou um banco, que não mandou matar, que não... olha, um milhão de coisas nesse mundo. Já outros dizem que é o momento onde se sentem mais nervosos, porque eles sabem de alguma coisa, no fundo eles sabem de algum segredo que aconteceu no passado, de alguma coisinha que apesar de ser desse tamanho – Aproximou seus polegares. –, são importantes. Geralmente essas pessoas são as que mais ficam nervosas, talvez. E pra completar essa apresentação, existe o assassino. Essa raça sim a gente deve tomar cuidado. Eles podem te persuadir, já que conhecem cada detalhe daquele crime, isso se for um daqueles que sabe no que tá mexendo, mas se for um desses... um desses por aí que matam ao acaso, aí que está o problema. Mas bem, pra matar a curiosidade de alguns, sim, começa agora o relato criminal. E o primeiro suspeito é quem estava com o corpo! Genilda, me acompanhe!

Capítulo 18

Ameaça!

Elias adentrou o portão principal do gabinete. Carregando consigo uma mala que pegou de última hora antes de sair de casa, uma mala que resguardava importantes informações sobre o futuro de todos os lados.

A secretária de cabelos ruivos não lhe deu muita atenção, até ir em sua direção e falar que precisava conversar com o prefeito. Seu tom de voz carregava a urgência, e apesar de tudo não entende o motivo de fazer aquilo.

Quinze minutos já se passaram, até a secretária ser chamada para dentro da sala, e sair com um semblante nada agradável. Se aproximou lentamente de Elias, que mesmo sem saber o que a moça lhe falaria, tinha quase certeza da resposta.

– Infelizmente o Doutor André não vai poder lhe atender. – Esperou alguns segundos, aguardando alguma resposta de Elias, que permaneceu calado. – Pediu que você voltasse outra hora, mesmo eu afirmando que o assunto era urgente. Eu sinto muito!

Elias se levantou, erguendo o corpo e cruzando o seu olhar penetrante com a secretária, que não recuou nenhum passo. Queria falar alguma coisa, mas de nada iria adiantar, precisava agir.

– Eu sinto muito, secretária ruiva, mas eu não posso perder tempo! – Rodeou o corpo da mulher e correu para dentro da sala, as mãos pardas dela tentaram lhe alcançar, mas já estava no interior da sala. Fechou a porta rapidamente e passou a tranca.

André estava lendo o jornal, e seus olhares repousaram no rosto convicto do jornalista. O atual prefeito não era muito diferente do seu pai, Antony de Oliveira. Antony era um homem moreno, corpudo e uma feição arredondada, com os cabelos índios caindo pela testa, acompanhado de uma barba aparada. André puxou mais os traços da falecida mãe, Odete Oliveira de Aragão, uma moça branca, com cabelos loiros e a curvatura do rosto fina. André era uma mistura entre essas duas famílias com um amplo passado político.

O prefeito bateu o jornal na mesa, acompanhado de um grunhido que comprovava sua raiva. Encarou Elias, ao mesmo tempo em que se posicionava

na cadeira e buscava pelo telefone, apertou algumas teclas e em um somido alto, disse:

– Mariana, manda os leões pra cá! E também comece a policiar o seu trabalho, bela moça.

A voz falhando pela linha telefônica soou do outro lado. Elias estava suficientemente próximo da porta, pode ouvir a resposta da ruiva, ou melhor, de Mariana.

– Oh, senhor André. Eu prometo que não deixarei mais isso acontecer, ok?

Apesar de tudo Elias estranhou o quão informal a mulher respondia os comandos do prefeito. Com o telefone de volta ao gancho, se aproximou, sentando na cadeira confortável de frente para a escrivaninha.

– Olhe, seu Elias. O senhor sabe que aqui, depois que meu pai morreu, a gente costuma ser democrático em alguns aspectos, tentando ao máximo fazer com que aquelas coisas de antes, não volte mais. – André tinha um sotaque mais carregado que o normal, aumentando o tom da voz quando a sílaba havia um T. – E aí, como é que eu posso ser democrático dessa forma? O senhor entra aqui na sala, retira as ordens ditas por mim, e ainda senta na minha cadeira.

– O senhor deve estar querendo ganhar tempo, até os seus leões chegarem e me levarem a força, mas sinceramente eu não vim discutir sobre o quão esse governo é democrático e reclamar de quando Antony estava no poder, eu vim aqui pra falar sobre um assunto que você deve saber os motivos.

– Depois fale, pode falar! Imposto de renda, cobrança da Celpe? Falta de água? – Pegou um papel do canto e puxou para perto, logo tirou uma caneta e começou a escrever. – Eu autorizo que Elias Damasceno, morador da rua Antônio da Viela, bairro de Jardim Brasil...

– Eu não vim falar disso. Vim falar sobre o assassinato na igreja. – A frase de Elias causou espanto no prefeito, que jogou o papel fora. – Sim, o assassinato na igreja das Marias, onde uma das moralistas foi morta, assassinada!

– O que eu tenho a ver com isso? – Hein? – Gritou. – O que eu preciso resolver sobre isso? Nada! Eu não tenho nada a resolver! Nada!

– Como senhor prefeito deve saber bem, eu sempre guardei aqueles manuscritos lá traz sobre a morte de Sophia, a mulher do Bruno...

– O quê, que merda você tem a ver com esse Bruno? Sempre querendo defender esse lixo, você não conhece nada desse homem. Mas fez questão de obrigar meu pai, quase morrendo, criar uma vaga de emprego em Minas. Qual... porque essa sina?

– Eu acho que isso não vem ao caso agora. Eu acho que o senhor deveria

seguir o que o seu pai fez. Certo, me bateu, tirou meu nome das empresas, quase me faliu, mas, mesmo assim, eu continuei. E você sabe que ele não me matou...

– Cala essa boca!

– O Sr. André sabe. Logo ele, o teu pai, que não podia ter alguém falando mais alto que ele, que já mandava pra força. Ele sabia que eu tinha conhecimentos sobre tudo ele. Também sabia que eu não era o único.

– Então o que você quer? O que vai querer pra calar essa boca? Olha... Meu pai era uma coisa, eu sou outra. Ele podia ter esse jeito mais calmo, sensato, mas eu? Se você continuar falando o que não deve, sabe pra onde vai... Com certeza sabe pra onde vai! Sabe!

Elias abriu a maleta, jogando duas fotos em cima da mesa. O semblante do prefeito muda, se levanta bruscamente, a cadeira cai em cima do carpete dourado, ergueu as mãos até a nuca, carregando um sentimento de raiva.

– Que merda! – Gritou. Ainda de pé chutou uma lixeira, os objetos caíram e se chocaram com a parede. Seus olhos ficaram vermelhos. – Que merda você tá pensando que tá fazendo? Hein, seu negro!

Elias ficou de pé, apoiando a mala no canto da mesa. Os olhares se cruzaram, os serenos do jornalista pareciam trazer uma verdade que por tantos anos segurou, o do prefeito, agora se tornavam chorosos.

– Você precisa fazer algo simples, prefeito!

– Fala logo!

– O Bruno não é o culpado pelo crime de hoje, aliás, nenhum deles três são culpados, você sabe que não são

– Então o que você quer, desgraçado!

– Eu quero que você mande soltar o Bruno, o padre e a Beata.

– E se eu não fizer, e seu eu não falar nada? Hein? O que negrinho vai fazer contra mim? – O olhar insano que antes encarava Elias, agora partiu para a porta principal, onde os seguranças se alinhavam na direção do jornalista. Voltou a endireitar suas pupilas para a mesa, com todas as fotos, em cima de documentos, arquivos. – Parem! – Os fortes homens pararam, antes mesmo de encostarem em Elias. – Voltem, voltem para sala, agora!

O escritório tornou a ficar vazio novamente, André tentou se acalmar.

– Fala, seu verme, fala!

– Se você não fizer, essas fotos estarão circulando em todos os lugares, em todos os cantos, e aí, prefeito, esse seu império de merda, seguido desse caso horrendo que sua família construiu, será finalmente descoberto! E saiba que não sairá impune!

Ficha Criminal 01

Genilda

Por Eliete Vieira;

Caso 24/32

Suspeito: Genilda Silva...

Ofício: Moralista católica igreja

Onde a Suzana foi na noite passada?

Ela estava de um jeito estranho... Eu preciso dar um contexto. Naquele dia o padre entregou para ela algumas cartas, e eram cartas escritas por Bruno... Eles tiveram um caso há dezessete anos atrás, e ela estava em choque, triste com tudo aquilo. Ela não queria essas lembranças retornassem, sobre o passado dela!

Você se refere a quê?

Eu me refiro a tudo aquilo que ela escondeu... teve uma filha nessa mesma época, mas ela não sabe ao certo de quem é o pai. Tivemos uma conversa antes de tudo isso, antes de eu dizer que iria embora e que era melhor ela fazer o mesmo... estava totalmente inconsequente, sem sossego!

Então ela disse para onde iria e o que faria?

Seria melhor que sim..., mas não, apenas disse que entraria em contato com uma pessoa, não me disse exatamente nada! Eu sinceramente não sei nem o que falar, porque essa pessoa pode ser qualquer um de seus amigos, ou sei lá o que!

Essa pessoa poderia ser o Bruno Arantes?

Pode! Eu preferia me ausentar de falar esse tipo de coisa, mas eu achei muito estranho ele aparecer em um horário extremamente cedo, incomum para visitantes... se eu fosse apontar alguém como culpado por tudo isso, seria o Bruno Arantes!

Ficha Criminal 02

Padre

Por Eliete Vieira;

Caso 24/32

Suspeito: Gonçalo de Oliveira

Ofício: Padre

O Padre Gonçalo de Oliveira é um homem branco, sem cabelos na nuca, e diante do meu inquérito, não possui um nervosismo fora do eixo.

Padre, como você chegou até a igreja? Tudo isso faz parte da sua rotina matinal? Aonde mora?

Bem, eu moro em uma vila um pouco afastada do centro da cidade, pra falar a verdade eu moro no Derby, em frente a uma escola do governo. E sim, essa é a minha rotina diária, eu saio de casa por volta das cinco horas da manhã, e chego na igreja por umas seis, cinco e quarenta e cinco, o horário depende do trânsito.

Quando você chegou, já viu o corpo lá? Jogado, qual a disposição dessas pessoas? Qual foi o comportamento da Genilda Soares e do Bruno Arantes?

Veja bem, quando eu cheguei, tentei manter a calma. Genilda estava de pé, conversando de uma maneira estranha com o Bruno, não que esteja comprovando que eles têm envolvimento, afinal o Bruno chegou ontem de viagem e Genilda é uma pessoa que na minha opinião é muito calma. Elas eram amigas. O comportamento foi como eu esperava, eles ficaram preocupados e não sabiam o que fazer, e eu que sugeri fechar as portas da igreja, eles foram contrários em todos os princípios.

Então quer dizer que o senhor queria fechar a porta? Digamos que essa atitude não lhe beneficia em exatamente nada!

É claro que não beneficia. Mas voltando aos comportamentos, O Bruno queria chamar a polícia, ele já passou por isso, um crime que não cometeu, então ele foi o primeiro a sugerir o chamado de um órgão policial maior. A

Genilda queria rezar, enfim.

O que fez na noite passada?

Eu saí tarde da igreja, e antes mesmo de ir embora eu não vi a Suzana em canto nenhum. Quase sempre ela é a última a sair, mas ontem à noite eu sinceramente não vi ninguém...

Capítulo 19

O pior acontece

Gabriel fechou o terceiro domo, após ler em voz alta as palavras escritas por Rufino. Não conseguia entender os mais diversos motivos pelo fim da investigação, e considerou em bom tom que ele poderia ser um dos culpados pelo crime. Apesar de seus indícios anteriores, logo ao folhear as primeiras páginas ainda em sua casa, agora parecia não suspeitar em nenhum aspecto que ele era o criminoso, contudo alguns pontos deveriam ser revelados e afirmados. Precisava de mais dados, mais fatos, precisava de mais informações para oficializar tudo que tinha em mente.

Voltou de seu transe, seus olhos percorreram os de Ester e Danilo, que se entreolharam anteriormente, em busca de alguma resposta no infinito pensamento do amigo. Quando Gabriel se ergueu na cadeira improvisada e finalmente idealizou um gesto, os outros dois aguardaram com apreensão.

– O Rufino pode ser o culpado do crime. Ele escondeu essas provas, ele fez alguma coisa... – Fez uma pausa, encarando novamente o papel em suas mãos. – Eu tenho quase certeza que o caso não foi encerrado por falta de provas. Não foi!

– Então o que você sugere? Eu acho uma ótima ideia a gente parar, esquecer... Isso. A gente tem que parar de pensar nisso toda hora. – Disse Danilo.

– Pelo amor de Deus, Danilo. – Se levantou. – A gente chega até aqui, descobre que esse tal de Rufino pode ter dedo no assassinato, e você quer jogar tudo pro alto? Esquecer tudo? Pelo amor de Deus, como vocês conseguem dormir pensando na família, nela, na própria Emanuele. Em pensar que a gente sabe de alguma coisa.

– Nós não somos detetives – Argumentou Danilo –, somos apenas crianças.

– Adolescentes! – Afirmou Ester. – Somos adolescentes.

– Se a gente descobriu isso, todo mundo também deve saber...

– Mas...

– Gabriel, a gente tá lidando com um assassinato, e tudo isso veio da central, não é algo secreto.

– Você não sabe. Esse caso foi arquivado, então ninguém depois disso deve ter sabido. Ninguém!

Ester se levantou, pegou sua bolsinha dourada, organizou o cabelo em um rabo de cabelo e fez menção que iria sair.

– Gente, a briga de vocês tá adorável, mas eu acho que preciso ir. Mas caso vocês encontrem algo, sejam abduzidos, encontrem um pé gigante de feijão, falem comigo. Ou amanhã na escola, ou se for urgente podem ir pra minha casa, oka? – Disse tudo rapidamente, enquanto Danilo também se levantava.

– Pelo visto eu sou o único que levo a sério tudo isso... – Lamentou.

– Vocês sabem aonde é minha casa, me encontrem lá!

Ester seguiu a passos lentos para o lado de fora da sala. Danilo fez o mesmo, após tirar as lanternas e colocar de volta na caixa. Gabriel ficou sozinho no espaço, encarando a infinidade de papéis.

– Eu vou descobrir quem te matou, Emanuele... Eu vou descobrir!

Gabriel junto alguns arquivos e colocou na mochila, deixando a capa do Caso caído no chão, não achou importante resguardar aquela parte do material.

Ester pegou sua bicicleta, correspondeu um beijo na bochecha de Danilo, e pedalou até sumir pela mesma rua que veio. Gabriel pulou o muro novamente e se aproximou de Danilo, que percebeu o clima estranho que se instaurava naquele momento.

– Você não tá chateado, né? – Indagou.

Gabriel não respondeu à pergunta de imediato, partindo para o poste, pegou sua bicicleta e montou. Aguardando Danilo seguir os mesmos paços, emitiu um primeiro som.

– Eu só quero chegar em casa e parar pra pensar, só isso. Encontra meu avô sentado na cadeira, dentro do quarto dele cheio de coisas. Falar com ele, conversar. Ele, pelo menos, deve entender a gravidade das coisas...

– Não fica assim...

– Chega! Vamos embora daqui.

O caminho seguia calmo e tranquilo. Jardim Brasil era um bairro agradável de se viver, ganhando pontos comumente por um colunista do Diário Recifense. Ainda não tinha muito tempo de vida, sendo fundada pouco antes do fim do mandato de Aragão. Valdegir de Paulo foi o fundador do ambiente, morava em Peixinhos, bairro vizinho, que ao mesmo tempo que mesclava seus projetos sociais e consagrava seu mandato como um dos deputados estaduais, organizava moradias, tinha seu grupo específico para isso. O projeto fora entre a atual família do prefeito de Olinda, que aceitou a ideia e lhe entregou uma parte da

renda. Diante da papelada que demarcava a área, os benefícios econômicos e sociais, Valdegir destacava empresas, escolas e mercados, era fato que ainda não havia fechado todas aquelas parcerias, contudo durante a execução do projeto, em uma conversa séria com Fernando Braga Nunes, convenceu o médico a abrir uma fábrica de tecidos.

Preferiram usar o caminho mais longo, que passava por uma parte alta da cidade. Foi próximo dali que a amizade frutou, diante de um falecido campo de futebol. A área, apesar de sua altura, parecia aumentar o ladeamento de casas e pontos de comércio.

Ao cruzarem um ponto mais afastado, Danilo notou a presença contínua de um carro branco. O farol desligado aumentou sua preocupação. Seguiu o caminho da última rua antes de subirem uma breve ladeira. Naquele momento, quando o carro aumentou a velocidade. Sussurrou frases desconexas para o amigo, que não entendeu nenhuma palavra que saiu de sua boca.

O caminho saiu da ladeira, e agora tornou a se transformar em uma ruela, cujo de um lado era projetado um barraco alto, do outro, um grande amontoado de terra.

O carro finalmente ligara o farol, acelerando de uma maneira incomum. Danilo desviou de uma das pedras ao olhar novamente para trás, a luz amarelada do farol espelhava sua intensidade em suas roupas, na sua pele nervosa. O suor respingava de seu rosto e caía sobre a roupa recém-lavada.

Gabriel encarou a apreensão de Danilo, diminuiu as pedaladas e igualou os movimentos do amigo. Os olhares se cruzaram. Os longos anos de amizade comprovam o quão um era capaz de entender os sinais e gestos dele. Seu olhar logo se direcionou para o carro que apertava força para cima. Em outro sinal, indicou que deveriam acelerar.

Qualquer conta de física que fizessem comprovariam que não havia nada a ser feito. O Chevrolet Opala seguiu adiante, os jovens em um último suspiro tentaram desviar da tentação de pairar barranco adentro. Mas era uma das únicas opções a serem feitas, caso contrário um carro pesado, azul e com uma pessoa que não conseguia identificar, transformando seus corpos em amassados, e as bicicletas em sucatas. Em um rompante, o carro partiu, com poucos metros, quase centímetros separando o capô dos dois corpos.

– A gente precisa! – Gritou Danilo.

– Eu não quero morrer.

– Para com isso! Não pode pensar, ou você faz isso, e sobrevive, ou espera ser morto por um carro.

Gabriel permaneceu em seus pensamentos incessantes, até olhar para o lado e perceber o último olhar de Danilo, que direcionou o guidom para o lado esquerdo e sumiu entre o céu infinito do bairro, do alto ainda se podia enxergar a torre da fábrica. Gabriel fez o mesmo. Sua bicicleta passou na frente do carro, mas antes de cair no barranco, a parte traseira da Caloi foi em contato direto com o Opala. O impulso intenso entre as duas conduções fez o jovem ser arremessado.

Rolou muito até parar. Suas costas apoiadas em uma pedra, a bicicleta repousava, totalmente despedaçada, em cima de uma união de metralhas. Fechou os olhos ao ouvir o som assustador da porta sendo aberta. Os abriu em poucos centímetros, tentando identificar quem segurava uma arma e apontava para o outro lado, tentou descobrir quem era o alvo, desviando a mira de seus olhos entre o gramado alto do ambiente, encontrou a bicicleta de Danilo, parada próximo de uma poça d'água. Encarou com apreensão, até notar o gatilho ser apontado, cruzando o vento uivante e acertando em cheio o corpo do amigo. Gabriel estremeceu, sentindo uma fisgada no seu coração.

Voltou a olhar pra cima, e se surpreendeu com a pessoa que segurava a arma e acabara de atirar no seu melhor amigo. Agradeceu a Deus por ele adentrar novamente o carro, e partir para um lugar desconhecido, mas que voltaria... Estava perto, e, com certeza, tornaria a transformar a vida de Gabriel e Danilo num verdadeiro inferno, e claro... Caso o tiro não tivesse acertado a cabeça... Caso Danilo não estivesse morto.

Capítulo 20

A ligação

Eliete se levantou da cadeira e seguiu até o painel, observando as fotos 3x4 de cada um. Olhou em sintonia para aquelas faces, e se surpreendeu qual a possibilidade de Bruno ter cometido aquele crime. No atual estado, as outras duas pessoas também eram improváveis.

O telefone tocou, a policial se assustou. Caminho até ele e o retirou do gancho, ouvindo a voz conhecida do prefeito. Em um somido medroso e embargado.

– Prefeito? – Iniciou.

– Ele mesmo, Eliete. Eu preciso que você faça uma coisa, e ela precisa ser rápida. O mais rápido possível. Tire todos os presos da cadeia, eles não são culpados de nada. Eu tenho um suspeito e sei bem quem pode ser.

– O que o senhor está me propondo, sinto muito, mas é algo fora do normal. Eles são suspeitos! – Eliete sentia um nervosismo. – Não posso fazer o que pede!

– Eu acho, Eliete, que você não tem muitas escolhas. Soltem eles, um por um, ou te demito. Ou você segue o caminho que eu estou escrevendo, soltando essas pessoas, normalmente, ou eu acabo com essa tua carreira... E eu espero que você esteja me ouvindo, esteja entendendo o que acontece do outro lado dessa ligação. Não é algo único, tudo, como eu sempre digo, vai muito além!

Eliete demorou a responder. Colocou seus pensamentos em coesão, tentando buscar de todo modo respostas para complementar suas dúvidas. Em um súbito rompante, afirmou.

– Eu solto! Mas não soltarei Genilda, ela tem indícios que pode ser culpada.

– Cumpra as minhas ordens.

– Apenas soltarei os dois homens, Genilda pode ser culpada. Não adianta mais discutir!

Quando finalmente a ligação foi finalizada, ela caminhou até uma janela, passou alguns segundos encarando o passear de carros. O movimento das ruas lhe trouxe algo que preferia esconder. Em um olhar único e aparentemente sádico, olhou o seu reflexo no vidro.

– É, prefeito... Sempre é assim que as coisas funcionam, e sempre sobre assassinatos. O senhor não poderia esconder mais. Deveria aprender a disfarçar. Poxa, André. Assim fica fácil descobrir quem é o assassino, e eu não vou ter pena alguma de te mandar pra cadeia, e dizer teus podres um a um! André...

...

O comando não foi muito bem entendido por Alfredo, um dos cargos altos da patente policial da central, mas que breves explicações, guiou os demais para a cela.

Bruno foi o primeiro a ser pego, causando um espanto imediato em Genilda e no padre, que recuaram. Logo o antigo metalúrgico estava fora da central, com todos os jornalistas ao seu redor, assustado, notou a aproximação das câmeras, microfones e sonidos intermitentes vindo de pontos e telefonemas. Conseguiu contar ao menos quinze emissoras de rádio e cinco canais de televisão.

– Estamos no ar aqui diretamente da central, e vamos lá. Senhor Bruno Arantes, por que você matou Suzana? E por que dentro de uma igreja?

– Onde está a faca que usou?

– Ela fez algum mal para o senhor?

– Vagabundo! Matou uma inocente.

– Bruno Arantes, responda. Responda, Bruno!

– Eu... Eu não matei ninguém, eu sou inocente!

– Por que matou Suzana?

– Eu sou inocente, pelo amor de Deus! Eu sou inocente.

– Inocente? Então como explica sua vinda imediata de Minas Gerais para cá, saindo de um emprego em uma central metalúrgica, com um salário agradável? Para viver aqui, sem emprego, sem rumo, sem nada. E também o que diz sobre o seu encontro com Fabiana no café? Uma das melhores amigas da assassinada. Contra provas não a argumentos. Então agora, após isso, responda. Por que matou a moralista católica Suzana Afonso? Por quê?

Capítulo 21

Precisamos falar para a Ester!

Gabriel foi o primeiro a retornar de seu imenso devaneio, onde simplesmente pensou que havia morrido. Sentiu uma sensação intensa e ao mesmo tempo misteriosa ao cair pelo barranco, vendo seu amigo caído próximo a uma pedra, com breves manchas de sangue espalhados por todos os cantos. Sua visão se tornou a ficar embaçada ainda quando encarou as bicicletas quebradas e jogadas em um riacho que passava próximo.

Levantou-se rapidamente, os cabelos crespos amassados e sujos de lama. Passou as mãos pelo rosto na tentativa frustrada de limpar os fragmentos de terra. Tombou para um dos lados, contudo seguiu caminhando até alcançar o corpo desacordado do amigo. Deu um tapa breve no ombro, fazendo Danilo abrir lentamente os olhos, que buscou sedento por informações. Ficou sentado, apoiando em uma pedra próxima.

– O que... – Passou a mão na boca, ao perceber que estava doendo, limpou um pouco do sangue. – O que aconteceu?

– Não lembra de nada? – Gabriel arqueou as sobrancelhas. – A gente foi atropelado! Um carro tentou passar por cima da gente... um carro!

– Como assim um carro? – Indagou, novamente voltou a encarar o ambiente. – Como assim?

– Como assim o que? Até parece que é besta... um carro veio e atropelou a gente, simples, fácil, rápido!

– Eu não tô entendendo nada!

Gabriel bufou de raiva.

– O que é que você não entendeu ainda? – Agarrou os braços de Danilo com força. – A gente tinha acabado de sair da sala de arquivos, e aí... Pimba! Um carro começou a seguir a gente, tentamos desviar e foi isso que aconteceu.

– Quem foi que fez isso? Você viu alguma coisa?

– Vi! – Respondeu com convicção.

– Então quem atropelou a gente... Fala, Gabriel, quem atropelou a gente?

...

Saíram limpos da casa de Gabriel, onde tomaram banho. Gabriel emprestou a roupa de maior tamanho de Danilo, que elogiou o estilo do amigo. Sem as bicicletas, caminharam a pé até a residência dos Bragas. Bateram palmas fortes e gritaram por Ester, que demorou alguns minutos até encarar os dois de sua sacada. Fez um gesto com as mãos que iria descer.

Aguardaram por alguns minutos, até que a jovem abriu o portão corrediço e foi na direção dos meninos.

– Atropelaram a gente! – Iniciou Gabriel. – Quiseram matar a gente!

– Meu Deus, vocês estão bem? – Indagou receosa.

– Estamos, eu acho. Não tô sentindo dor nenhuma! – Continuou Danilo.

– Ainda bem! – Respirou aliviada. – E como foi que foram atropelados? Um carro desgovernado? Ou entraram na frente enquanto estavam conversando?

– A gente tava lá, é... – As frases de Gabriel foram interrompidas com a chegada imponente do pai de Ester. Os olhares se cruzaram. O homem branco se aproximou da jovem, pegando-a pelos braços e puxando para trás de si.

– O que vocês... moleques de rua tão falando com a minha filha? – Disse rispidamente. – Oferecendo drogas? Ameaçando?

Danilo deu alguns passos à frente.

– Nada disso. Não vendemos drogas e nem ameaçamos jovens indefesas. – Falou com convicção.

– O histórico de vocês não mente... – Rebateu. – Vai pra dentro, Ester! – A menina correu para o portão, observando a discussão de longe.

– Que histórico o senhor tá falando?

– Amizades, pais, casas, renda familiar... Eu sei de quase tudo!

– Fala isso sem saber de muitas coisas... ao menos os seus amigos não são tão legais para um bom histórico.

– O que você tá falando, menino?

– Às vezes os seus amigos fazem coisas que o senhor preferiria não ficar sabendo... afinal isso estraga a sua reputação, imagina o seu nome envolvido em tudo isso!

– Eu vou falar apenas uma vez, que merda você tá falando!

– O seu amigo, dono do Ferro Velho, o Coronel... atropelou eu e o Gabriel enquanto voltávamos da escola. Agora eu quero saber se são esses tipos de amizade que o senhor deseja ter em seu repertório!

Capítulo 22

Fui eu...

Elias observou de longe a movimentação ser dissipada, aos poucos os jornalistas iam embora, e Bruno passou a caminhar lentamente pela ruela lateral da Central Investigativa.

Pensou em uma maneira interessante e não estranha de abordar o jovem, contudo seus pensamentos apenas se restringiam no que ele precisava contar para Bruno.

Arantes cruzou a rua, ainda preocupado e sem rumo, Elias o seguiu, fingindo andar na mesma direção. Igualando os passos, ambos ficaram lado a lado, e foi aí que um súbito alavancou a voz de Elias, que na altura da idade pensava que conseguia controlar suas atitudes.

– O que o senhor disse? – Disse Bruno, com um semblante um pouco duvidoso. – Eu não escutei...

Elias olhou graciosamente, contudo permaneceu calado por alguns segundos. Estava pensando em como aquilo foi estranho, e se permanecesse em silêncio, Arantes com certeza iria considerar aquela atitude como no mínimo esquizofrênica.

– Olá! Bem... – Parou, Bruno seguiu a mesma linha de movimentos. – Bem, eu tenho algo importante pra falar com você... é sobre o passado. Talvez você não lembre, mas eu te ajudei muito no passado!

...

O pequeno restaurante de bairro tinha uma decoração interessante, em um ritmo quase medieval. Os garçons tinham vestimentas convencionais ao tema, e o cardápio separado no centro da mesa, destacava nomes atípicos para aqueles alimentos.

– E então... – Iniciou Bruno, notando o quanto aquilo estava ficando estranho. Pensou em falar que estava apressado e precisava sair dali o mais rápido possível, contudo acabou de sair impune de uma Central investigativa, tal

atitude apenas comprovaria o seu medo e angústia por passar por tudo aquilo novamente. – Vamos começar do zero. Eu estava andando, e aí você...

– Certo! – Confirmou Elias, sem pontuar nada mais.

– E aí falou sobre alguma coisa do passado, que eu particularmente não entendi muito. E digamos que eu quero saber o que o senhor tem a ver com o meu passado. – Mudou o semblante para dúvida.

Elias pegou o cardápio a mão e o rodou entre os dedos. Busca as palavras corretas ao dizer tudo aquilo. Pensou no passado, sim, o passado de Bruno, queria dar um contexto para o jovem, mas seria preciso? Ele passou por tudo aquilo, então Elias supôs que não era preciso dar contexto algum.

Falou algumas palavras sobre aquela época, ressaltando o assassinato que marcou a todos, depois falou sobre sua quase prisão, e quando chegou nessa parte, notou o receio de Bruno ao relembrar desses momentos. Principalmente pela sua inquietação na cadeira, e agora suas mãos que antes estavam repousadas em cima da mesa, foram para baixo.

– O que tá falando? – Iniciou Bruno. – Eu... eu não estou entendendo, e sinceramente, eu tô cansado, quando mais rápido eu sair daqui e voltar pro meu apartamento, melhor, apenas isso!

– Eu queria ser breve, mas como eu posso ser breve?

– Diz, é só falar. O que tem você falar? Eu já sei... eu deveria ter desconfiado.

– Desconfiar de que? Desconfiar sobre o quê?

– Tudo!

– Meu Deus, tá bom, chega, eu preciso falar, preciso!

– É um desses jornalistas de merda em busca de pauta pra matéria do dia? Eu não vou ficar aqui! – Fez um gesto que iria se levantar, contudo os olhares de Elias deram ainda mais a confirmação que estava fazendo algo certo.

Bruno saiu do restaurante, e Elias uniu suas mãos novamente. Diante da mesa, encarou a breve janela do lado de fora. Por fim decidiu se levantar. Abriu a porta principal e procurou pelo jovem, que agora parecia se perder na multidão. Em um compasso desesperado, decidiu correr em uma velocidade grandiosa, esbarrando em pessoas apressadas, carregando sacolas ou atrasadas no trabalho. A vestimenta velha de Arantes surgiu na outra ponta da rua.

O sinal abriu, e silhueta de Arantes desapareceu, mas sabia em qual direção ir. Correu.

Viu suas respostas e seu atos se desvaecendo diante de seus próprios olhos, enquanto Bruno a cada passo pareciam sumir.

Quando o sinal finalmente fora aberto, correu sem pensar no amanhã. Esbarrou em pessoas, contudo não era impeditivo. Sentia seus joelhos e coluna arderem, uma queimadura que começavam em um ponto específico e aumentava gradativamente para todos os lados do músculo.

Começou a mancar, ao mesmo tempo que via os cabelos negros de Arantes se aproximarem. Não havia mais ruas e avenidas a atravessar, poucos metros distanciava o homem e o velho. Respirou aliviado ao encostar suas mãos suadas no ombro de Bruno, que retraiu o toque, mas tornou a encarar a feição assustada do jornalista.

– Pelo amor de Deus...você não tá me deixando explicar nada, você não sabe o motivo de eu estar aqui! – Disse Elias. – Precisa esperar, você precisa ouvir o que eu tenho pra dizer, não pode fazer isso comigo, olha... olha o meu estado, Bruno, se eu corri por tudo isso, é porque o que eu tenho pra falar não é algo simples, um bola de papel que todos podem jogar no lixo. Pelo amor de Deus, Bruno, o que eu tenho pra falar é algo importante!

Bruno tirou com força a mão de si, jogando-a para o outro lado. Elias sentiu o ombro doer com o impacto, emitindo um breve somido de dor. Contudo tornou a olhar novamente para o antigo metalúrgico, que após alguns segundos de silêncio, decidiu falar:

– Para! Eu não quero me lembrar de nada! Nada! Você tá me seguindo pra nada... nada! Eu não vou dar nota de jornal, não quero falar com ninguém. Muito menos quero me lembrar de nada relacionado aquilo, não quero, jamais irei querer. Não! – Falou com convicção. Logo voltou a andar, em passos rápidos, Elias o seguiu. A rua agora não estava tão movimentada, apenas algumas barracas contornavam as laterais.

– Mas é importante! É sobre o seu passado! Não pode apagar, deixar tudo isso para trás, é importante!

– Você já disse essa frase um milhão de vezes, e eu permaneço dizendo que não quero, eu não quero ouvir nada.

– Você precisa me ouvir.

– Não quero me lembrar de nada. Vai embora daqui! Não quero me lembrar de nada do passado, coloquei tudo bem longe de mim. Em um lugar que eu prefiro jamais voltar a pensar que ele existiu.

– Não vai se arrepender.

A última tentativa de Elias provocou uma histeria em Bruno, que se curvou e partiu para cima do velho. Agarrou a gola da sua camisa, ambos pareciam respirar o mesmo ar. Os olhares intensos se cruzavam, Elias por algum momento

sentiu que sairia quebrado naquele mesmo instante.

– Então fala logo de uma vez... – Sussurrou. – Fala, fala logo de uma vez, fala. Quem é você, o que você quer falar comigo? Fala!

Um velho morador de rua se aproximou.

– Ei, tá tudo bem por aí? Se continuarem assim vou ser obrigado a chamar a polícia, só resta saber como, não tenho crédito no orelhão da OI.

– Eu que te salvei de ir preso em 82. Eu que te livreí de ser pego pela prisão e cumprir mais de vinte anos por um crime que não cometeu. Eu que impedi que os policiais te levassem pro Aníbal Fernandes. Eu sou Elias Damasceno, o jornalista que impediu que tua vida fosse destruída... Meu nome é Elias, e você deveria dar glória a Deus pela minha existência!

Capítulo 23

Gonçalo

– **Eu fiz isso apenas pelo ofício, era preciso fazer esse tipo de coisa...** enquanto a maioria dos jornalistas tentavam com todas as forças conseguir manchetes, eu lutei contra esse sistema, e você é a prova disso! – O discurso de Elias veio depois de muita conversa entre ambos. Após o show com alta carga dramática do lado de fora, finalmente o velho conseguiu a calma de Bruno, que aceitou retornar ao restaurante em que estavam.

– Eu nem sei como eu poderia te agradecer por tudo isso... Eu de fato não tenho palavras! – Disse calmamente.

– Não precisa dizer nada, veja pelo lado positivo, ainda existem bons jornalistas. – Deu uma breve risada e engoliu um pouco do café. – Talvez eu não tenha te contado ainda, mas eu guardo alguns arquivos na minha casa sobre a sua mulher, eu tava escrevendo uma obra sobre ela antes de ser impedido pelo governo, entende?

– Sobre a Sophia?

– Exatamente sobre ela...

– Hum. – Pareceu não se interessar muito, mas, no fundo, estava interessado e não era pouco.

– Ok, não quer saber sobre isso, mas tudo bem! Eu...

A frase de Elias foi interrompida pelo somido aumentado da televisão, a música do plantão retornava mais uma vez, deixando todos os olhares presentes no restaurante, curvados para o monitor.

– O que será que aconteceu? – Indagou Bruno, enquanto observava Elias atento.

– Olá, voltamos com mais um plantão da Globo, onde estamos acompanhando o caso que marcou a população Recifense em mais um dia... O caso da mulher Suzana, assassinada dentro de uma igreja. Mais cedo fizemos o mesmo, anunciando a saída de Bruno, que era um dos suspeitos do caso, agora anunciamos em primeira mão, a saída do Padre Gonçalo Dias! Vamos com imagens exclusivas.

Elias encarou Bruno.

– A gente deveria voltar pra lá? Falar com o padre... – Sugeriu Bruno. – Vai ser abordado por aqueles loucos, vai acabar se descontrolando.

– Conhece o padre de quanto tempo?

– Uma hora!

– Ah! Certo, então vamos... vamos até o padre!

...

A rua voltava a ficar recheada, dessa vez não apenas de jornalistas enfurecidos pela informação, mas sim pessoas curiosas, que acompanharam o desenrolar do caso pela televisão.

Gonçalo retraiu ao ser abordado por dezenas de homens e mulheres com seus microfones, fazendo perguntas quase que ao mesmo tempo.

– Eu não sei de nada! – Disse tentando desviar. – Parem, não sei de nada. Não sei dizer nada sobre isso, para! Me deixem em paz. – Tentou abrir espaço, mas foi minuciosamente omitido por um segurança disfarçado. – Me larga! Me larga! Quem é você?

– O senhor tá envolvido no assassinato?

– Por que matou a Suzana?

– Por que fez isso?

– O que ela fazia fora da igreja?

– Tirem as mãos de mim, eu não tenho pra falar pra nenhum de vocês. O que eu falei já disse pra ela, pra Eliete, e ela nesse momento é a mais importante! – Se desvaceceu das mãos do segurança e saiu da multidão.

Elias e Bruno sentiram o momento de agir, e logo correram na direção do padre, que se assustou até perceber a face conhecida do jovem.

– O que tá acontecendo? – Indagou. – O que esse povo tá pensando da gente? Tão achando que somos assassinos, mas não matamos ninguém. Quem é esse homem? – Olhou para o velho, que estendeu a mão.

– Elias, prazer!

– O jornalista?

– Ele mesmo.

– E o que é que você tá fazendo aqui?

– Tenho uma longa história com o Bruno, mas de modo geral vim ajudar vocês nessa partida. Tenho a teoria que esses crimes estejam interligados. Bem,

eu vim ajudar a provar que vocês dois não são culpados pelo crime. Vim provar que vocês dois são inocentes!

Capítulo 24

O caso toma rédeas

O padre caminhava com a respiração ainda em desnível, acompanhado de Bruno e Elias, que sugeriu todos irem para sua casa. Primeiramente acalmaram Gonçalo, oferecendo uma água comprada numa barraca próxima da Central dos Correios, ele bebeu toda a garrafa, e no decorrer do caminho percorrido pelo táxi, conseguiu se acalmar pelo olhar fixo nas paisagens da cidade.

Elias tomou a frente, abrindo rapidamente o cadeado. Adentraram a residência. O início era feito por um jardim malcuidado, com duas árvores em ascensão. Espalhado por breves canteiros em frente a grade, haviam jarros, baldes e cestos que resguardavam pequenas plantas.

A sala, com uma estante, e uma televisão de tubo, era rodeada por livros e jornais velhos. Gonçalo observou os quadros que demarcavam as laterais, principalmente para o acima do telefone, a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

– Por aqui! – Elias resgatou os olhares perdidos dos dois, que seguiram o velho, entrando por um corredor estreito e mais uma vez cheio de arquivos. Abriu a porta e deu espaço para Bruno e Gonçalo, que se acomodaram em um canto, no aguardo de mais comandos do velho. – Então, é aqui eu vivi por quase a minha vida, sabe? Trabalhei muito pra conseguir um cargo de renome do Diário Recifense... Esses arquivos todos espalhados, esse entulho, como muitos devem pensar, eu não consigo me desfazer deles... São memórias, eles mostram o meu caminho. Olha, sinceramente eu não sei como essas pessoas conseguem se desfazer das coisas desse jeito. Mas tudo bem, vinhamos falar de outra coisa!

Finalmente Elias tirou alguns documentos em cima de duas cadeiras. Arantes e o padre se sentaram e aguardaram o velho fechar a cortina, ao término de tudo isso, se acomodou em sua poltrona confortável, e encarou os olhares curiosos dos dois.

– Por onde começamos? – Iniciou Bruno. – Existe um assassino e só. É só isso que temos!

– Na verdade não! – Indagou Elias.

– Como assim não? Olha, eu nem deveria estar aqui, todos nós sabemos, eu acabei de sair de uma quase prisão, uma experiência de quase morte, vi um corpo morto na minha frente. Como assim? Você sabe de mais uma coisa? – Disse o Padre.

– Vocês são sempre assim? Rápidos? Sem me deixar explicar sobre as coisas? Meu Deus. – Resmungou. – Podem existir ligações, tal como os dois casos anteriores.

– Que casos?

– O da inglesa, Sophia Lancelot, assassinada em 1982, e logo depois a mulher que saiu da igreja e foi morta, um dia após o assassinato no rio! Não devemos saber que somos nenhum leigo para saber que existem ligações sobre tudo isso, não acham?

– Eu sinceramente não sei sobre o que você tá falando! É algo previsível... – Bruno afirmou, encarando o padre que permaneceu quieto.

– Olha, eu não estou falando o que não sei... Eu tenho informações embasadas, sinceras, estudei história e jornalismo, sei das coisas!

– Não é porque você estudou história e jornalismo que é dono da verdade. Olha, eu não sei aonde vamos chegar com essa discussão! Viemos aqui pra investigar a morte da Suzana, essa sim que deve ser investigada.

– Um caso pode levar ao outro. E eu não sou o dono da verdade, apenas sei do que estou falando porque tenho embasamentos. – Repetiu.

– Tá! Tudo bem, então vamos por partes. O que você sabe sobre a inglesa? Sobre a Sophia? Sobre a minha Sophia?

Elias demorou alguns segundos até voltar a encarar Arantes, que permanecia com um olhar sério e um cenho franzido.

– Guardei documentos que não foram publicados! Documentos proibidos de irem ao ar pelo prefeito, Antony.

– Do que você tá falando? Que documentos?

– Eu não posso lhe mostrar agora... Mil desculpas, mas agora não é o momento ideal.

– Você tá mentindo. – Bruno se levantou. – Você está mentindo!

– Continue com esse pensamento sobre mim e não vai chegar a lugar algum. Se eu de fato tivesse mentindo, não teria te tirado da delegacia, teria deixado você ser preso por todos aqueles policiais.

– Se não pode me contar a verdade, como eu posso confiar em você?

– Deveria parar de ficar com esse joguinho contra a gente, o padre... – Encarou Gonçalo, que estava com as mãos em cima do rosto, em um semblante

assustado. – Padre? O que aconteceu?

Bruno se sentou e encarou Dias.

– Ei! – Disse o rapaz. – O que houve?

Gonçalo respirou fundo e colocou as mãos de volta à mesa, encarou a todos ainda com tensão, sentiu o suor pingando da sua testa. Organizou a postura e decidiu que aquele momento era o ideal para falar alguma coisa.

– Antes da mulher ser morta após sair da igreja, ela foi ao confessionário...

– Respirou fundo novamente. – E falou coisas... escondi durante anos tudo isso, com medo de dizer e perder meu ofício como padre, mas...

– O que ela disse? – Bruno se aproximou ainda mais.

– Bruno, a assassina da sua esposa foi a mulher atropelada ao sair da igreja... Emanuele Andrada matou a sua esposa. Emanuele Andrada assassinou Sophia Lancelot!

Capítulo 25

Decisão arriscada

Gabriel pensou que perderia o amigo no momento exato que Braga partiu para cima dele. Na verdade pensou que perderia Danilo muito antes da briga com o pai de Ester. Quando viu a bicicleta e Danilo sumirem juntos, diante de um barranco enorme, estraçalhando a metade do corpo próximo de pedras e sucatas. Quando simplesmente abriu os olhos e notou o olhar perverso e impiedoso do Coronel, apontando uma arma, em uma mira exata e concreta para Danilo. Teve sorte de o tiro ter apenas acertado de raspão, passando pelo seu ombro direito, parando próximo de uma pequena rocha.

Danilo tinha plenos conhecimentos sobre o quão estranho estava se tornando aqueles últimos dias. Toda a infinidade de coisas e situações que pareciam surgir, transformando uma rotina clássica e calma, quase em um filme de ação. Pensou em quantas vezes poderia contar uma história que não caberia em apenas um único dia. Sobre toda aquela noite estranha, sendo pego pelos brutos do ensino médio, amarrados, salvos por Ester, encontrar arquivos dentro do carro. E foi em um momento comum, que tudo pareceu virar, colocando em disposição a uma vida que jamais imaginaram. Jamais imaginariam serem seguidos por um carro, sofrerem ameaças de morte. Como aquele dia estava sendo estranho, complexo e novo. Apesar do medo de quais rédeas tudo poderia tomar, preferia continuar com o sentimento de apreensão cobrindo seu corpo dos pés à cabeça, colocando em jogo seus princípios e anseios.

– Cara, eu a amo! – Seus olhos estavam vidrados na casa da frente. Mas seus pensamentos moldavam o rosto de Ester. – E cara, olha o que eu acabei de fazer. Cara, eu enfrentei o Braga. Cara, eu enfrentei o pai dela... Cara, eu briguei com o dono de fábricas, cara! Cara, eu briguei com o meu sogro! – Gesticulou empolgado.

– Se você falar que “cara” mais uma vez, eu arrumo um jeito de encontrar o Dr. [Emmett Brown](#), voltar no futuro e deixar que o tiro acerte o meio da tua língua. – Olhou o semblante assustado de Danilo. – A partir daí as coisas ficam mais fáceis, você para de falar “cara” e eu consigo pensar melhor.

– Nossa. Precisava disso? – Disse Danilo. Gabriel deu um leve soco no

ombro do amigo, que revidou com um mais fraco ainda.

– Eu tô brincando, mas você não ama e Ester...

– Claro que amo, e não sei como a gente ficaria bem em uma casa onde o meu sogro me odeia. – Bufou de raiva.

– Você já falou com ela? Disse que amava ela?

– Não! – A resposta soou vaga.

– Então como você tá dizendo que o Braga Nunes é o seu sogro? – Tinha um tom irônico.

– Cara! – Revirou os olhos com sarcasmo ao notar a feição irritada de Gabriel. – É coisa simples, a gente tá namorando, uma relação estável, mas ela ainda não sabe.

– Entendi. – Voltou a escrever no seu caderno, Danilo o encarou.

O silêncio permaneceu por mais alguns minutos. Gabriel porque dividia os parágrafos e escolhia as melhores frases para pôr no seu pequeno diário investigativo. Danilo porque não sabia como tocar no assunto, mas tentou:

– Você viu mesmo o coronel?

– Era ele! Não tem essa de “se eu vi” eu tanto vi como tenho certeza que era ele.

– E qual era o carro? – Indagou, Gabriel não entendeu.

– Por que você quer saber a cor do carro?

– É fácil! Aonde foi que a gente, eu, você e a Ester encontrou isso tudo? – Disse ironicamente, apontando para alguns papéis espalhados pelo banco.

– Dentro de um carro branco... – Parou por dois segundos, até voltar a olhar para Danilo, como se seus olhos representassem uma descoberta divina. – É claro! – Gritou. – O carro que atropelou a gente era branco, e não tinha placas! Igual ao carro que a gente achou... Que a gente achou os arquivos do assassinato!

– Olha aí. Eu tô levando essa brincadeira mais a sério que você!

– Verdade..., mas já que tá dizendo, e vai bancar o Hercule Poirot, qual a sua proposta e plano?

– Se liga, já que foi o Sr. Coronel que atropelou a gente, então ele, com certeza, deve saber que a fomos nós que pegamos os arquivos no carro dele. Você mesmo disse que o banco do passageiro não tinha fundo, e você foi lá e estraçalhou o tecido com um clipe, inclusive, fez bem, tá aprendendo comigo...

– Bateu palmas. – Ele sabe disso, e queria apagar eu e você. Quando aquele jornalista famoso morreu, quando atiraram nele, lembra sobre o que o que todo mundo dizia, inclusive o seu avô?

- Queima de arquivo.
- Queima de arquivo, exatamente... ou apenas assustar a gente, não sei!
- Então o que a gente faz? Porque eu prefiro não ter a sensação de quase morte novamente. – Afirmou Gabriel.

Danilo se levantou, pegou todos os arquivos e guardou na mochila do amigo, que estranhou a atitude, até que ao término de tudo, firmou seus pés ao chão, colocou os punhos fechados no quadril, estufou o peito e disse:

– Eu demorei pra entender a gravidade da coisa, pensei que tudo era uma brincadeira nossa, e que você tava levando mais a sério a brincadeira, e apesar de parecer estranho, é bem normal. Mas agora, que quiseram matar a gente, tudo isso fica ainda mais na cara que o culpado tá próximo, que o culpado pode ser, sei lá, o dono da padaria, o próprio Braga, pode ser qualquer um... inclusive o Coronel. Então, agora que tá tudo ainda fresco na cabeça da gente, por que perder tempo e ficar aqui, pensando sobre o que teria acontecido se a gente morresse, e isso e aquilo. A gente vai agora mesmo na casa do Coronel, e tentar descobrir de todas maneiras o que ele esconde, quem ele é, quem ele foi, se teve família ou se sempre foi solitário. Gabriel, a gente vai descobrir a verdadeira identidade dele... Do Coronel!

Capítulo 26

Pensamento alternado

– **Eu não sei por onde começar... Eu não sei!** – Disse o padre. Elias **estava** confuso, mas não mais interessado do que Bruno. Aquilo fazia parte do seu passado. – Não faço a mínima ideia.

– Pelo amor de Deus, padre. Só basta você começar do começo, o que aconteceu no dia em que tudo aconteceu. A minha esposa foi morta, e no dia seguinte essa mulher foi assassinada! Fala!

As memórias adentravam e se organizavam como uma história na mente confusa do padre. Ao mesmo tempo que queria dizer tudo aquilo, pensava e repensava como poderia contar, contudo não podia mais esconder.

– Tudo começou, quando...

Gonçalo preparava a hóstia para a missa seguinte, quando escutou gritos adversos vindos do lado de fora. Cruzou os seus olhares rapidamente para o imenso portão da Igreja Centralina, retraindo, apoiou-se no altar. Uma mulher de cabelos brancos caminhou com passos apressados pela igreja, até alcançar Gonçalo. Suas mãos tremulas encostaram nos braços do padre.

– Pelo amor de Deus! Eu preciso contar sobre tudo que aconteceu, padre! Eu preciso me confessar, é urgente, não posso voltar atrás. – Indagou a mulher, com o semblante pálido e assustado.

– O que aconteceu? O que aconteceu? – Indagou Dias, acompanhando os movimentos.

– Eu não posso falar aqui, essas paredes tem ouvidos. – Revirou os olhos. – Precisamos ir para a cabine, lá eu poderei me confessar, tirar esse peso do peito que está me atormentando... Eu preciso me confessar! – Gritou!

– Ela estava inteiramente assustada com tudo aquilo. Tremia muito. Depois daquilo, eu já havia começado a imaginar sobre o que ela seria capaz de falar, isso me assombrou. Jamais alguém confessou um assassinato, e principalmente em uma cabine.

– O que ela disse? – Bruno permanecia com uma rigidez no corpo. Elias continuava sereno, sem mudanças na feição.

– Quando chegamos na cabine, ela começou a chorar, na verdade ela já estava chorando! Estava chorando muito antes, mas aumentou. Chorou dramaticamente, estava se preparando para estourar uma bomba!

Emanuele após enxugar algumas lágrimas, conseguiu falar.

– O que eu tenho pra falar é algo totalmente fora do eixo... Eu não queria tá aqui, mas fui levado pelas circunstâncias. Preciso desabafar, padre!

– Tudo bem, agora é o seu momento de fala. O que está te angustiado tanto?

– Eu matei a menina no rio! – Disse em uma voz agora serena, como se não houvesse chorado antes. – Eu esfaqueei aquela menina, doce menina!

Gonçalo retraiu no banco, assustado com aquela hipótese. Engoliu a saliva em seco. A perturbação de saber que estava conversando com uma assassina. Seu corpo demonstrou esses sinais, estremeceu por completo.

– Sangue de Cristo! – Disse em um único tom.

– Deus... Ele me perdoa? Acha que Deus seria capaz de me perdoar? Eu acho o contrário, acho que ele me condenaria ao inferno... Sim, me deixaria queimar no inferno por tudo que fui capaz de fazer. Ele me transformou nessa pessoa. Deus é o culpado de tudo isso!

– Deus não é culpado de nada! Seus pensamentos que se divergiram do ideal.

– Ah, padre. Às vezes é tão fácil falar, não é fácil? É simples dizer algumas coisas quando você está do outro lado. Mas só quem vive, quem sente na pele, só quem sente sabe a culpa. Só que sente, entende que não são pensamentos... nem sempre o nosso corpo se baseia em pensamentos!

– Deus entende das coisas, apesar de tudo ele entende.

– Qual a minha sentença antes da morte?

– Que morte você tá falando?

– A morte que todos sabem que existe em algum lugar do infinito. Qual a

minha sentença antes da morte? – Gritou.

– Eu não sei...

– Como assim não sabe. Eu preciso ir embora.

Emanuele saiu rapidamente da cabine, andando até o centro da igreja, sendo alarmada pelos gritos de Gonçalo. Se curvou na direção do padre e o encarou, ao mesmo tempo em que alinhava seus cabelos brancos.

– A senhora não pode sair assim. – Indagou Dias.

– Ninguém vai me impedir. Adeus!

Seus passos apressados foram seguidos até o portão do jardim. Onde Gonçalo correu para tentar segurar nos braços da mulher, contudo já estava longe. Um último olhar separou aquele momento. Ao encostar seus pequenos sapatos carmim nos ladrilhos sujos da rua, um carro branco passou, batendo em seu quadril e a arremessando contra um poste. Caiu morta, com o sangue escorrendo da sua cabeça, as mãos mortas, resguardando uma foto velha... A foto de Sophia sorrindo para a câmera.

Capítulo 27

Identidade revelada

Danilo e Gabriel de fato não sabiam por onde começar, antes de invadir a casa do temido Coronel, precisavam saber ao menos onde ela estava. Jardim Brasil não era tão grande, mas também não era suficientemente pequena. As casas adornavam ruas bem-feitas, mas de todo modo aquilo não ajudava em nada. Tiveram a ideia de partir para a quadra vinte e sete, onde bateriam quatro vezes seguidas na porta de madeira, desceriam a pequena escada que avançava em direção a casa, e aguardariam... Aguardariam uma mulher de corpo gordo, cabelos presos em um coque, e uma roupa que comprovava seu ofício como Dona de casa, indo os cumprimentar. Mais uma vez falaria que conhecia o seu filho na escola, e apesar de não se verem muito, considerava ele um grande amigo. Após gritos e mora, Montanha iria surgir na porta, revelando onde o Coronel morava.

Gabriel sempre fora mais organizado, ao contrário de Danilo, que ao mesmo tempo que queria agir, esquecia de lembrar-se das coisas. Logo o menino moreno puxou seu caderno surrado e anotou as coordenadas descritas por Montanha, que admitiu serem concretas e certas, não havia como errar.

A pé, seguiram as trilhas traçadas, sempre encarando as placas e ruelas, observando as principais características ditas por Montanha:

– Ele mora naquele canto que todo mundo diz que é mais conceito... Conceito... Ele mora lá. Aquele lugar é cheio de carro, como se fosse uma regra, como se eles vivessem sob o pé do Bill Clinton... Maldito Bill! Bill... As casinhas são todas pintadas, longe daquele início de favela próximo do barranco. Todas muito bonitas, como se todos ali vivessem em um mundo apenas deles, eu acho que é isso.

De fato, tudo parecia como descrito, e apenas encontraram oficialmente a casa do Coronel, quando Gabriel reconheceu o carro que o mesmo adentrou após atirar em Danilo. Em frente à residência branca e com um quintal lateral, havia um canteiro de obra, onde uma pequena placa feita de madeira improvisadamente, dizia:

EM BREVE LIVRARIA SPACE TO STUDY! OFERTAS IMPERDÍVEIS

DE GRANDES LANÇAMENTOS AMERICANOS! AGUARDE E VERÁ, COM UMA CARTA ESPECIAL DE RECOMENDAÇÃO DE BILL E HILLARY CLINTON! EXTRA! EXTRA!

E logo abaixo, como se fosse assinado, a foto dos dois juntos.

Ficaram atrás de um pedaço de muro, e estranharam quando uma mulher passou caminhando com seu cachorro gringo.

– Você tem alguma ideia? – Indagou Gabriel, enquanto revirava os olhos por cima, encarando o movimento da casa e da área.

– Eu que dei a ideia de vir até aqui, então é claro que eu tenho uma ideia, você vai se surpreender!

– Eu vou me surpreender? Então qual é a ideia?

– A gente entra lá e ponto, pegamos o que quisermos pegar e vamos embora... Como se nada jamais tivesse acontecido, simples, entendido?

– Não vai dar certo, precisamos de uma estratégia...

– Pra que estratégia, Gabriel? O Coronel é tão sem estratégia que estacionou o mesmo carro que atropelou a gente, na frente da própria casa... um burro! – Pairou seus olhares sobre o carro, até perceber o movimento interno da maçaneta. – Ah lá, ele vai sair agora, olha a porta se mexendo.

E se mexeu. A porta logo foi aberta pelo Coronel, que saiu sagaz, acompanhado de uma mulher excêntrica, loira, branca e com silhuetas finas, mas com um volume incrivelmente estranho na bunda e no peito. O Coronel, que vestia branco e mesmo Gabriel estando longe, conseguia enxergar o desenho de uma arma nas suas calças. Puxou do bolso uma quantia dentro de um bolo, e entregou nas mãos da loira, que se aproximou para entregar um beijo, mas fora afastada pelos punhos firmes do homem. Ela fez uma careta repudiando o ato, e deu meia volta, partindo para um lugar desconhecido, apesar de parar pra falar com uma mulher jovem em uma barraca que vendia tortas.

O dono do ferro velho adentrou seu Opala e apertou o gatilho do acelerador, desaparecendo em uma esquina próxima dali. Gabriel e Danilo se entreolharam.

– É agora que a gente invade a casa do homem que tem uma arma, e se encontrar a gente dentro da casa dele, revirando as coisas dele, atira na nossa cabeça e esconde nosso corpo? – Indagou Gabriel, se erguendo diante do canteiro.

Danilo fez o mesmo, igualando o mesmo olhar convicto ao do amigo.

– É agora que a gente descobre quem esse desgraçado é de verdade!

Caminharam lentamente, e quando chegaram na calçada em frente à casa, olharam o chão, como se tivessem perdido alguma moeda. Repetiram a peça

teatral até algumas pessoas da rua entrarem suas casas e ali ficar. Se olharam novamente e pularam o muro. Abaixados, com medo de algum olhar de qualquer que fosse o local, foram na direção do quintal lateral. Um corredor com plantas nascendo de modo avulso. Danilo desviou das ortigas, mas em um piscar de olhos logo viu Gabriel próximo de algumas caixas.

Puxaram dois daqueles caixotes para baixo de uma janela um pouco mais alta. Gabriel dissera que seria o primeiro a subir, fazendo Danilo desconfiar da atitude. Com a ajuda do amigo, conseguiu colocar todo o seu corpo dentro do cômodo específico, aquele lugar parecia mais uma biblioteca.

Quando finalmente estavam todos na residência estranha, iniciaram o trajeto investigativo pela sala.

O ambiente era composto por uma decoração vitoriana, rodeado de moveis arrojados e luxuosos. Regado diante da sala, haviam algumas prateleiras de vidros e de madeira, abrigando grandes clássicos da literatura nacional. Contudo as obras idealizadas em capa dura e páginas grossas, se encontravam em um estado crítico de preservação, percebeu Gabriel ao encostar no Dom Casmurro, e em um chamado Romances Históricos. Abriu um em suas mãos, revelando um bilhete velho e empoeirado. O abriu por completo e finalmente leu aquelas frases tão bonitas, e em baixo havia uma assinatura que não conseguiu identificar o sobrenome, mas o primeiro nome era totalmente legível: Helena.

Danilo tomou outros rumos da sala grande, observando as placas de pedra que rodeavam alguns cantos. Também existiam quadros moldurados em vidro, painéis de metal, um tecido bordado, acoplado em um pedaço velho de madeira. Todos eles eram sobre períodos e áreas militares, carregando o símbolo tradicional do exército do estado. Nomenclaturas que não entendia, mas que ornamentavam cada pedaço do espaço sem fim. Abaixo de todos eles, havia uma colocação, posição diante de algum caso, boletins e principalmente mensagens de gratificação, sempre carregando um nome que não conseguia ler.

Os dois se curvaram para o centro da sala ao mesmo tempo, os olhares foram direto para uma estante que parecia nova, mas os livros nem tanto, pensou Danilo. Quando se aproximou e conseguiu enxergar às siglas, notou que não se tratavam de livros, mas sim de apostilas e caderno de atividades. Todos organizados em ordem alfabética, seguindo quase o mesmo modelo das prateleiras.

– Podemos sair daqui? – Sugeriu Danilo. – A gente precisa ver outras coisas.

– Sim! – Aprovou Gabriel.

Seguiram o corredor largo, que se estendia da sala e passava novamente

pela cozinha, tendo dois cômodos ao final. Danilo entrou no primeiro, um quarto infantil, com suas paredes rosas, uma cama pequena e arrumada, um urso segurando um coração repousava sobre o travesseiro. Seguiu até a pequena escrivaninha arco-íris, onde os porta-retratos não tinha fotos, os rostos estavam rasgados, o vidro esvaquiado, como se alguém quebrasse, cortasse as fotos, jogasse tudo para o alto diante de um surto de raiva, e quando o momento finalmente passasse, arrumaria os cacos, limparia suas lágrimas e colocaria tudo de volta, como se nada tivesse acontecido, mas havia.

Danilo estava no quarto de casal, nada lhe chamou muita atenção, a não ser um móvel que jamais havia visto, onde apenas gavetas dividiam espaços. Tentou puxar a primeira, sem conseguir, desistiu. Puxou o mesmo clipe que usara para abrir o fundo falso do carro, tentou colocar em prática os ensinamentos ditos pelo seu amigo, e ao se lembrar de tudo, colocou em execução. A primeira gaveta finalmente foi aberta, retirou de cima alguns boletos, recibo de compras, todos pareciam apenas um entulho para disfarçar o que havia embaixo, e quando finalmente encontrou o documento em suas mãos, deu um grito agudo, chamando a atenção de Danilo, que correu até o seu quarto. Os olhares se curvaram até o documento preciso e direto, carregando a foto e os dados do Coronel, ou melhor...



– Meu Deus! – Gritou Danilo. – Ele... O nome verdadeiro do Coronel é... O homem que atropelou a gente hoje mais cedo. O homem que... O homem que atirou em mim... E o mesmo que assassinou Emanuele Andrada! A gente tem um assassino perto, um assassino queria fazer mais duas vítimas... E essas vítimas seria a gente!

– A gente não pode afirmar nada!

– Você disse que ele poderia ser o assassino dela, e agora tá trocando tudo? Será que não entende, ele sabe de tudo, o Coronel é o Rufino, se ele matou uma, mata dois, e mais dois... Senhor!

– A gente precisa levar mais coisa dessa gaveta, e o que deve ter aqui em baixo...

Gabriel retirou o grampo do bolso, mas antes que voltasse a colocar em mais uma fechadura, ouviram a porta se abrindo. Os olhares nervosos se encontraram, e correram para onde haviam subido na casa, a cozinha. Era uma conversa, mas não conseguia identificar a voz grossa do Coronel.

– Exatamente, senhor policial, eu vi dois jovens com cara de marginais, marginais mesmo, pulando esse muro e entrando na casa do homem. Eu liguei para vocês porque nunca vi um caso de violência, e se eles quiserem mexer nas coisas da mulher, e por aí vai... será que são ladrões mesmo.

– A gente vai precisar arrombar essa porta!

Antes mesmo das botas policiais entrarem em contato com a porta, Gabriel e Danilo já haviam pulado para o corredor lateral. O muro da casa da vizinha era baixo, foram por ali. Caminharam lentamente até perceber que já estavam no meio da rua, e quando ouviram a mesma voz:

– São aqueles meninos. São aqueles dali!

Correram... correram como se o amanhã jamais existisse. Precisavam chegar em casa e contar tudo ao avô, contar sobre como aquele dia estava sendo estranho e ao mesmo tempo novo. Não imaginavam que o clima na residência Damasceno não andava muito bem, e a qualquer momento uma grande bomba explodiria.

Capítulo 28

Abordagem rápida

Bruno andava apressadamente pela pequena sala, enquanto Elias e Gonçalo permaneciam parados, apenas com breves palavras, tentando acalmar a notícia infortuna recebida.

– Isso é algo totalmente fora do normal! – Elevou as mãos para o rosto. – Não!

– Olha, Bruno, eu deveria me compadecer e eu sei tô compadecido com tudo isso, mas já foi dito tudo. O que você não entendeu?

– É muita informação!

– De todo modo, sim!

– O que garante que ela que matou a Sophia?

– Eu! – Gritou Gonçalo. – Ela falou comigo, revelou tudo, a conturbação na qual estava passando.

– Ela pode ter sido coagida a falar isso, eu não sei, mas não estou acreditando nessa ideia.

– É uma ideia simples! Tava na cara que esses casos estavam interligados, e a sua esposa faz parte desse complexo de assassinatos, como disse, podendo ser o mesmo mandante sobre o crime da Suzana!

– Eu não quero saber de Suzana, eu quero saber de Emanuele Andrada. Quem era essa mulher? Onde trabalhava? Isso foi mandado, um crime comandado!

– Pelo amor de todos os santos, isso não vai levar a gente a lugar nenhum!

– Como não? É claro que vai! Quem mandou matar a Emanuele, com certeza foi o assassino de Sophia Lancelot.

– Realmente.

– Então a pergunta final, quem é Emanuele Andrada? Quem foi essa mulher? E quem a matou? Quem foi o assassino de Emanuele Andrada.

Gabriel e Danilo entram rapidamente na porta. Danilo assustado, no canto, ao mesmo tempo em que tinha sentimentos de receio com a atitude imposta por Gabriel.

- Eu já disse pra você parar de ser intrometido! – Gritou Elias.
- Eu tenho uma coisa para dizer!
- E que seja muito importante, caso contrário...

Capítulo 29

Vasculhando o que não deve

Elias colocou um casaco por cima da roupa velha, Gonçalo aguardou sentado no sofá, assistindo a novela das oito. Gabriel e Danilo ficaram no terraço, aguardando a saída do avô.

Tudo saiu de maneira adequada, exatamente como Gabriel queria. O avô leu os manuscritos em seu caderno, e achou fascinante o complemento através dos arquivos policiais, apenas faltou uma coisa. Se lembrou bem da frase dele:

– Esses arquivos são importantes, mas a gente precisa do domo, da página inicial e principal, afinal é ela que guarda o código dos arquivos, e sem aquele código, que, com certeza, estará presente no banco de dados da Central, conseguimos provar que aqueles documentos são reais. Não só o código, como o carimbo e também assinatura!

De volta ao momento exato, estava angustiado, queria logo por uma primeira vez provar para o avô que era útil, que podia seguir o seu ofício tradicional como jornalista, apenas queria.

Elias se organizou completamente na sala, e ao apenas encontrar Gonçalo, gritou por Bruno.

– Aonde ele tá, hein? – Indagou. Gonçalo fez um gesto apontando para o quarto. – Bruno, você tá no quarto? Vem aqui, tá se arrumando?

Arantes saiu do quarto com a roupa de dormir, encostou no arpão que dividia a sala com o corredor principal, e encarou o olhar confuso do jornalista aposentado.

– O que foi? – Perguntou, com um semblante suave e sereno.

– Eu que te pergunto o que foi... A pergunta certa é o que foi que houve pra você colocar pijama essa hora? É fantasia? É um disfarce agora?

– Eu não vou!

– Ah, você não vai? – Gonçalo se levantou. – Como assim? Eu pensei que a gente tava junto nisso tudo, não estamos juntos? A gente foi preso pela mesma delegada, fomos guiados pelo mesmo jornalista, e agora você vai inventar de desistir de tudo? Jogar tudo pela janela?

– Não... Eu apenas não quero me envolver agora, tô com dor de cabeça e morrendo de sono.

– Eu também estou, e nem por isso ficarei em casa.

– Chega de brigas por hoje. – Afirmou Elias. – Se prefere ficar aí, que fique! Mas não mecha nas minhas coisas sem minha autorização, e reafirmando o que eu acabei de dizer, eu não autorizo! – Foi até a porta. – Vamos gente, agora é hora!

Bruno aguardou alguns minutos, sentado no sofá observando a beleza daquela atriz, esperando todos saírem da residência. Com passos apressados, foi até o quarto de Elias, que se encontrava com a porta escancarada.

Foi até a pasta onde havia uma placa, datando 1982. Abriu a gaveta e descobriu a infinidade de arquivos e documentos que dividiam espaço no pequeno local. Retirou de lá alguns e colocou em cima da cama. Passou por todos sem dar muita importância, a maioria era sobre reportagens policiais que não lhe acrescentava em nada, até chegar ao último documento, grosso e revestido por um papel madeira, e em cima, rabiscado a mão, estava o nome de sua esposa. Engoliu a saliva e abriu o arquivo.

Capítulo 30

Conversa paralela

Atravessaram a principal avenida do Bairro, a cada passo, a torre elétrica não mais utilizada, aumentava de tamanho.

Revisaram o plano por completo antes de dobrarem na última esquina, que daria acesso ao portão dos fundos.

– Tá legal, vocês sabem muito bem o que deve ser feito! – Começou o jornalista. – Entrem lá, peguem os arquivos, saiam despercebido e voltamos pra casa no mesmo estante.

– Nunca gostei de gente pessimista, mas tenho uma dúvida. – Gonçalo apontou o dedo pra cima. – Se por ventura do tempo, algo desse plano der errado, o que a gente faz?

– A gente se molda!

A frase não foi muito bem entendida por Gabriel, que pensou por alguns segundos sobre aquilo, até chegar a conclusão que não tinha mais tempo para pensar.

A última esquina era uma divisa interessante, talvez porque seja ali onde dois bairros e dividem. Para o lado da fábrica, Jardim Brasil se destacava por residências ainda em construção, e algumas já prontas, contudo, todas sendo realizadas sem um devido planejamento populacional, trazendo casas e sítios desordenados. Do outro lado, Vila da prata abrigava pessoas de classe média, com casinhas bem pintadas, com breves jardins na frente. Uma verdadeira perfeição.

– O que aquele caminhão de lixo tá fazendo ali? Ele vai atrapalhar vocês... pelo visto a gente só vai sair daqui amanhã!

– Não é nada disso, vô! O portão é automático, o serviço do lixo faz todo o trabalho e vai embora, eles nunca reclamaram, não vai ser hoje que vão reclamar!

– Ainda bem. E a tua vó, Danilo, sabe que tu tá aqui?

– Sabe... Claro que sabe! – Mentiui.

Danilo esperou um momento exato que o portão abriu por completo, o fato

lhe trouxe um misto de sensações, ao mesmo tempo que tinha vontade de ir e pegar tudo aquilo, tinha medo sobre o que o futuro dessa investigação poderia trazer.

– É agora! – Disse, puxando Danilo pela manga da camisa. – A gente vai agora!

Gonçalo e Elias se aproximaram, trocando olhares esperançosos.

– Vai meu filho, que Deus proteja vocês! – Afirmou o padre.

Correram cautelosamente, e se esgueiraram no muro que fazia divisa com o portão principal. Observaram alguns garis limpando uma área próxima da sala de máquinas e um sentimento tenebroso se aproximou.

Gabriel que estava liderando aquela operação, fez um gesto indicando que o parceiro seguisse seus movimentos. Adentraram o espaço e seguiram até chegarem na porta que dava acesso à sala de máquinas. Danilo pensou em perguntar algo ao gari, mas os cujos já se encontravam de saída, o portão foi lentamente fechando.

Adentraram a sala de máquinas e encontraram um outro gari de saída, olharam aterrorizados para o caixote que servira de mesa, não encontrando nada.

– Onde estão os papéis que estavam aqui? – Indagou Danilo.

– Ah, o Geraldo pegou e colocou dentro do caminhão. – Disse já saindo, correndo para pegar o caminhão do lixo ainda em movimento.

Gabriel e Danilo aguardaram o homem sair, até que o portão novamente abriu, pensaram em correr e falar pessoalmente com os dois que aguardavam, contudo o carro branco do Coronel cruzou o corredor principal, seguindo direto para o interior da fábrica.

– Se ele não matou ninguém antes com aquela arma, é agora que ele mata!
– Disse Gabriel!

Capítulo 31

Corram para o caminhão do lixo! *Corram!*

– Mas você sabe que a vilã morre, não é? – Indagou Elias. – Eu li uma revista na fila do mercadinho, ela morre atropelada!

– Atropelada? – Disse Gonçalo assustado, contudo seu semblante fora modificado quando percebeu o caminhão do lixo saindo diretamente da fábrica de tecidos, pensou em gritar. – O caminhão do lixo saiu e agora?

– Meu Deus! Mas o Gabriel já me contou uma vez que tem como pular o muro de dentro pra fora.

– Eu sei, mas esses arquivos? Se nesse corre-corre eles perdem esses arquivos? Ai, meu Deus, eu não quero nem imaginar.

– Vô! – Elias procurou de todos os lados para saber de onde vinha a voz do seu neto, sem encontrar, encostou o ouvido no muro, Gonçalo seguiu os mesmos movimentos. – A gente não conseguiu achar nada!

– Eu sabia! E vocês estão bem? Vai ter como sair daí, não é?

– Sim, mas não agora, e é por isso que eu tô, eu e o Danilo iremos ver um possível confronto entre o coronel e o dono da fábrica, e por isso existe uma outra missão.

– Missão? Você tá achando que a gente tá em um desse seus joguinhos de videogame? Ora, missão... fala logo o que eu tenho que fazer.

– Os arquivos foram pegos e jogadas dentro do caminhão do lixo. – Elias teve repulsa de imaginar a ideia que o seu neto tinha em mente. – Ao lado do carro, tem o local que ele despeja o lixo.

– Se você tá pensando que eu vou...

– Eu acho que eu li que era Lixão de Aguazinha, aí o senhor tenta correr com o padre, e tenta subir no caminhão junto com os garis.

– Essa ideia é rocambolesca...

– Vô! Vai logo! Agora eu tenho que ir, as coisas vão começar a esquentar por aqui.

E de repente a voz ecoante de Gabriel parou. Elias e Gonçalo trocaram olhares silenciosos, mas que diziam muita coisa. Preocupados e ao mesmo tempo querendo aqueles arquivos, ambos deram pequenos passos, lentos, quase parando, até que o caminhão do lixo engatou e deu uma guinada forte após uma volta.

Correram, gritando e com as mãos para os altos.

– Parem!

– Parem com esse carro!

– Para!

O caminhão não parou, mas a movimentação fora capaz de chamar a atenção dos garis, que anteriormente conversavam.

– O que vocês querem? – Perguntou o mais alto.

– Queremos uma viagem até Aguazinha, por favor, a nossa filha mora lá pelos arredores, ela tá precisando da nossa ajuda. – Iniciou Elias.

– Além do fato de que vocês colocaram o presente que eu comprei pra ela por engano dentro do caminhão.

– Então sejam rápidos! Corram! Venham logo.

Gonçalo e Elias correram mais do que seus corpos poderiam aguentar. O caminhão parecia aumentar a velocidade a cada passo. Quando estavam próximo, dois garis estenderam as mãos para eles, que seguraram com firmeza e subiram, dividindo as barras de apoio com os trabalhadores.

Gonçalo e Elias se olharam.

– A que ponto chegamos!

Capítulo 32

Coronel e Braga Nunes

Arrumaram uma posição adequada, em um beco, cujo um basculante quebrado dava acesso a uma visão inteiramente completa sobre a conversa.

– É agora que o circo pega fogo? – Questionou Danilo.

– É exatamente nesse momento que o espetáculo começa!

O coronel adentrou o local aberto e amplo, uma sala grande e escura, com caixas, sacolas e roupas espalhadas pelo piso de cerâmica. Braga se levantou da cadeira ao notar a entrada triunfal, apoiando seus braços na mesa.

O semblante de Rufino comprovava o estado em êxtase no qual se encontrava. Suas mãos entraram em contato com a arma na calça, mas não tirou ela do lugar. Se aproximou ainda mais, parando na mesa, emitindo um tapa forte na camada fina de metal. O som assustador ecoou pela sala, transitando um eco aterrorizante. Braga retraiu.

– Me deu um telefonema, falou que ia vir, mas não me falou que ia ter esse comportamento na minha loja, que merda é essa, Rufino? – Iniciou Nunes.

– Eu tô pouco me fodendo pra o que você acha sobre mim! Eu por mim tocava fogo em tudo isso aqui.

– Tocava fogo nisso tudo, é? A que lugar você chegou, tá voltando a fumar? A dar aquela cheirada na droga?

– Você não repita mais nada sobre isso, seu merda!

– Eu agora sou o merda... vem cá, Rufino, o que aconteceu pra você tá assim? Entenda isso só como uma pergunta mesmo, sabe? Não que eu tenha o direito de saber o motivo de você entrar aqui e ameaçar colocar fogo na minha fábrica!

– Tá tudo indo por ruínas! – Disse com o semblante alterado, uma voz que tornava a ficar lenta e melancólica. – Vai tudo desmoronar sobre a gente!

– O que aconteceu?

– Tudo! Tudo aconteceu, será que você não tá vendo?

– Ele falou alguma coisa?

– Não atende minhas ligações, não me responde em nenhum quesito. Mas

ela é gostosa, é só chamar que a gente já tá lá!

– Tenta se acalmar!

– Me acalmar? Você não sabe o tanto que eu tô tentando me acalmar, mas não dá! Eu não aguento mais dormir, eu não consigo ter uma noite tranquila de sono, eu só penso na hipótese de tudo for descoberto, e revelarem tudo que a gente faz... apenas isso!

– Onde ele tá agora?

– Eu não sei! Tentei ligar de novo, mas quem atendeu foi... sei lá quem, eu tô voltando a ser esse doido esvarrido de sempre, daqui a pouco as pessoas vão me olhar com desprezo.

– E o que isso importa agora?

– Isso se chama burrice a sua, de não entender nada do que eu digo!

– Burrice a minha? Burrice a minha? – Colocou os punhos cerrados no quadril e franziu o cenho. – Você atropelou duas crianças!

Gabriel e Danilo se aproximaram da janela ao ouvirem aquilo.

– Eu fiz o que era certo!

– Agora eles estão infernizando a minha vida!

– Quem liga pra adolescentes inconsequentes? Ninguém!

– Você cresceu, mas continua sendo um adolescente fora de época.

– Tá falando besteira!

– Permanece sendo uma criança, que não sabe onde tá pisando, e começa a fazer coisas aleatórias em busca de alguém que fale “puxa vida, o coronel Rufino é realmente bom”, mas não existe pessoa e nunca vai existir! A pessoa que sempre disse isso, que acreditava em você, adivinha o que aconteceu? Na verdade, as duas pessoas que confiavam em você! Foram mortas... mataram a sua esposa e a sua filha. – Deu uma gargalhada. – Talvez seja por isso que você tá sempre assim, carregando esse sentimento de provação pra todo mundo, querendo parecer melhor e mais adorável, mas não é... Você não é o melhor e nunca será, você continua, coronel, sendo um assassino, um pau mandado, um merdinha que nunca vai merecer porra nenhuma!

Rufino saca a arma rapidamente e aponta para a cabeça de Braga, que não altera o semblante, permanece em sinal de afirmação.

– Continua falando alguma merda, pra eu ver se eu não acabo contigo aqui. Aí eu quero ver se eu seria um pau mandado em acabar com tua vida no império que você construiu, não? Aí eu quero ver se você vai ficar com essa prepotência toda pra cima de mim! E aí? Vai falar mais alguma coisa?

Capítulo 33

Um carro estranho adentra o lixão, uma descoberta acalorada, por que ele faz isso?

O caminhão finalmente entrou pelos portões principais do lixão. Mas não antes de haver uma breve discussão entre o motorista e o guarda da guarita. Após palavreados infames, frases desconexas e palavras que para Gonçalo e Elias não faziam o menor sentido, finalmente sentiram o verdadeiro cheiro do lixão... Tudo muito pior que a parte interna daquele caminhão, resguardando quase todos os dejetos deixado pelos bairros das redondezas, um odor tão intenso, que seus olhos pareciam queimar diante de brasa, provocando um clima estranho e um pouco tenso.

Logo quando desceram do caminhão, Gonçalo decidiu que seria ele que faria aquela pergunta, algo que preferia que Elias fizesse, afinal era um jornalista, apesar de aposentado, sabia das manhas e jeitos de alcançar o que queria. Bem, quando parou para pensar, descobriu que um padre também poderia, mas não era muito recomendado.

Se aproximou de um dos garis.

– Desculpe incomodar, senhor... – Induziu um gesto que representava sua dúvida.

– Me chamo Durval. – Ergueu sua luva suja para o padre, que com um semblante que misturava a bondade com o nojo, entregou as suas. Após o cumprimento, continuou. – Foi boa a viagem?

– Ótima! Nem as viagens do metrô, do trem lá de Mina, são melhores. Viajar dentro do caminhão de lixo sempre foi o meu sonho, obrigado por realizar. – Gonçalo mostrou os dentes simpaticamente, Durval riu.

– O senhor disse que tinha uma filha, ela mora por aqui? – Indagou, Elias contraiu de medo, imaginando quais repostas e mentiras Gonçalo entregaria ao homem.

– Não venho muito aqui, exatamente pelo loca, sem preconceitos. Ela

poderia morar comigo na minha casa, vivo próximo das ladeiras de Olinda. Conhece? Aquele lugar que ao chegar fevereiro estremece, brotando gente que você jamais viu. Praticamente a sua casa vira um motel ambulante, cheio de gente se atracando, trocando saliva, e logo eu, muito religioso, nesses dias prefiro me ausentar até de ver o sol.

– Não gosta de carnaval e mora na ladeira de Olinda, vai saber...

– Nem sempre as coisas são como a gente quer, mas falando nisso, aconteceu uma coisa horrível... – Gonçalo descobriu diante de seus pensamentos, um jeito novo de experimentar a criação de histórias. No inconsciente, sabia que a palavra adequada era mentira, mas preferia continuar afirmando para si mesmo que tudo se tratava de uma criação de histórias. Falou sobre uns documentos da faculdade que perdeu dentro da fábrica, e quando percebeu o interesse do Durval, continuou. Ao término de tudo, precisava fechar com a pergunta que tanto pensou. – Então será que você pode quebrar esse galho? A faculdade de filosofia é complicada, imagina anotar todas as teorias de Platão novamente, conhece Platão?

Antes mesmo de responder a pergunta, Durval pulou dentro da caçamba, e procurou pelo envelope amarelo e com listras brancas. Enquanto isso se aproximou de Elias.

– Faculdade de filosofia, mora em Olinda e no carnaval prefere não abrir a janela. Para um padre, dá um ótimo contador de histórias.

E o silêncio continuo. Gonçalo permaneceu a encarar o infinito extenso que aquela misteriosa noite trazia. O lixão de Aguazinha era um ambiente inóspito, carregando consigo uma cidade prestes a nascer. Entendia o verdadeiro significado, principalmente quando encarava os altos morros ao redor, percebendo a construção desenfreada de casas. Pensou o quão seria agonizante morar em um lixão, viver daquilo, conviver com o cheiro atroz, balbuciando o aroma peculiar diariamente na mesa de jantar, afogando o vento carregado de chorume, nos pratos quentes, que juntavam a galinha, o feijão e o arroz.

– Aqui está! – Durval entregou o documento para Gonçalo, acompanhado de um sorriso. O padre retirou de seu bolso cinquenta reais que guardara para aquele dia, e entregou para o gari, que agradeceu com alegria.

Cruzaram novamente o portão do lixão, e permaneceram em silêncio até Elias estancar seus passos. Gonçalo deu mais alguns sem notar diferença, até retornar para o ponto que estavam. Tentou achar o que tanto prendia a atenção de Elias, que olhava um carro preto, com uma placa conhecida. O motorista logo chamou a atenção do padre, que reconheceu aquele homem dos santinhos jogados na rua, da música tocada durante todos aqueles meses, do seu rosto

estampado nas propagandas eleitorais, da sua voz marcando presença em comícios ardentes e lotados. Era ele, exatamente ele, não restava dúvidas de que era...

– O prefeito? – Indagou Gonçalo, olhando entre as grades que dividiam a ruela que passava o carro.

– Exatamente ele, o André!

– O que esse homem tá fazendo aqui? Veio fazer caridade? Dar dinheiro para os pobres e injustiçados? Ou ele trai a primeira dama com alguém do lixão? – Tossiu. – Não que eu esteja menosprezando as mulheres do lixão, longe de mim, mas penso que ele se envolveria com garotas de luxo, ou... Meu Deus, que diabos eu estou falando?

Elias se esgueirou até alcançar as barras de metal, encarando qual caminho ele iria adotar, o padre se aproximou.

– O prefeito esconde mais coisas do que você imagina, Gonçalo.

– Mas quem será que ele tá visitando? É a mãe?

– Já morreu, tanto quanto pai.

– Uma filha bastarda?

– É uma hipótese, mas mesmo assim permanece rocambolesca.

– Mais rocambolesca que um prefeito vir ao lixão nesse horário?

– Já sei!

– Qual a sua ideia? Hein? Fala!

– A gente vai seguir esse carro, e saber o que o André veio fazer aqui. Com certeza boa coisa não deve ser!

Seguiram a trilha deixada pelo carro, parecia um Opala, mas com traços mais modernos e interessantes. Elias, apesar da idade, permanecia com uma memória arrojada, lembrando quase que certamente as ruas e esquinas que o prefeito percorreu.

Quando tudo acabou, encontraram o carro preto estacionado em frente a uma casa. Era mais afastada do lixão, e aquela rua possuía uma organização maior referente as outras. Partiram a passos lentos, seguindo um caminho próximo das casinhas que dividiam o mesmo espaço. A casa era bem-feita, uma das únicas com primeiro andar.

– Como a gente vai saber o que ele fez? E se ele sair do nada e pegar a gente aqui. Se ele vier me ameaçando arrancar minha cabeça na forca, eu aviso logo que votei nele, e se me ferir, eu nunca mais voto. – Disse Gonçalo. Elias deu uma risada forçada, estava concentrado em como poderia saber o que estava acontecendo.

– Vamos por ali! – Indicou uma parte afastada da casa, que mesmo assim dava acesso a uma janela, onde a intensa luz amarelada espelhava sua essência no capim.

Elias foi o primeiro a chegar à janela, observando, tentando encontrar um espaço entre a cortina quase transparente, e quando seus olhos se acostumaram com a luz, se espantou com o que viu. Gonçalo aguardava alguma reação de Elias, logo se juntou ao velho, e ambos tornaram a olhar aquela cena.

André estava diante de um quarto, com uma menina que aparentava não ser maior que dezoito anos. Suas mãos apertavam as coisas da jovem de cabelos loiros e traços genuínos, ao mesmo tempo em que suas línguas serpenteavam entre o beijo. Ela retirou sua gravata, e logo os dois estavam na cama. O intenso movimento permaneceu por mais alguns segundos, até que André se levantou e retirou da mala que trouxera, cordas e algemas. A garota gemeu e quando começou a tirar a roupa, enquanto sorria para o prefeito, Gonçalo e Elias saíram da janela.

Seguiram o caminho de volta para casa em silêncio, não tinham ideia sobre o que falar e muito menos assimilar. O único pensamento atroz que perpetuava em um infinito de outros pensamentos, era de que o prefeito era pedófilo, mas quem era aquela menina? E porque ele não repetia o comum? Porque ele via até ela, em um lixão. Apesar de tudo, no próprio fim, Elias talvez soubesse o que significava aquilo, mas não estava pronto para dizer uma palavra para o padre, que com total certeza não deveria fazer ideia sobre o que viu na sua frente.

Capítulo 34

Ameaça contida

– **Vai, filho da puta! Tenta falar mais alguma coisa, pra ver se eu não acabo** com a tua raça, desgraçado, filhinho de papai!

A arma continuava apontada para a testa de Braga, que permanecia parado, em uma visão contínua e paralela. Rufino o encarava em um semblante insano, com um sorriso que se formava e desmanchava num rompante de segundos.

– Calma, tenta se acalmar... Eu tenho uma filha pra criar, não posso morrer agora. – Sua voz se tornou embargada e lenta. – Não sabe o quanto de anos que eu demorei pra chegar até aqui, montar essa empresa do início ao fim, falar com fornecedores...

– Pouco me importa, seu merda! Eu não tô nem aí pra como você chegou, eu quero é que você se foda e queime no inferno.

– Ele não vai gostar de ter uma baixa. Ele vai te punir, vai acabar com a tua vida assim como acabou com muitas. Não estraga o resto que te sobrou.

– Vocês dois sempre foram unha e carne, mesmo eu me esforçando. Que ele acabe comigo, mas antes eu termino!

– Somos unha e carne porque ele sabe que pode confiar em mim, ao menos eu não fui capaz de causar um estrago na época em que Antony era vivo.

– Eu fiz o que era necessário!

– Você não fez merda nenhuma de necessário! – Gritou. – Agiu por impulso, e mesmo sendo um policial, não soube fazer nada direito.

Rufino engatou a arma e aproximou o cano da testa de Nunes, que agilmente segurou a ponta e tentou desviar o braço do coronel de perto. Ambos iniciaram um confronto pelo objeto, com chutes e socos falhos na tentativa de soltar as mãos inimigas.

Um tiro percorreu o galpão principal e passou pelo o telhado velho, fazendo cair próximo dos dois, a telha.

Caíram no chão, e a arma saiu das mãos, rolando várias vezes até chegar em um saco de roupas.

Braga deu um soco em Rufino, que caiu por completo em cima da mesa de

metal, ecoando um barulho fino. Levantou com garra, e partiu para cima do concorrente, segurando no seu colarinho e o arrastando até a parede, onde deu golpes cruciais na barriga e na face, que reagiu após alguns segundos de socos seguidos, dando uma rasteira no coronel. Caído no chão, o antigo policial segurou na canela do dono da fábrica, que tentou se desvaecer, mas não conseguiu. Emitiu chutes na tentativa de acertar o rosto do caído, mas ao término do breve confronto, ambos estavam no chão.

O coronel ficou em cima de Braga, dando socos seguidos, o sangue esguichou e atingiu mais sacos de roupa. O sorriso insano permanecia. Contudo parou ao ouvir o barulho singelo da arma sendo erguida, seus olhos voltaram para frente, e se surpreendeu com a visão.

– Larga o chefe! Ou você sai de cima dele agora, ou eu estouro teus miolos!

Capítulo 35

Confronto finalizado

– **Bora, rapaz! Sai de cima do patrão, já disse o que vai acontecer.** – **Afirmou** novamente o segurança da fábrica. Se encontrava em uma posição militar de combate, os pés fixos, o joelho esquivado, a musculatura firmada com um intenso desnível no ombro, apontando uma Tauros 98B para a cabeça de Rufino. – Você tá brincando!

– Calma! – Os olhos escuros do coronel, passou pelo rosto ensanguentado e cheio de marcas, pairando na feição do segurança. Lentamente se levantou e caminhou até a mesa de metal. Braga se contorceu em sinal de dor no chão gelido da fábrica. – E agora? Eu posso pegar a minha arma?

O segurança olhou de relance para a SIG P229, e foi na sua direção, sem retirar o par de pupilas do policial aposentado. Quando chegou no ponto demarcado da arma, abriu o pente por completo e retirou todas as balas que restavam. Cinco sons metálicos caíram, formando um eco primoroso e alarmante.

– Agora pode me dar a MINHA arma? – Permaneceu com um tom de voz irônico.

– Eu não deveria dá porra nenhuma pra você! – Disse com convicção. – Teve a coragem de vir até aqui e dessa vez atacar o dono da loja?

– Não vamos começar a discussão do zero, você não sabe das merdas que o teu comparsa da vida fez, caro segurança. – Gesticulou dramaticamente. – Tá aí, se passando como um protetor do cair dos céus, como se esse homem – Apontou diretamente para Braga. – Fosse o herdeiro de um bilhão de riquezas. – Foi dando passos lentos na direção do segurança, que retraía, contudo sempre com a arma engatilhada. – Esse merda aqui não é porra nenhuma, construiu esse lixo na base do nada! Não minta para você mesmo...

– Se der mais um passo eu confirmo o que eu disse, eu atiro em você! – Parou de recuar. Os olhares se cruzaram com firmeza, duas bombas íntimas poderiam estourar naquele momento, provocando mais uma briga sangrenta e sem respostas úteis. – Para de andar, para de vir pra cima de mim, tá perdendo a noção do perigo?

Os dedos do coronel arrastaram pelo final da mesa, caindo no sombrio fim do nada.

– Tô! – Simplesmente.

– Então ajoelha, fica de joelhos, se quer morrer, então fica de joelhos, eu atiro agora, juro! – Engoliu em seco a saliva, pedindo internamente que aquele homem não ficasse de joelhos, precisando comprovar que cumpriria sua palavra e mataria pela primeira vez uma pessoa por conta própria.

O coronel se abaixou, sentindo o osso pontudo do joelho doer, ao encostar no piso. Sua feição permaneceu inalterada, apenas com olhares cruzados entre as suas balas pairadas no chão e o engatilhar da bala nas mãos do segurança.

O segurança deu passos lentos, observando unicamente ao homem no chão.

– Às vezes, coronel, a gente só aprende o sentido da vida quando tá prestes a morrer, sabe disso, não é?

– Atira logo essa porra!

– Às vezes quando alguns jovens depressivos pulavam da ponte, os que não morria, os que sobreviviam e iam parar no hospital, contavam que desistiam da ideia logo ao distanciar os pés da borda de metal da ponte...

– O que tá esperando... aperta logo esse gatilho! – Gritou novamente, porém em uma voz embargada, aparentemente lenta e um semblante que preferia esconder. – Atira logo!

O cano frio da arma encostou nas rugas da testa, Rufino retraiu sutilmente, mas logo voltou a sua posição novamente. Encarou cada detalhe da fábrica, pensou em como seria o outro lado da vida, se poderia finalmente encontrar sua esposa, sua filha, pessoas que jamais pensaria em perder. Elas estariam em seu mesmo plano espiritual? Queria sentir novamente o toque sutil da feição doce de Mariana, poder ouvir a voz suave e generosa de Lídia, apenas queria. O tempo que gastou com sonhos adversos, pensando no dia que voltaria a encontrar esse rosto, criando fantasias, escrevendo histórias que jamais iam para o papel, tendo o intenso e único sentimento de vingança perpetuando dentro de si, ecoando em uma voz grave e direcional, apontando para vários pontos, sendo nenhum deles concretos e verdadeiros o suficiente para acreditar. Simplesmente com seus poros arrepiados induzindo os últimos suspiros antes de cair, o sangue se espalhando pelo piso, encarando as botas sujas do segurança, e pensando no que poderia fazer de melhor. Pensando no que poderia mudar em uma vida que agora se tornava a ser insignificante, perdido em atitudes extremas e que jamais trariam respostas para o seu sofrimento. Fechou os olhos!

– Para! Não atire nele! – A voz de Braga ecoou como a salvação, pairando

sobre os últimos sentimentos que queria carregar para o outro lado. Respirou aliviado. – Não suje suas mãos com esse bosta!

Os olhares de Rufino e Braga se entrelaçaram, contudo o clima de suspense fora interrompido por um barulho vindo da janela mais próxima. As pupilas de Braga se esforçaram para identificar de quem era aqueles traços, até lembrar da tarde de hoje, sobre a conversa estranha que tivera com meninos que induziram terem sido atropelados pelo coronel, lá estavam eles, Gabriel e Danilo como dois atentos, sem notar que os olhares perversos e maldosos eram direcionados para eles.

– Amadeu! Pegue aquelas crianças até aqui... desgraçadas! – Ordenou, o segurança se retirou rapidamente, no mesmo rompante que os jovens saíam de suas tocas e tentavam fugir da morte.

Capítulo 36

De volta pra casa

Gonçalo e Elias caminharam milhares de quilômetros até finalmente chegarem na residência. O padre, cansado e ofegante correu até o sofá, retirando os sapatos e pairando a cabeça em cima de uma almofada velha.

O jornalista percorreu em passos apressados o seu quarto, não notando nada de diferente em sua cama, observou os arquivos que jaziam na estante principal, e notou uma gaveta fora no alinhamento que havia deixado, pensando que estava enlouquecendo com tamanha perfeição de detalhes, apagou a luz e deitou na cama, logo buscando uma posição confortável no colchão, um grampo de um dos papéis caiu pelos lençóis, parando no chão, o barulho oco e silencioso provocou um suspiro inconsciente de Elias, que mesmo não sabendo qual, tinha certeza que alguém havia adentrado seu quarto sem autorização, e pegou os arquivos.

Não tinha muitos suspeitos, nem sequer montou uma lista enquanto o sono chegava, apenas uma pessoa se destacava interessado em seus manuscritos... Bruno Arantes!

Gonçalo respirou fundo ao ver Gabriel saindo do quarto e indo até a cozinha, mas estranhou quando Danilo seguiu o mesmo trajeto. Levantou rapidamente e foi até o cômodo em que estavam.

– Saíram de que horas da fábrica? – Indagou, observando Gabriel com uma garrafa e Danilo com um copo vazio. – Alguém viu vocês?

– Não! – Mentiu o que segurava a garrafa. – Saímos vivos. Tem uma falha no muro nos fundos da fábrica, aí a gente passou por lá! – Completou o copo do colega.

– Ah, tudo bem! Espero que durmam bem, eu agora vou aos meus aposentos, precisamos de uma boa noite de sono. – Caminhou até a porta, lembrando que passou minutos em um lixão, e andou metros até chegar em casa. Levou as mãos à cabeça ao sentir o odor forte, foi ao banheiro, mas se vestiria com que roupa?

...

Entrou sem pedir autorização no quarto de Elias e pegou uma roupa limpa. Vestiu no banheiro e voltou rapidamente ao quarto quando olhou a hora no relógio fixado na parede.

Abriu pela primeira vez a porta do quarto que divide com Bruno, e teve uma surpresa ao notar a luz acesa e o homem deitado e com arquivos jogados pelo chão e pela cama. Se aproximou incrédulo.

– O que você tá fazendo? – Sussurrou. – De onde são esses arquivos? Você roubou do Elias?

– Eu fiz o que era necessário!

– O que você fez?

– Ele esconde muita coisa da gente! Ele tá escondendo a maioria das coisas!
– Se levantou e foi ao encontro do padre.

– Por que você tá dizendo isso? – Disse em um tom mais alto, em uma feição apavorada.

– Eu, sem ajuda de ninguém, descobri quem pode ter matado a Sophia, a Emanuele, todos! Eu tenho certeza de quem tá por traz disso!

– Quem? Pelo amor de Deus, não coloque a culpa em cima de pessoas que você não tem provas.

– Elias Damasceno é o assassino que tanto procuramos.

Elias abriu os olhos, tendo agora certeza de quem havia mexido em suas coisas, pensou em se levantar, mas preferiu esperar até o amanhecer.

Capítulo 37

Confronto e revelações

A forte luz do sol adentrou o piso verde e ladrilhado do quarto dois, habitado por Bruno e Gonçalo.

O primeiro, após as diversas acusações diretas para Elias, conseguiu ser acalmado pelo padre, com sua voz melódica e suave.

Pensou nos diversos momentos que partilhou ao lado do jornalista, e tentou planejar as informações que acabara de receber. O principal ponto que encontrou fora a ajuda que recebeu do velho em 1982, ajudando a investigação e os advogados a evitarem a sua prisão, este era um fato que praticamente anulava todos seus pensamentos relacionados, contudo as paranoias eram interligadas, pareciam não ter fim, tendo um ponto de encaixe em cada falha que era capaz de encontrar.

Encarando as telhas cor de vinho que compunha o telhado envelhecido. As teias de aranha sugavam o infinito do que havia restado dentro de si. Durante todos esses anos deixou tudo que envolvia mortes, assassinatos e fichas criminais de lado, se esforçando apenas em ocupar a mente com atividades que lhe traziam retorno, tal como o trabalho aceito na metalúrgica Americana em Rosa Branca. Por todo esse tempo preferiu se ausentar da realidade que agora parecia bater a sua porta, olhar para seu semblante em dúvida e recheado de incógnitas, e finalmente lhe trazer respostas escondidas nos mais profundos confins do mundo.

Apenas o fato de saber que quando abrisse os olhos novamente, teria um diálogo fora do comum durante os últimos dezessete anos. Na verdade, uma lembrança súbita resgatou de sua mente perdida, relacionando a conversa impetuosa que tivera com os policiais antes do ato, da fala horrenda e cruel, dos termos sem escrúpulos usados pelo sargento. Uma conversa que poderia esclarecer situações que jamais pensou que se encontraria.

Perguntas nadavam no rio movimentado do seu cérebro, trazendo indagações que perpetuavam e apesar de parecem absurdas, no fim daquele mar morto, pareciam ter alusões a realidade.

Abriu os olhos. Não se moveu durante alguns minutos, apenas ouvindo o

correr do vento o canto dos pássaros. A cortina esvoaçando do seu lado, sentiu o nariz coçar, mas antes de espirrar ficou de pé. Em passos lentos e determinados, abriu a porta do quarto e parou no corredor. Sentiu a brisa da manhã se aproximando, e de todo modo não notou a presença dos meninos. Em um olhar rápido no quarto, percebeu que o sapato de Gabriel não estava no tradicional canto ao lado da cômoda, e muito menos a mochila de Danilo repousava em cima de uma cadeira velha.

Se curvou para o quarto de Elias, mas antes que seus passos fossem em sua direção, ouviu uma voz velha, quase rouca e ao mesmo tempo conhecida. O jornalista ficou parado no arçoeiro que dividia a garagem e a sala principal, com uma roupa esquisita e um jornal em mãos. Encarou o chão na tentativa de como poderia começar aquilo, os diálogos que fixou em sua mente durante o tempo que passou na cama.

– Acordando tão cedo, descobriu alguma coisa sobre... – Elias gesticulava afobadamente com o jornal, contudo parou ao notar o olhar perverso de Bruno. – Tudo bem, não veio aqui para conversas, então eu vou me retirar. – Caminhou até o corredor, contudo foi impedido por Arantes, que segurou o braço do jornalista. – O quê que foi? Vai dar uma de que agora? Ontem você fez uma trama digna de teatro, e agora tá com essa cara? Solta o meu braço!

Bruno puxou o braço pra frente, guiando Elias para o centro da sala, aos gritos e berros o jornalista tentava argumentar.

– Que merda é essa? O que você tá fazendo, seu imbecil! – Gritou. – Machucou meu braço!

– Eu poderia machucar muito mais! – Disse com firmeza. – Eu poderia acabar contigo aqui mesmo nessa sala!

– Quer acabar comigo? – Solto o braço das mãos de Bruno. – Pois antes me diga o motivo! Me diga o motivo de você tá fazendo esse teatro novamente!

– Por que me escondeu os arquivos. Por que me escondeu aqueles malditos arquivos? – Gritou ainda mais alto. – Mesmo se falasse antes, ainda poderia restar confiança, mas não... Quando... Quando eu olhei aquilo, tudo aquilo! Como eu ainda posso achar que você é alguém de confiança, alguém que eu posso pensar que me ajudou sem algo em troca? Penei a noite toda, tentando de qualquer forma pegar alguma resposta, contudo, mais perguntas apareciam.

– Eu sabia que você tinha ido futucar as minhas coisas! O que eu disse sobre que tudo ali no meu quarto, que vocês não deviam entrar lá e pegar o que passa pela cabeça de vocês!

– Tá tentando justificar o que não deve ser. Eu agora tô pensando coisas absurdas, mas que parecem ser reais! – Elevou às mãos a nuca, revirou os olhos

e engoliu a saliva, voltou a encarar Elias.

– Está fazendo insinuações contra mim, que não são reais! Está em choque, entrou em uma sina de achar alguém, culpar alguma pessoa, tentar de qualquer forma encontrar quem é o culpado de tudo isso!

A mão de Arantes cruzou o vento e acertou em cheio o rosto de Elias, que cambaleou para o lado, até se apoiar em uma poltrona no canto. Colocou sua mão sobre o local que agora queimava e olhou com perversidade para o homem alto. O ar de nervosismo bateu os últimos pinos, e logo partiu para cima de Bruno, realizando dois socos e um empurrão, o corpo se chocou com a parede próxima da porta recém-aberta, onde Gonçalo acordou abruptamente.

– Quem você tá pensando que é, seu merda! Dorme na minha casa e ainda acha que tem o direito de me bater? Pois que você saia desse lugar, e esqueça o dia que eu te ajudei a mofar e morrer em uma cadeia imunda. – Disse Elias, saindo de cima de Bruno e partindo de volta a sala.

– Você é o assassino!

– Garoto, a que ponto de sanidade você chegou a cogitar isso? Pelo amor de Deus.

– E não é porque você me ajudou a não ser preso, que devo confiar!

– Você faz o que você quiser, mas na minha casa, não fica nem mais um minuto! – Falou com serenidade.

– Eu só queria que você me dissesse o porquê de tudo aquilo? Qual era a sua ligação com a minha mulher? – A voz se tornou lenta e chorosa.

– Ela que deveria ter contado o passado, e o presente dela. O que ela falou? Ela te falava sobre quem eram seus pais? – Indagou.

Bruno permaneceu alguns segundos ao olhar congelado no velho, tentando buscar respostas.

– Não.

– Olha aí. Você tá percebendo aonde eu quero... aonde eu quero chegar com tudo isso? Comecei a tentar saber quem a sua esposa, justamente por ela não falar com ninguém sobre o seu passado.

– Falava com a amiga dela.

– Certo, falava com a amiga dela, mas e você? A pessoa que deveria ter um dos maiores laços de intimidade, aonde você fica nessa história? Mas sabe, Bruno, sabe o verdadeiro motivo dela jamais ter te contado sobre o que ela fazia nas noites de terça feira, ao menos uma vez ao mês, e claro, em determinados momentos, exclusivos para alguns. – A frase provocou uma explosão de sentimentos, deixando Bruno calado, com palavras que mais pareciam

grunhidos.

– Ela... Sempre, nas terças-feiras...ela saia com as amigas do trabalho... Era isso... Sim! – Reafirmou para si mesmo. – Era isso que ela fazia!

Gonçalo saiu do quarto, parando no arção. Sem dizer nada, ficou parado, sem esboçar movimentos.

– Ela não saia com amigas do trabalho. A sua esposa, Bruno Arantes, ela saia com homens. Sophia Lancelot era abusada, por homens!

Bruno partiu para cima de Elias, que não recuou nenhum passo. Gonçalo segurou, mas não antes de um soco ser acertado no rosto do jornalista, que após o impacto, voltou a mesma posição na qual estava.

– Que merda você tá falando? – Gritou aos prantos. – Maluco! Desgraçado, tá blefando.

– Eu também preferia blefar, não falando a verdade. O que está por trás disso é muito maior, é uma coisa que não deve ser contada em poucos minutos. – Mais um soco foi acertado no seu rosto, dessa vez decaiu sobre o sofá. – Está me agredindo por não aceitar as circunstâncias? Eu tenho provas.

– Está mentindo!

– Eu estou mentindo? Então procure pela melhor amiga dela que você acabou de falar. Procure por Anita, ela vai lhe dizer a tão temida verdade. Conhecia a sua esposa como ninguém, sabia dos segredos mais ímpios!

– Eu não fico mais um minuto aqui! Não fico!

– Antes de ir, precisa escutar mais uma coisa. – Disse Elias.

– Eu não quero escutar mais nada, não quero escutar mais porra nenhuma!

Elias segurou o braço de Bruno, que lhe enviou um olhar ainda mais tenebroso.

– É difícil falar isso após a morte da tua mãe. É difícil, mas você precisa saber, precisa saber que tudo que eu fiz por você existe um motivo. Eu não libertei tua vida pela primeira vez porque eu simpatizei, fiz isso por uma causa maior.

– Eu não quero ouvir...

– Precisa. Eu e a tua mãe nos conhecemos de outros carnavais...

– Eu não quero ouvir nada!

– Tivemos um filho, mas eu tive que deixa-la por causa da minha família. Bruno, eu sou o seu pai, você é o meu filho! Bruno Arantes, você é o meu filho!

Arantes se desvaceu dos braços do jornalista. Saiu apressado pela porta, sem importar com o que deixara para traz. Cruzou todas as casas que tanto admirou quando chegou no bairro, preferia que todas elas explodissem. Andou

por milhares de quilômetros, achando que tudo aquilo não teria fim, até que finalmente uma resposta pareceu clarear seus pensamentos.

Adentrou um táxi.

– Para onde vamos? – Perguntou o motorista.

– Pra Paulista! – Olhou a janela e disse para si mesmo. – Anita... Você vai desmentir tudo que esse velho disse!

Capítulo 38

Minha casa

A aula de português seguia os mesmos clássicos caminhos de sempre. Gabriel apenas queria que tudo aquilo terminasse, e que finalmente chegasse ao ensino científico. Nos campeonatos externos, formação de novos times, e principalmente nos jogos internos, percebia como todos os meninos eram fortes, com marra, em um olhar tão penetrante e sensual, que parecia sugar todas aquelas meninas para eles. Era exatamente isso que queria para o seu futuro, apesar de não falar muito disso para Danilo. Seu sonho sempre fora fazer parte do time de basquete da escola, sempre sendo estimulado pelo professor de Educação Física da sua turma.

“Você precisa se esforçar, caro homem, precisa colocar em prática o que sabe, precisa falar. Se for muito grande, talvez o melhor seja abaixar a voz, mas usar o tamanho pra conseguir algumas coisas aqui e ali. Se for pequeno, bem... se for pequeno, você precisa usar sua voz, e ela precisa demonstrar o quão você é grande e consegue enfrentar aquilo. Como acha que eu me tornei um professor de edê” Era assim que chamava sua matéria. “Eu sou gordo, o típico gordo com bigode estranho, uma cara gorda, baixo, sempre fui baixo. Como que eu cheguei aonde eu cheguei? Bem, talvez eu tenha subornado alguns professores, ou fazer alguma chantagem. Ou você me dá dez na natação ou eu te esmago com a minha banha. É assim que as coisas são, caro homem, são assim que as coisas são.

Matilda havia entrado para substituir aula da professora Anália, que estava de licença médica após fratura o tornozelo. Ao contrário da anterior, Matilda sempre fora chata e carrancuda, e não à toa que as médias da maioria da sala caíram relativamente. Estava falando sobre o quanto era importante aprender o uso do verbo para não errar no concurso de redações das escolas municipais. Estava organizando esse evento já a alguns meses, e chegou a ameaçar suas turmas caso saírem mal nas redações.

O sinal tocou. Gabriel guardou o caderno e o Quincas Borba que Matilda havia pedido. Juntando tudo dentro da bolsa, esperou Danilo organizar o que fingiu que tinha usado durante a aula.

O pátio principal estava cheio, talvez porque depois daquele dia, a escola

iria passar por um período longo de reuniões e discussões, deixando os alunos sem aula por uns dois ou quatro dias.

– Espera! – Quase gritou Danilo, apoiando sua mão no ombro do amigo. – Acho que tô com fome, e adivinha? – Puxou do bolso algumas moedas e mostrou para Gabriel, que abriu um sorriso. – Finalmente quebrei meu cofrinho, e lá tinha umas moedinhas exclusivas e incríveis.

– Você vai mesmo gastar tudo isso em comida? Sabe que os preços são absurdos, totais absurdos. – Argumentou Gabriel.

– Então o que você propõe?

– Talvez esperar e comprar o álbum novo de figurinhas do Tarzan.

– Você nem gosta de Tarzan, tá só falando isso porque a Fernanda disse que assistia, e você está interessado nela.

Caminharam lentamente para o portão de saída.

– É mentira, você tá inventando isso.

– Fala a verdade, você não iria querer uma Fernanda? Ela é mo bonita, cara. Tão bonita quanto a Ester, essa sim caiu do céu e não quebrou nem um osso.

– Infelizmente não tenho tempo para garotas, preciso focar nos estudos e encontrar uma boa faculdade. – Mentiu. – A vida não é apenas feita de beijos e amores.

– Precisa parar de copiar o discurso do seu avô, sério, cara, precisa investir em umas meninas, precisa ser que nem eu.

– Você fala isso, mas se a Ester aparecesse agora, na sua frente, você nem um beijo daria... piada!

– Dúvida?

– Duvido!

Ester desviou de alguns alunos, se despediu de seu grupo de amigas e partiu na direção dos dois, que andavam em passos lentos, com um sorriso comum. Sua presença causou surpresa em Danilo, que praticamente congelou, Gabriel, notando o quanto aquilo estava estranho, tentou falar alguma coisa:

– Ester! A quanto tempo... – Iniciou o menino moreno.

– A gente se viu ontem. – Seguiu em um riso falso.

– Eu preciso falar uma coisa urgente com vocês! E precisa ser agora.

Se afastaram da multidão que apenas parecia aumentar de tamanho, indo até a sombra de uma pequena árvore na frente de uma barracharia. Os clientes gritavam com os dois atrapalhados mecânicos, que corriam de um lado para o outro, em uma das mãos carregavam os itens, na outra, um corpo de cerveja.

– E então, o que você quer falar com a gente? – Indagou Danilo, falando pela primeira vez.

– Desde que o meu pai expulsou vocês a quase pau e socos, ele ficou muito estranho comigo e principalmente com a empregada. Digamos que ele não passou essa noite em casa e foi bastante estranho. Mas eu aproveitei esse tempo longe daquele olhar de segurança, e fui vasculhar algumas coisas naqueles quartos que sempre guardam brinquedos velhos, toalhas usadas, enfim, eu entrei lá. Eu achei uma pasta que falava exatamente sobre a Emanuele Andrada, e descobri que ela trabalhava para o prefeito Antony, mas inicialmente contratada pelo meu pai. Isso deve ter alguma ligação, ainda não sei, mas naquela pasta, podemos encontrar coisas que não existem nesses arquivos. Vamos agora... vamos agora para a minha casa!

Capítulo 39

Onde será que ele foi se meter?

Elias aguardava apreensivo em sua poltrona confortável, olhando diretamente para o jornal da tarde, aguardando o portão ser aberto por alguém, e que esse alguém fosse Bruno. O portão não foi aberto durante aqueles momentos, olhou o relógio novamente para notar se a hora estava correta. Trinta minutos haviam se passado desde que seu neto havia largado da escola, se perguntou o que poderia ter acontecido com eles no caminho. Pensou sobre a nova avenida que iria ligar dois pontos da cidade, ainda se encontrava em construção, com as máquinas e os buracos dividindo espaço com a rua, que agora se tornava uma ruela. E se Gabriel passasse correndo, não visse o carro, caminhão, moto ou ônibus, e seu corpo fosse arremessado até um poste, caindo morto no chão, com a cabeça escorrendo sangue, e nas mãos uma foto de Sophia Lancelot.

Sua cabeça parecia não entrar muito nos eixos após tudo aquilo ter acontecido. Sentia um sentimento que aumentava a cada momento, um sentimento que remetia angústia e tristeza. Estava diante de três assassinatos, e apesar da grande bagagem, dos grandes assassinatos conflituosos, conjugais, filho e pai, mãe e filho, pai e mãe, filha e filho, irmãos e primos. Pegou muito desses estilos. Sempre categorizava um desses em um caderno velho que trazia diariamente no bolso esquerdo, acompanhado de uma caneta estranha que trouxera da Paraíba. Organizando tudo de maneira adequada, acompanhado de um TOP. Parecia estranho, mas Elias fazia, sempre querendo buscar quais de todas aquelas mortas era pior. Na maioria das vezes, a primeira não permanecia em primeiro lugar por muito tempo, mas até agora, todos esses três casos, permaneciam no topo da escala. Jamais saberia dizer como começaria aquilo, jamais entenderia em como investigar, até que finalmente o sono da tarde veio, levando seus pensamentos para um local distante.

– Acorda, criatura! – Gritou Gonçalo. O velho olhou para o relógio e viu que não havia dormido nem ao menos doze minutos. – Finalmente acordou, pensei que eu teria que jogar um balde de água fria.

Elias se esgueirou na poltrona, na tentativa de conseguir buscar uma melhor

posição. Encontrou.

– O que é que você quer? Vai me trair que nem ele? Vai me dar um soco, dizer certas ou outras palavras, e sair dramaticamente por aquela porta? Dessa vida eu não espero mais nada! – Balbuciou.

– Claro que não. Mas tenho algo que acho que é importante a gente fazer, devemos ir à igreja, olhar como andam as investigações da Eliete, talvez ela possa ter encontrado alguma coisa, alguma informação que a gente não tem acesso. Concorde?

Elias se levanta com cautela e os olhares ficam retos, um ao outro.

– Ir à igreja? Acha mesmo que vai ser uma boa a gente aparecer por lá? Sem mais nem menos?

– É a minha igreja, e você é um jornalista. Você quer trazer informações para o seu mini jornal, e eu quero saber o que estão fazendo. Se estão mexendo nas minhas coisas, enfim, já estou pronto, vamos?

– Antes eu preciso ir ao meu quarto. Pode ir para a porta, me espere, volto em cinco minutos.

Elias abriu o guarda-roupa, e vestiu mais uma roupa esfarrapada que dividia espaço com outras roupas no mesmo estilo. Colocou uma boina e se olhou no espelho, organizando a pequena barba que revestia sua pele. Puxou da gaveta escantilhada, uma navalha. Talhou tudo que precisava e sorriu novamente para o interior do espelho.

Agora, com a luz intensa do sol iluminando seu quarto, notou alguns papéis que haviam caído do chão, no momento que Bruno adentrou seu quarto. Os recolheu com cuidado, e colocou em seus locais de origem.

No mesmo espaço, havia uma caixa sem fundo. Olhou ao redor, percebendo que não havia ninguém. Respirou fundo antes de meter a mão, engoliu a saliva ao notar o cano da arma espelhando o clarão do sol repartido. O levou até a boca e beijou o espaço pelo qual sairia a bala. Checou o pente, exatamente cinco balas. Cheiro o couro que revestia o punhal, e logo depois colocou de maneira estratégica no bolso.

Encontrou Gonçalo na rua e partiram. O padre não fazia a mínima ideia do que Elias carregava consigo, e se descobrisse o motivo, no mínimo fugiria para o abrigo mais próximo.

Capítulo 40

Chegamos em Paulista

Bruno fingiu não se incomodar com as insinuações do motorista. O homem perpetuava todo o caminho em uma fala mansa, arrastada e um pouco irritante. O jovem metalúrgico queria de todas as formas arranjar uma maneira de pedir que calasse a boca, mas não sabia como. Toas as duas horas e meia de viagem transcorreram com o problema familiar, onde a esposa parecia estar traindo, também pelo fato de sua filha mais nova, cujo nome queria reforçar que era: Maria, andava sem menstruar. Bruno engoliu seco quando ouviu essa afirmação, afinal não era possível que ninguém desconfiasse que ela estaria grávida. A família do taxista tinha problemas, muitos problemas...

A entrada de Paulista é marcada por duas torres, uma azul e outra vermelha, unidas entre si. No começo de cada torre, existe duas estátuas. A primeira Bruno conhece com esmero, a imagem suja e velha de Joaquim Nabuco, erguendo seu braço a cima, em um belo e majestoso discurso. Rodeado de um gramado limpo, ao menos aquela parte da entrada possuía organização. Os locais denominados em polos comerciais, e pracinhas, barracas e lojas não autorizadas, vendiam suas mercadorias. Os clientes pareciam aumentar, tornando o ambiente cada vez mais tumultuado. O somido grave da união de todas as vozes.

Pouco mais adiante, já estavam longe de tudo aquilo. O local que Bruno desejava chegar, se projetava a cada metro percorrido pelo carro. As casinhas ladeadas de áreas de plantio. Estradinhas construídas em pedras, pequenos postes iluminando um pequeno espaço. Notou uma das maiores fazendas do vilarejo, aquele sim era o seu ponto principal de partida. Ali fora o império construído por Anita e sua família, e apesar de fazer anos que não falara com ela, sabia que de alguma informação teria acesso.

Deu um murro no vidro do carro quando o motorista parou em um canteiro. Uma fumaça intensa e fora do comum atingiu o carro, saindo de todos os lados. Saiu no mesmo instante que o homem gordo e de cabelos raspados.

– Eu acho que... Eu acho que eu sinto muito, viu, seu cabra? – Disse examinando o carro. Uma das mãos corria pela barba malfeita, a outra atingia as engrenagens e itens interno do capô. – Isso já aconteceu algumas vezes, mas

aquele maldito, o desgraçado do homem que cuida dos carros, me afirmou de jeito maneira. Você precisava ver, parecia que iria me matar, agarrou meus braços, me apertou de uma forma, que Deus me livre. – Puxou a bateria, alguns fios que decaíram no asfalto. – Olha a merda aqui, colocou tudo errado. Vou processar esse vagabundo!

Bruno bufou e pegou a carteira no banco traseiro do carro. Deu dez reais para o motorista, e completou:

– O seu cronômetro tava dizendo que eu deveria te pegar uns sessenta reais, mas a corrida não foi cumprida, então só vou dar dez pra você comprar um lanche por aí.

O taxista recebeu as cédulas em mãos e rosnou para o jovem, que não alterou seu semblante.

Em passos lentos se distanciava do carro morto. Encarava com cautela as árvores e plantas que divergiam na lateral da pista. Escutando principalmente o canto dos pássaros, o grito das cigarras, a sola do seu sapato ecoando pelo piche. Olhou novamente para trás, observando o motorista, não prestando atenção em um carro branco, precisamente um Opala, sem placas, passando adiante.

Rufino olhou pelo retrovisor e viu Bruno, dando um sorriso, seguiu acelerando diante da pista, enquanto The Chain fazia os caixas traseiros saltarem. Após uma curva intensa, bateu suas mãos no volante, gritando, a música consumia o único momento que tinha para si.

Listen to the wind blow, watch the sun rise
Running in the shadows, damn your love, damn your lies
And if, you don't love me now
You will never love me again
I can still hear you saying
You would never break the chain (Never break the chain)
And if you don't love me now
You will never love me again
I can still hear you saying
You would never break the chain (Never break the chain)
Listen to the wind blow, down comes the night
Running in the shadows, damn your love, damn your lies
Break the silence, damn the dark, damn the light

Sua voz saia como melodia, se curvando e entregando as frases mal

pronunciadas diante do som da música. O clima aumentava em cada minuto, seus olhares se reviravam de um lado para o outro, deixando a energia nova transcorrer. Alcançava todos os critérios para aquele momento tão único e sutil. Finalmente fechou os olhos, suas mãos saíram do volante. Apenas escutou um grito ensurdecedor, e quando voltou a abrir os olhos, o sangue havia tomado conta do retrovisor.

Capítulo 41

Final triunfal

O caminho até chegar na **Mansão Braga** era simples e fácil, contudo, **Danilo** estava aéreo de mais para pensar nisso. Primeiro o fato de ter quase prometido para Gabriel que finalmente, após todos aqueles meses e dias, sonhando em quando o beijo iria surgir, unindo a garota dos seus sonhos em lapso amoroso. As teorias de Gabriel estavam certas. Era uma manhã chuvosa, quando Danilo havia brigado com a sua avó. Ela havia pedido para o neto comprar salsicha americana, sabonetes em blocos, leite em pó e um pano de prato. No meio do caminho, esqueceu a lista em casa, e ao invés de retornar sua residência, disse que sabia de tudo.

A moça do mercado era a filha da dona, mas não puxava nenhum dos seus traços gordos, cabelos negros e cacheados. Era magra, incrivelmente magra, os fios eram crespos e pretos.

– Bom dia! Eu vou querer, linguiça de porco, e... – Tentou buscar o próximo item. – Sabonete líquido, leite de caixa e um pano de chão.

A magrela lhe encarou com receio, mas pegou todos os itens pedidos. Quando chegou em casa, conseguiu ouvir os gritos e reclamações durante exatos dez minutos, até sair com raiva pela porta principal. Agora na casa de Gabriel, o velho amigo havia feito alguns rabiscos e resoluções do papel, indicando a teoria.

“Ela não saiu com ninguém durante todo esse tempo, então ela tá afim de você. Se a gente conseguir, quando meu avô for no mercado, tem um livro escondido sobre romances e amores na gaveta de baixo, a gente o pega e vai”

– Danilo! Danilo! – Abriu os olhos, Ester abanava suas mãos finas na frente dele. – Você vai ficar louco assim, parece que dorme do nada! – Gritou mais uma vez.

As portas de metal foram abertas, Gabriel e Danilo se entreolharam, um olhar que dizia muito sobre o sentimento que aumentava a cada momento.

Percorreram o estacionamento principal, onde o carro branco do Braga não se encontrava. Guiados por Ester, passaram pela empregada da casa, que bufou ao notar a presença deles. Ester, em um tom melódico e gentil, disse que os três

eram da mesma turma, e apenas iriam fazer um trabalho para o projeto que se aproximava. Dada como vencida, a empregada acenou com os olhos, e voltaram a caminhar pela enorme casa.

Os olhares de Gabriel pareceram se perder quando passaram pelo corredor principal. Não era um corredor comum, abrigando quartos, banheiros ou cozinhas. Em uma das entradas, uma imensa biblioteca, ladeada de grandiosas estantes pregadas na parede. Livros de capa dura, notou um com um desenho de um dragão na capa, com certeza se fosse roubar alguma coisa dali, roubaria exatamente aquele livro.

– Seu pai costuma ler livros? – Indagou Gabriel.

– Mais que eu, pelo menos. Ele costuma colocar algumas metas a serem cumpridas, mas nunca bate elas. Quase sempre lê uns vinte por ano, já eu... Dois!

As escadas levaram ao quarto que Ester tanto falou, e ao adentrar, de fato, notaram o quanto ele era bagunçado. Se for possível dizer, uma bagunça organizada, os itens mesmo não tendo semelhança alguma, eram empilhados, ou enjaulados. Seguiram a jovem até uma pequena caixa, ela abriu com dificuldade, mas não demorou muito até entregar para Gabriel, o documento que havia falado. Todos se uniram na traseira do jovem moreno, que leu as informações descritas em voz alta.

– Ela foi contratada em 1975 para cá. Trabalhou durante dois meses nessa residência, mas fora transferida para a mansão do prefeito Antony. Trabalhava para uma agência de diarista, que cedeu a jovem para trabalhar em período completo nessa casa. Emanuele Andrada.

– E então, será que isso ajuda a gente a... ajuda a gente a chegar a algum ponto? – Ester trazia um sorriso de ponta a ponta.

– Infelizmente, Ester, não. Isso aqui é muito útil. – Se curvou para os dois. – Ok, ela trabalhava aqui, mas tudo é muito vago, como se... Sei lá, por exemplo. Meu avô é assassinato, e vocês não me conhecem. Dois dias depois eu também sou assassinado. Vocês começam a investigar o caso e descobrem que eu, Gabriel, sou neto dele. Ok, é algo interessante, mas mesmo assim não leva a lugar algum, você entende aonde eu quero chegar?

– Entendo! Eu acho que eu entendo! – Ester bufou, era notável sua raiva.

Ouviram passos apressados, e se assustaram quando a empregada surgiu na porta do quarto.

– Meninos, eu não sei se vocês falaram com o pai dela, mas lembram de ontem! – Dizia tudo rapidamente, perpetuando o nervosismo. – Ele chegou, e

chegou com o prefeito André, vocês precisam sair daqui ou... arrumar algum lugar para ficar escondidos, se ele vê vocês aqui, o pior vai acontecer, e eu, logo eu, perderei o meu emprego. Isso não pode acontecer! Não pode, eu tenho duas filhas para criar.

Gabriel e Ester se olharam, Danilo fechou os olhos, pensava no pior que poderia acontecer.

– Ah, meu Deus, ele disse que ia pra uma reunião! – Afirmou Ester.

– Isso é o menos importante, então, Ester, o que a gente faz agora? O que a gente faz pra o seu pai não arrancar nossa cabeça e pendurar em um graveto? Indagou Gabriel, colocando o papel de volta a caixa.

– Eu sei um lugar que vocês podem ficar, longe de tudo isso!

– Aonde?

O corredor parecia se tornar imenso naquele momento, contudo a porta da Biblioteca conseguiu ser aberta pela empregada, que guiou os meninos para a parte traseira de uma prateleira. Eles se acomodaram, e viram a existência de uma brecha entre os livros e o centro da biblioteca.

Ester e a empregada estavam saindo, olhando sempre para traz, até serem surpreendidas pela entrada triunfal de Braga e do prefeito.

– Pai! Oi, pai, boa tarde!

– O que tava acontecendo aqui? Por que vocês duas tavam na biblioteca? A empregada nunca lê nada, e a minha filha...

Um barulho ecoou do fundo da sala, Braga se aproximou do centro, olhando o ambiente com cautela, e não pensou duas vezes em ir até o barulho. Ester e Cecília ficaram nervosas, com o coração quase saindo de suas bocas.

Braga encarou o corredor vazio, e colocou de volta o livro que havia caído. Estranhou a ação da natureza, o ar jamais puxara uma obra para o chão, mas em nenhum momento notou a presença de Gabriel e Danilo, parados, quase congelados diante de algumas cortinas. Engoliram em seco a saliva ao notar Braga retornando ao seu posto

– Tudo bem, agora saiam, eu o prefeito temos muito a conversar, muito!

Cecília e Ester saíram, com seus olhares nervosos. Cada uma seguiu seu rumo, sem ao menos dar uma palavra do lado de fora.

A visão do centro da sala era perfeita para os jovens, que encarou Braga procurar uma posição confortável, e André esboçar um olhar gentil.

– Precisamos falar sobre o Bruno! Sobre Bruno Arantes! – Iniciou Braga, servindo um copo de vinho, recusado pelo prefeito, deu o primeiro gole. – Esse menino...

– Não temos mais nenhum problema com esse tal de Bruno e nem com o Rufino pelas próximas horas. – André retribuiu um sorriso gentil. – Pelas próximas horas!

– O que você fez, mandou o Bruno para o brejo e o Coronel pastorear cavalo morto?

– Não! Eu mandei o Rufino atrás do Bruno, ele foi para Paulista, o taxista me disse tudo, é um bom homem.

– Qual o seu plano?

– Simples e direto. O Rufino mata o Bruno, queima ele vivo no carro, coloca querosene, gasolina, e depois mete fogo. Ele vai gritar, espernear, pedir por socorro, mas ninguém vai salvar aquele verme, vai morrer, queimado, carbonizado, duro que nem carvão no banco do carro. Sem ao menos descobrir, sem nem saber quem matou a esposa... Tolo! Sempre foi um tolo, e agora, finalmente agora, vai ter o final. Um grande final. O final triunfal que só ele merece!

Capítulo 42

Situação extrema

Gonçalo e Elias chegaram à igreja central. Ao contrário do que Elias pensava, não haviam câmeras, luminárias enormes, jornalistas tomando a frente do ambiente, apenas os criminalistas, investigadores e policiais se dividiam entre o pequeno jardim. Avançaram sem pedir autorização, mas logo ao notarem Eliete, conversando com um homem alvo e corpulento, gritaram pelo seu nome. Ela acenou e pediu para esperarem, os seguranças da área lhe encararam em um semblante nada agradável, estagnados atrás da fita amarela, posicionados quase igual ao poste.

– Acha mesmo que ela vai deixar a gente entrar assim. Gonçalo, eles estão no meio de uma investigação, não vai gostar nada de ver a gente aqui!

– Para com isso, Elias, é claro que vai, é a minha igreja, são minhas regras.

– Era sua igreja, era suas regras, era tudo seu, agora é dela. O suspeito do crime vindo até a igreja, era pra eu ter falado isso antes, lamentável.

– Cala a boca, cala a boca que ela tá vindo.

Eliete chegou até a fita e não se abaixou para ficar mais próxima dos dois. Elias se sentiu em uma verdadeira muralha que dividia ambos os corpos. De um lado uma detetive policial, comandante da maior central policial do Recife, tentando máximo guiar sua equipe, preparando tabelas, filtrando provas em busca do assassino. Do outro lado, um jornalista aposentado e um padre suspeito de um crime, apenas queria ver a forma em que estavam mexendo em sua igreja.

– Digam, o que vocês desejam? – Indagou Eliete. Pela primeira vez tinha um semblante mais indecifrável que o normal. Suas mãos permaneciam dentro dos bolsos, e o cabelo amarrado em um coque, parecia mesclar com suas olheiras incomuns, noites de sono perdidas comprovavam o estado da policial.

– Eu... – Gonçalo revirou os olhos para Elias, que respirou fundo. O padre continuou: – Nós viemos ver como andava o rumo das investigações.

Eliete forçou um sorriso, tentava escolher a melhor maneira de dizer não, mas preferiu prolongar o assunto e ver quais eram as intenções em volto daquilo.

– Por qual motivo? Eu não vejo motivo algum. Bom, preciso voltar ao

trabalho, então, acho que isso é um adeus! – Eliete se curvou de volta a igreja, mas retornou a olhar os dois com os gritos de Gonçalo.

– Eu conheço coisas, conheço coisas que você talvez não saiba a origem, bem, existem alguns cantinhos, aqui ou ali, posso ajudar.

– Não preciso da ajuda de vocês, podem voltar para suas casas e deixar que a polícia continue o seu trabalho dentro dessa igreja, vocês não precisam, e nem podem ver o que achei... E, padre, sobre as coisinhas, tenho certeza que minha equipe já encontrou, não a nada que preciso. Já não é mais um suspeito, mas se continuar insistindo em entrar, eu te levo novamente a minha central, gostou de lá e prefere voltar?

– Não, claro que não, imagina. Pode ficar por aí, eu prometo que vou embora. Mas só uma pergunta, aonde estão as freiras? Jordana e Maria Tereza?

– Estavam aqui mais cedo, mas disseram que iriam prepara o corpo de Suzana, o IML já liberou, e ela foi direto para o cemitério.

– Qual foi o cemitério?

– Santo Amaro, cemitério de Santo Amaro!

...

O caminho foi percorrido em passos lentos. Os assuntos beiravam o cansaço que tudo aquilo se tornava, e pendia diretamente para os assassinatos. Era quase impossível passar um minuto sem falar sobre Suzana, Emanuele, Sophia, e agora Bruno. O jovem Arantes parecia ser mais um fardo a ser carregado pelos dois, que repensavam em vários momentos onde ele poderia estar. Não haviam muitas opções, pensou Elias. Retornar a Rosa Branca e reconstruir uma nova vida? Ele já fez isso uma vez no passado, e não conseguiu afastar os problemas do passado. Talvez a única questão fosse esperar, apenas aguardar o momento certo que ele voltasse, ou que nunca mais voltasse, que ficasse para sempre em Paulista, preso em um carro, gritando por socorro, esperneando, enquanto seu corpo virava carvão.

– É aqui mesmo, a quantos anos não voltava aqui. – Iniciou Elias. Agora os dois estavam parados em frente ao portão principal do cemitério, em olhares confusos e indiretos. – Muito tempo...

– Comigo não faz muito, talvez um ou dois meses, enterrei o corpo de uma das fiéis da igreja, e um de seus principais sonhos, sabe, Elias, era ser enterrada pela minha voz, ao meu comando. Dizia que assim parecia ser mais simples, mais fácil de se comunicar com Deus, e desse modo partir para o que ele

preparou pra ela. Dito e feito, vim aqui, e disse as mais bonitas palavras, para que partisse em grata e boa vontade.

– Enterrei a minha mãe, Maria do Carmo, meus dois irmãos, um jogava basquete, teve um traumatismo durante um dos jogos, morreu ali, no meio do salão. – Estava triste, adentrando em locais escuros, em um momento íntimo e genuíno. – Era um desse jogos que leva multidões para a arena, que faz com que a torcida vibre a cada cesta marcada, lotado. Eu estava lá, ao lado da minha irmã e da sua esposa, Alda, ela sempre comparecia aos jogos, vibrava, gritava em cada lance dele, ela sim era o amor, o grande amor da vida dele. E quando ele caiu no chão, quase inconsciente, parado, os olhos anteriormente tão vivos, agora era... Era uma coisa morta, como um rio. Como se em minutos, todo as praias virassem rio, lento como um rio...

– Eu sinto muito pela perda! – Suas mãos confortaram Elias.

– Não foi o único, enterrei a minha irmã Lúcia, meu outro irmão Geraldo, e quando pensei que finalmente teria uma paz, minha esposa, Nilza, faleceu... Ela era uma mulher e tanto, tão boa, tão gentil, mas a vida é assim, não é? Uma hora nós temos uma família unida, um grupo de amigos cheio de gente que você gosta, momentos que você preferiria que jamais chegassem ao fim. Mas eles sempre chegam, e na melhor hora, na pior, mas chegam, o fim sempre chega, tal como a morte, não adianta correr da morte, correr do fim... de todo modo, em todo momento, eles vão te achar! Eles vão te achar.

Adentraram o cemitério. A cabine sete era a demarcada por alguns fiéis. O espaço tinha um piso claro, em uma cerâmica desgastada. A lateral, marcada por uma tinta tão escura quando o grude que encardia algumas plantas do lado de fora, dividia espaço com os bancos. Sentados em todos os lugares, mulheres de preto, em longos ou curtos vestidos, choravam, com um terço em mãos, dizendo palavras desconexas silenciosamente.

Os olhos de Elias repousaram em cada lugar. Viu de tudo um pouco, homens altos e baixos, meninas, crianças, jovens, as freiras não estavam na cabine.

Foram até o caixão, onde uma pequena entrada mostrava o semblante morto de Suzana. Os olhos fechados, uma maquiagem malfeita, ela não costumava usar maquiagem, ponderou Gonçalo Do pescoço dava para perceber o vestido esbranquiçado e cheio de rendas que usava. As mãos do padre encostaram o vidro, pensou que iria chorar, ao notar seus olhos marejados em água. Lembrou de tudo, como se de fato, um filme idêntico a sua vida passasse diante dos olhos, mas uma voz nova chamou sua atenção do outro lado do caixão.

– Você? – Indagou, surpreso.

A mesma jovem que encontraram na casa próxima do lixão. A mesma que retirou sua roupa enquanto beijava o prefeito. A mesma que sussurrava o nome dele, enquanto a troca de salivas acontecia. A mesma que deitou na cama, rosnou sua pele parda com a do homem. A mesma que gemia de prazer, exatamente a mesma. Era ela, era a mesma!

– Como assim “você”. Me conhece? – Indagou a jovem.

Elias se aproximou, seu semblante adquiriu o mesmo espanto que o de Gonçalo, mas a jovem não percebeu.

– Acho que sim, não sei ao certo. – Continuou o padre. – Mas, eu era o padre que a... que ela frequentava.

– Falava muito de você!

– Qual o seu parentesco com ela? – Indagou Elias, se metendo pela primeira vez na conversa. – Digo, o que você tinha em comum com a Suzana?

– Eu sou filha da Suzana...

– Filha? – O padre se aproximou, encostando as mãos no caixão.

– Minha mãe! Exatamente, filha de Suzana Afonso. Maysa, prazer!

Capítulo 43

Assassino!

Bruno estranhou ao notar a movimentação estranha próximo de uma loja simples. The Chain tocava na radiola velha do carro branco, enquanto o corpo de um gato era coberto por um saco plástico. O homem que trajava um paletó branco, tinha um semblante infortunado, lamentando de todas as maneiras e jeitos, tentando comprovar sua inocência diante do caso. O sangue vermelho como fogo, deixava sua identidade no vidro retrovisor, se prolongando até a lateral do carro. Preferiu não se aproximar, seguiu, observando a confusão que se formava.

– Desliga esse som e vem falar comigo direito! – Gritou uma mulher velha, com os cabelos incrivelmente brancos, um corpo magro e usava uma bengala, que em alguns momentos acertava o corpo do branco. O homem foi até o carro e desligou o som, que parou na melhor parte do refrão. – Você é um desgraçado, matou ele, matou, assassino de araque!

– Mil desculpas, eu... Eu não queria, dá pra ver que eu não queria, por que eu iria matar o bicho? Não tem motivo!

– Cale essa boca, eu não quero ouvir suas desculpas. Estava com esse som nas alturas, com os olhos fechados, não ouviu os meus gritos de desespero, não viu ele saltar, não freou, esse sangue, todo esse sangue. A culpa é sua. A culpa é totalmente sua! – Meteu novamente a bengala na lateral do homem, que urrou.

– Então que você fique aí chorando, mas eu mereço ficar aqui, ouvindo você falar essas besteiras. Ele morreu, não morreu? O que eu posso fazer? Nada! Nada! – Ele foi até o carro e abriu a porta, dando um último olhar na velha, que ameaçou novamente o atingir com a ponta da bengala.

– Verme! É isso que você é, um verme!

O jato de água limpou todo o vidro, com ajuda das pastas, indo para um lado para o outro, derramando a mistura inconsistente no asfalto quente. Apertou o acelerador e em dois segundos já não mais se encontrava no mesmo lugar.

O carro passou ágil por Bruno, que respirou fundo com tudo que tinha acabado de ver. Mas não podia deixar que situações paralelas abalassem ou lhe fizesse congelar diante da caminhada. O amontoado de casinhas, ruelas e

plantações aumentavam a cada passada, estava mais perto do que nunca do ponto principal. Pensou além disso quando adentrou um caminho de terra, após ter parado em uma barraca de beira de estrada, que secava a Cana de açúcar, e entregava com gelo dentro de um copo. O homem era um velho mais deteriorado pelo tempo, com uma barba e cabelos ásperos, tão grisalhos quanto a areia que o oceano costumava visitar nas manhãs.

– Veio viajar? Passar um tempinho por aqui? – A voz era exatamente como Bruno imaginava, seca e acompanhada de tosses. – Ah, vai gostar, principalmente se for para Itamaracá, Garanhuns, isso que é cidade.

– Já foi a Itamaracá? – Indagou, levando mais um gole da cana.

– E quem não foi, me diz, quem não foi pra Itamaracá, pra grande ilha de Itamaracá? – Tornou a separar algumas peças novas, o movimento era sútil.

– Minha mãe sempre dizia que a gente tinha uma casa lá, mas nunca fui. Eu acho que era uma casa próxima da praia do... – Acariciou o queixo, ainda pensativo.

– Forte ou Pilar?

– Eu acho que era essa primeira, a do Forte!

– E sabe o motivo de ter esse nome? – Indagou, limpando as mãos da sujeira que pousara em suas mãos.

– Não... Não sei ao certo!

– Praia do Forte, existe um Forte enorme lá, não sei se tá aberto pra turismo, mas certa vez fui até lá, observei aquela imensidão. Do alto, de cima do forte, dá pra ver o quanto a gente é pequeno nessa terra de ninguém. O oceano enorme, os banhistas de um lado, as plantas e matos surgindo do outro, aqueles barquinhos de turismo, sabe? Pra levar as pessoas ao outro lado da ilha.

– Forte...

– E quando a gente vê aqueles barcos, percebe o real motivo, não é? Aquilo não é que nem hoje, a maioria das coisas é feita pra posar pra foto, e sorrir pra câmera, chamar atenção. Ali, naquele tempo, as coisas tinham utilidade. Os canhões não são decorativos, sabe? Eles são verdadeiros, mas naquele tempo tinham munições. Derrubavam os barcos, os barquinhos, os... os navios, derrubavam, imagine você, dirigindo o seu barco, tripulado pelo seu povo, e de repente, na linha do horizonte, encontra um forte laranja, enorme, circundado por coqueiros, um céu azulado, nuvens vazias, um sol enorme. Imagine, o que você poderia pensar? Morri, esse seria seu pensamento.

– Eu acho que se eu, sei lá, mudar a direção do barco e...

– Nem continue, quando você pensasse nisso, aquelas bolas enormes feitas

de aço, metal, ou sei lá o que, cheia de fogo, invadiria seu povo, quebrando a madeira, colocando suas roupas, munições, baús, em verdadeiras chamas, o fogo tomando conta do barco. As pessoas pulando do navio para se salvarem, e bem, não é uma ideia muito boa. Ou você morria afogado, morria com uma parte do corpo na boca de um tubarão, ou nadava até a costa, era pego por um desses do Forte, e aí... Arrancavam sua cabeça, metralhavam seu corpo, e assim era a vida, a grandiosa vida naquele tempo. Mas pensando bem, você não me contou o que veio fazer aqui, enfim, o que veio fazer aqui?

...

Bruno apoiou suas mãos na cerca esbranquiçada. Olhou o pátio central, ladeado de alguns bancos, postes artesanais. A caixa dos correios estava aberta, pensou se alguém já havia pego as cartas. Olhou ao redor, os moradores não estavam pertos, pareciam naquele momento, onde mais precisava de alguém, todos se encontravam distante, em um espaço tão longínquo, que nem seus gritos mais intensos poderia alcançar.

Bateu palmas, algo que não chamou muita atenção.

– Anita! – Gritou. – Anita!

Uma mão encostou seus ombros, depois igualou seu corpo ao de Bruno, que não reconheceu quem era aquela pessoa. Uma velha, um turbante colorido rodeava sua cabeça, breves fios pretos decaíam sobre a testa. Lhe encarou com cautela, os olhares negros pareciam sugar as ideias e perguntas que viam de Bruno, que preferiu ficar calado, esperando algum movimento, som, frase, palavra, alguma coisa saísse da boca da velha de corpo moreno.

– Por que está gritando na frente de minha casa?

– Eu... Eu pensava que a família Rubens morasse nesse número, nesse local.

– E mora! Quem é você? O que tá fazendo aqui?

– Estou procurando por uma mulher, acho que agora deve ter uns vinte e sete, trinta anos. Procuro por Anita! Anita Rubens! Bruno, me chamo Bruno, Bruno Arantes!

A velha lhe encarou com receio, fazendo os cestos de comida que carregava caíssem no chão, o cimento batido e de cor cinza recebeu os legumes, potes de manteiga, todos rolaram até um pequeno barranco, a velha engoliu a saliva, encostando suas mãos nos braços nervosos de Bruno, o fazendo dar alguns passos para traz.

– Oh, veio de onde?

– Minas. Passei alguns anos em Minas. – Entregou um sorriso gentil.

Anita abriu a porta, notando o movimento, afinou os passos, tornando-os lento, tentando saber o que acontecia na frente da sua casa.

– Quer falar com a minha neta? Então venha logo, deve saber que seu nome por aqui não é um dos bem falados. Assassinatos não costumam limpar nome de ninguém. Minha neta deve tá trabalhando nas plantações. Eu não sei se ela vai querer dar uma palavra com você...

– Eu não sou culpado pela morte de Sophia, e esse assunto precisa retornar. Eu preciso falar com a sua neta, eu preciso falar com Anita.

– Então vamos. Vamos entrando!

Capítulo 44

Precisamos ir com roupas novas

O corpo finalmente partiu da cabine, seguindo em uma linha fúnebre e lenta. Os coveiros empurravam o carrinho, o caixão tremia enquanto as rodas passavam pelos espaços do ladrilho. Agora podia-se ver quantas pessoas estavam a espera do momento, o número de amigos, amigas, colegas, pareciam não ter fim, carregando uma bagagem importante de sentimentos unidos em um mesmo ambiente.

Quando o corpo foi enterrado, Gonçalo esperou o choro chegar, mas estava inteiramente envolto do que parecia respingar a sua frente, quem era o pai de Maysa? Esse assunto permaneceu em seus pensamentos até se despedir de todos na saída do cemitério. Seguiram até uma praça, sentando-se em um dos bancos. As crianças corriam para todos os lados, acompanhado de seus pais, mães ou empregadas, seguido pelos brinquedos, em gritos altos, sons interessantes para um apreciador de momentos.

– Filha... Olha o ponto disso, filha, ora filha. Elias, filha, filha! – Ergueu a mão e chamou a atenção de um pipoqueiro, que lhe vendeu por um real um saco de pipoca salgada, tornou a comer. – Você não percebe a gravidade de tudo isso? Como se tudo fosse uma verdadeira bola de neve, a cada passo, a cada vez que eu respiro, fecho os olhos, volto a olhar, uma coisa muda.

– Ora, não sabia que Suzana tinha uma filha? – Indagou Elias, roubando um pouco de pipoca.

– Claro que sabia, mas o que a gente imagina de uma pessoa que... Que simplesmente é uma moralista católica, certo, é um cargo tão inferior religiosamente, que até a própria Suzana era livre para fazer algumas coisas, e por aí vai..., mas a filha dela, se deleitar com o prefeito da cidade? Qual a relação entre tudo isso, isso tá me deixando louco! Maluco! – Colocou uma quantidade absurda de pipoca na boca.

– Se isso de deixa louco, isso me deixa ainda mais. A Suzana teve um caso com o Bruno em 1982, não tenho ideia se ela ou a Genilda te contaram, mas eles namoraram, ela que cuidou dele enquanto ele estava internado no hospital. Engataram um romance, e logo ele foi embora pra Minas, e nesse tempo ela

ficou grávida, mas nem o Bruno sabe se a filha é dele ao certo.

– Meu Deus. Existe outra pessoa nesse meio aí? Quer dizer, acredito que seja do Bruno, mas se ela não sabe quem é o pai, a gente poderia tentar saber disso, afinal questão de paternidade é sempre causas importantes.

– Talvez ela tenha escondido tudo isso porque foi ameaçada de morte, ou essa pessoa iria pegar tudo que é dela, não faço a mínima. E agora, o que a gente faz? – Sua mão adentrou o vazio do saco, Gonçalo retirou as mãos morenas de Elias e jogou o papel no lixo.

– Você foi jornalista, deve saber aonde fica qualquer lugar dessa cidade, então, Elias, chegou a tua hora de brilhar. – Respirou fundo e tossiu. – Aonde é que a gente pode ir pra pegar o arquivo, o arquivo primário que comprova de quem Maysa é filha, você deve saber!

– Não podemos ir assim, não desse jeito. O local é um pouco longe da prefeitura, mas conheço algumas pessoas que podem ajuda.

– Assim como? Tá falando de quê? Da roupa?

Elias se aproximou do padre, que estranhou a atitude. Começou a pensar, e após alguns segundos conseguiu formular o seu pensamento.

– Olha aquele casal ali, tá vendo? – Apontou para eles, a mulher trajava um vestido simples, mas a marca cara era bordada na lateral, o homem seguia o mesmo ritmo da esposa. – Tudo neles são simples, os traços, as cores, mas depende da forma que vemos. É fácil comparar algo simples que foi feito para parecer simples, porém, com materiais de qualidade, requinte. De um outro lado existe aqueles que são simples, porque os materiais são simples, as estampas são simples, tudo é um grande complexo, caro Gonçalo!

– E aonde que você quer chegar com tudo isso? Dizer que devemos nos fantasiar de um casal chique a procura da filha? Eu não aceito!

Elias se levantou, alongou a coluna e voltou a olhar Gonçalo, que erguia o pescoço para enxerga-lo, ao mesmo tempo que fugia do sol que parecia invadir sua visão, queimando tudo por dentro.

– Tá chegando perto, é por aí que são as coisas. Veja bem, a gente vai até uma loja de um amigo, eles vendem uns paletós clássicos, iguais aqueles de filmes de ação, onde os protagonistas costumam usar roupas de luxo, e é isso que faremos.

– Aonde você quer chegar com tudo isso?

– Acha mesmo que quem que esteja lá vai deixar um padre, e um mendigo, essa minha roupa eu pareço um mendigo, procurarem arquivos? Claro que não, nunca! Vamos, precisamos ir agora, precisamos partir, em busca dos arquivos

secrets! – Ergueu as duas mãos, imaginando palavras mágicas aparecendo entre seus olhos, em um clássico filme de cinema.

...

Foram recebidos por uma mulher esbelta, Elias imaginou qual seria o padrão de beleza do futuro. Era tão magra, mas parecia ser proposital, carregando um sorriso magro, olhos secos, uma boca magra, e gestos magros e principalmente secos.

– Senhores, como posso ajuda-los? – Perguntou, enquanto caminhavam lentamente pelo espaço. – Temos bastante roupas específicas? O que procuram? Um decote mais acentuado. Ocasões especiais? Casamento, festa de quinze anos, bodas de ouro, de prata, de vinho, é, sabiam que tem até de vinho agora? Um absurdo. – Deu um sorriso forçado, contagiando apenas Elias. – Algum enterro? – Quase gritou.

– Não, sem enterros, chega de enterros por hoje. – Iniciou Elias. – E bem, a gente tá a procure de... Sabe aqueles filmes de ação, a gente quer parecer executivos, ricos, com poder. Se você estudou pra tá aqui, deve saber o que o estou falando. Eu quero roupas que falem por si só, roupas que olhem ao seu redor e saiba aonde estão, eu quero roupas que conversem com o ambiente, e mostrem para todo mundo o poder que carrega.

– Eu não recebo uma descrição dessa desde que li Senhor dos Anéis, sabe Senhor dos Anéis? Sabe? Tolkien. O mesmo criador dos Hobbits, sabe? Que tem pés gigantes e...

– Precisamos dessas roupas para agora. Precisamos dela para agora! – Afirmou Gonçalo, entregando um sorriso.

No espelho Elias se viu, era uma roupa formal, simplesmente como havia dito para a atendente, ela absorveu o que queria. O conjunto azulado escuro, entre calça e a parte de cima, contrastando uma verdadeira silhueta agradável no seu corpo. Pensou em como tudo aquilo era de renome aos olhos alheios. Queria ver como ficaria com o relógio, chaqualhou a calça e sentiu um medo intenso percorrer todo seu corpo, quando a arma caiu no piso de madeira.

– Meu Deus. – Disse, tentando manter o controle.

A arma não andou mais que dois centímetros, e não estava nem um pouco próximo da porta. Pegou a arma e colocou na roupa que estava usando, percebendo que ocupava o mesmo espaço, e permanecia sem estar visível.

Quando saiu da cabine encontrou Gonçalo, que carregava um sorriso de

uma ponta a outra.

O preço foi negociado com a presença do dono da loja, que não estava no local, mas em uma ligação, comprovou que conhecia o velho jornalista para a atendente. Parcelou em duas vezes o preço que não saiu tão alto, e seguiram da mesma maneira para fora da loja. A roupa fora deixada em um canto reservado do ambiente.

...

Eles cruzaram a avenida principal e adentraram a prefeitura. Uma bela jovem reunia papéis em sua bancada, uma velha senhora saiu logo após a chegada dos dois. Gonçalo e Elias partiram até a jovem, ela parou tudo que fazia no momento e concentrou suas atenções em ambos.

– Em que posso ser útil?

– Estamos procurando... – Gonçalo tentou, mais uma vez iniciar do seu jeito, mas Elias sabia que o padre não sairia bem.

– Somos os advogados responsáveis pela morte de Suzana, a mulher que foi morta dentro da igreja, viu o caso? – Elias seguiu.

– As televisões da minha casa estavam todas ligadas com tudo isso. E principalmente os jornais, até umas empresas que pra mim já estavam falidas, voltaram a ativa com a notícia.

– Exatamente...

– Mas o que querem exatamente?

– Estamos em busca de um arquivo... Que mostre a identidade de Maysa, a filha de Suzana. Temos um chefe... trabalhamos para o escritório do Sr. Azevedo, um velho branco, barbudo, todos conhecem.

– Nunca ouvir falar.

– Continuando... Ele nos enviou até aqui com esse intuito, precisamos recolher essas informações...

– Eu...

– É novata aqui? – O velho encarou o crachá, em baixo de seu nome havia uma marcação: Estagiária!

– Comecei semana passada.

– Azevedo é amigo do prefeito... sabe que ele não gostaria nada de saber que a estagiária que ele contratou, desolasse uma das ordens de seu fiel aliado. Não acho o mesmo que eu e o meu parceiro?

- Acho! – Demorou alguns segundos para responder.
 - Deve ser tão tranquilo trabalhar aqui, viver por esses arquivos, que guardam tantas histórias. Qual a sua formação?
 - Técnica em administração! – Respondeu prontamente.
 - Ah, vi no jornal esses dias que o governador do estado acabou com o curso, sabe o motivo? Você parece que gosta de ler os jornais... – Ela não emitiu nenhum som. – Falta de emprego nesta área. Falta emprego para pessoas com a sua formação, e creio que as filas que tão aí por todo o estado, cada uma daquelas pessoas iria quer muito assumir o seu lugar. Não acha? Então... – Com um telefonema, do próprio escritório do Sr. Azevedo, posso acabar com o sonho de ter um emprego fixo... tá nas suas mãos!
 - Sigam o segundo corredor e entrem pela terceira direita!
 - Não vai nos acompanhar, madame?
 - Não precisa, podem ir!
- Seguiram o corredor e adentraram a sala.

Capítulo 45

Desculpe a minha vó, ela não anda muito boa das ideias, perdão!

A casa era larga, tinha espaço suficiente para os móveis conversarem com harmonia. Arantes ficou no sofá, observou a estante ladeada de livros, sentia o cheiro de Anita, aquele era o primeiro lugar e a primeira vez que sentiu a presença de sua amada. Os porta-retratos não mentiam, o rosto branco, os cabelos negros, os olhos azuis. Com roupas de todas as cores, o fundo, viagens, locais, cidades, que adornavam os passeios da dupla. Cartas emendadas ou coladas... Aquela casa carregava a presença de Sophia.

A sintonia, a música sertaneja velha que tocava numa antiga radiola, invadia seus ouvidos como melodia. Ainda lembrava de Anita? O rosto sim, perpetuava na sua frente..., mas a voz? Os movimentos? Suas respostas foram alcançadas com a chegada da mulher, com calças largas, camisa desuniforme, cabelos pretos presos, e o cheiro do campo.

– Não imaginei que te veria de novo... nem passava pela minha cabeça. – A voz continuava suave, gentil, num timbre agradável para os ouvidos.

– Nem eu imaginava retornar aqui. Depois de tudo aquilo, me lembrar dela seria desesperador.

Anita continuava em pé, apoiada no arpão que dividia a cozinha e a sala.

– Ah, claro... Os porta-retratos, eles falam por si só.

– Sim!

– Mas, qual foi o motivo de voltar de Minas?

– Vim pra fazer uma visita, me envolvi com algumas pessoas, acabei prolongando minha estadia.

– Se envolveu com pessoas? Ótimo, é bom ver que recomeçou a vida... então veio até aqui pra me dar um oi? Me ver, falar comigo? Ou recordar?

– Vim porque você era amiga... mais que uma amiga para Sophia. Tenho certeza que as duas partilhavam de coisas que eu nem imaginava.

– Se veio buscar segredos, eu não vou dizer nada. O que isso adianta após

dezesseis anos? Na minha opinião, bastante sensata, não vejo motivo algum pra falar sobre ela... entende, se eu não disse nada quando ela era viva, por que eu diria agora?

– A questão é, Anita, é que não quero saber nada normal, que era o que eu pensava que era a vida de Sophia. Pensava que ela tinha uma vida normal, comum, é o mínimo que eu esperaria de uma bibliotecária. – Anita, que estava cortando em alguns momentos as frases de Bruno, permaneceu calada, parecia engolir a saliva. – Mas como disse, me envolvi com pessoas, situações... E foram elas que motivaram a minha vinda até aqui. Se fosse qualquer outra coisa eu não viria. Se uma mulher, que conhecia ela, me dissesse que ela costumava roubar livros, eu não viria. Se um professor que ela já teve, vinhesse até mim e me informasse que ela... Que Sophia, sei lá, gostava também de mulheres, eu não viria até aqui. Se hoje, estou na sua frente, sentado nesse sofá, nessa casa, quase no fim do mundo, você deve saber o motivo. – Arantes encarava Anita com um olhar penetrante. – Sabe do que estou falando, sabe do que eu estou falando... Sabe, Anita, eu penei pra acreditar nas coisas que aquele velho me disse, penei, não estou mentindo. Durante a viagem, sabe quando passa um filme na sua cabeça, e você começa a ligar um ponto ao outro, e lembranças simplesmente brotam?

– Cala a boca! – A frase não anulou o modo que o homem a encarava.

– Cala a boca?

– Não pode falar sobre isso aqui. As paredes têm ouvidos. Vou tomar um banho.

– Tomar um banho? O que isso tem a ver com o que você vai falar?

– Não falarei aqui, iremos para o ponto alto da cidade. Estaremos sozinhos, ninguém vai ouvir sobre o passado dela... De Sophia.

Anita passou em direção ao seu quarto, e logo o barulho da água ecoou por toda a casa. Os segundos pareciam horas, os minutos se tornavam meses. A ansiedade tomava conta de Bruno, o tornando aflito, com tesão pela verdade. Necessitava que as barreiras fossem quebradas. Lembrou do velho... Lembrou das frases do velho, antes de sair descontrolado da casa. No fundo, a voz rouca e sábia rondava seus ouvidos. Arantes não queria acreditar. Não queria imaginar. Mas mesmo assim sabia, tinha certeza que quanto Anita cruzasse as portas do seu quarto, trajando um vestido, seus cabelos pretos presos em um rabo de cavalo, e um aroma que remetia ao cheiro peculiar de sua amada, sabia que teria que acreditar. Não poderia discordar dela... jamais.

...

Os pampas se desmanchavam no horizonte amarelado da cidade. Caminhavam lentamente, respirando o ar fresco, esperando o outro dizer alguma coisa, emitir algum som, ruído, palavra. Os cabelos de ambos voavam, viam as borboletas rondando as flores, plantas. As arvores demarcavam uma boa área do espaço, o gramado verde, em alguns momentos claros, em outros mais escuros, recebiam os calçados de Bruno e Anita... Anita falou.

– Foi obrigada.

– Como?

– Não queria participar daquilo... foi obrigada!

– Me trouxe até aqui com medo dos ouvidos alheios, agora, não poupe palavras, não se esconda por trás das metáforas... seja direta. Me diga quem foi a minha mulher. Quem era Sophia?

– Ela te contou sobre a família? Contou quem era seus pais? Se ela tinha algum parente próximo?

– Disse que era inglesa, e seus parentes eram de lá...

– Imaginei.

– Eu já falei. Nunca me disse nada. Perguntei, eu...

– Antony, antigo prefeito de Recife. Engravidou uma inglesa que passava férias na cidade. Na época, essas coisas de direitos femininos, claro, já existiam, mas não eram seguidos com facilidades. Ele assediou Agatha... Já era casada, um casamento arranjado na Inglaterra. Usou de seu prestígio, de seu poder pra conseguir as coisas... E conseguiu.

– Engravidou sem ela querer?

– Ele assediou ela... um estupro. Quando foi pra lá, morava nos primeiros apartamentos da avenida, não morava, passava uma estadia. Sophia me disse que aconteceu em um dos bailes, comuns da época.

– Ainda não chegamos no ponto.

– Foi aí que ela foi criada, morou um tempo lá, depois o prefeito fez questão que ela retornasse para cá. Veio com o sotaque, ensinamentos, mandamentos, cultura inglesa. Construiu uma identidade dentro e fora do hotel de luxo da Boa Vista.

– O que você quer dizer com isso?

– Com você, com a gente, amigos... ou melhor, os quase únicos amigos de Sophia, ela era uma mulher doce. Eu não preciso descrever nada sobre ela, você se lembra, deve ser lembrar de tudo. De como ela falava, de como ela sonhava.

– Queria casar comigo.

– Queria ter filhos, queria ter... uma vida, uma casa.

– Uma casa com...

– Azulejos azuis no banheiro, amarelos na cozinha e vermelhos no quarto.

Ela sonhava grande, mas não podia seguir o caminho dos sonhos. Jamais poderia!

– Quem ela era na outra identidade?

Um silêncio angustiante marcou a breve caminhada. Bruno e Anita pararam de passar os sapatos sobre o gramado, os olhares se encontraram e logo voltaram a caminhar.

– Ainda não se perguntou por qual motivo o prefeito a mandou voltar?

– Por quê?

– Nas noites... Noites em que você não passava em casa, por causa dos trabalhos. Na verdade, você foi um empecilho na vida do prefeito, e tinham planos pra te matar, foder com a sua vida toda. – Anita pegou um cigarro do bolso, acendeu em segundos e o levou até a boca. – Mas aí chegou o dia, o dia dela, e te prenderam.

– O que faziam com ela? Pelo amor de Deus, o que faziam com... Com a minha...

– Não era só sua. Não tem explicação para o que eu vou dizer, mas ela era um legado... nada que eu disse a seguir deve ser racionalizado, era uma explicação vã que ela escutava nas noites... tudo era um legado deixado pelo pai de Antony, governador de Pernambuco, Alfredo. Juntavam as pessoas importantes da sociedade, gente com prestígio. Ninguém desconfiaria do delegado investigativo, do prefeito, do filho do prefeito, o dentista, o militar, o dono de faculdades... se uniam nessas noites, e destruíam a sua mulher. Acabavam com a dignidade que ela construía ao nosso lado, acabavam com tudo. – Arantes permaneceu calado, o semblante confuso, olhos ardentes, lágrimas queriam escorrer. – Usavam a sua mulher, todos... todas essas pessoas usufruíam. Usavam tudo que podiam. Batiam, enfiavam aquilo, usavam... tudo. – A voz de Anita tornou-se embargada. – Não existem palavras pra descrever o seu sofrimento nessas noites.

– O que ela deixou antes de morrer? Não te escreveu nada?

Anita pegou de seu bolso um manuscrito antigo, amarelado. A letra cursiva, Arantes conheceu, era de Sophia. Suave. Buscou o título, encarou o primeiro parágrafo. Um nó na garganta!

...

Observação: Entregue isso para meu esposo, se ele quiser saber. Jamais o entregue se ele não procurar...

Na semana passada pediram para ir com um vestido dourado, com bolas. Preferia morrer, do que sentir as mãos velhas de pai e filho me tocando, me beijando, me usando. Preferia a morte!

Desculpa, amor... Saio de madrugada, um carro discreto me pega na porta de nosso apartamento. Lá, uma mulher, a governanta da casa, alivia meu corpo, alivia minha mente, alivia meus pensamentos. Ela é gentil, na verdade sempre foi gentil desde que pisei pela primeira vez no casarão do prefeito. André, seu filho e meu irmão não estava, minha conversa foi com ele, Antony.

Quando o carro, alguns dias do mês, estaciona na frente do American Motel, sinto... posso sentir, consigo sentir o aroma de vinho, cigarro, sem compaixão. Não há sentimentos, ali existem desejos, da parte deles. O cheiro peculiar desperta e me liberta de algumas correntes que carreguei durante o caminho, lembro que já faz cinco anos que sou assim. Não desejo ser assim, não quero ser.

O elevador me ergue até o quinto andar, tradicionalmente na porta sete. Poucas pessoas têm a chave do quarto, talvez existe uma cópia no casarão do prefeito.

Rufino Lins, policial da central investigativa do Recife. Área doze. É alto, uma pele parda, olhos castanhos escuros.

Antony Martins, prefeito do Recife, encaminha seu legado para o filho, André, que possivelmente após sua morte, assumirá o comando da cidade. É velho, caído, morto.

André Martins, filho do prefeito. Tem cabelos pretos, pele branca, é um dos mais fortes após Rufino. Sua boca exala um aroma constante de fumaça, seguido de um cheiro de cerveja.

Edgar Arthur, dono da escola Americana Bon Voyage.

Existem convidados alternados, que comparecem em alguns dias. Não posso mais viver aqui, não viver assim, com esse peso. Não posso mais viver!

...

Bruno engoliu a saliva, estava pálido. O nervosismo tomava conta de todo o

corpo, tremia. Seus cabelos, antes organizados, agora recebiam suas mãos, elas passeavam pelos fios rapidamente, estava apreensivo.

– Meu Deus! – Entregou o manuscrito nas mãos de Anita e se afastou. – Que merda tá acontecendo. Não pode... não pode ter sido! – Gritou. – Não... nunca! A minha... A nossa Sophia. Ela... O que tá acontecendo? A minha mulher! Desgraçados! Eu vou acabar um a um. Matar esses vermes, nojentos! Que merda. A minha... A minha Sophia. Por quê? – Em um momento de ápice, enxugou as lágrimas, acalmou-se. Se aproximou, ficou muito perto dela. – O que aconteceu pra jogarem ela no rio? Ela ameaçou contar pra todo mundo que queria casar, que queria ter filhos? O que ela disse pra eles, ao ponto de jogarem ela... jogarem ela morta, esfaqueada no rio. Todos viram. O que ela fez? O que ela fez pra ser morta? Assassinada!

– Eu não sei se eu deveria falar sobre isso agora, olha o seu estado. Se eu disser quem matou ela, você vai querer respostas, vai agir sem pensar. Vai estragar a tua vida, entregar seu nome pra morte. Não posso contar.

– Você vai contar sim, e vai contar agora! Anda, fala! Quem matou a minha mulher?

– Não adianta, eu não vou dizer... Eu não posso dizer, você precisa se acalmar. Vamos voltar pra casa.

Bruno agarrou o braço de Anita com força.

– Fala, agora! Eu esperei durante anos pela resposta. Eu quero saber quem deveria ter sido preso no meu lugar, quem deveria ser espancado até cair os dentes. Quem matou Sophia?

– Seguraram o corpo dela! – Anita se desvaceceu das mãos de Arantes e caminhou até a sombra de uma árvore, ele a seguiu. – Seguraram ela, enquanto ela morria diante dos olhos de...

– De quem?

– Pegaram... Ela a pegou pelos braços, segurou as pernas, enquanto o assassino enfiava a faca na barriga, na cabeça, na coxa... enfiava a faca no corpo.

– Do que você tá falando? Quem é ela? Quem é o assassino? De quem você tá falando?

– Seguraram o corpo. Ela se debateu no carro, queria sair viva, mas ao mesmo tempo não... Ela gritava por ajuda, por socorro. Mas quem iria ajudar? Já ouviu falar que as madrugadas na rua da Aurora são silenciosas? O carro abafou.

– De quem você tá falando? – Gritou, angustiado.

– Abafou os gritos dela! – Seguiu o mesmo tom de Bruno. – Ela morreu sem poder se livrar das mãos dele, que segurava ela na cama. Morreu sem poder acabar com tudo aquilo! Morreu vazia, silenciosa, na noite.

– Quem é o assassino? Quem matou a minha mulher?

– Ele! Rufino Lins, o dono do ferro velho em Jardim Brasil. Ele esfaqueou a sua esposa, enquanto aquela puta que morreu após se confessar na igreja, segurava ela, prendia seus braços no carro. Sufocava os gritos.

– Deus...

– O Rufino foi parar no ferro velho, afastado de tudo, a pedido de Antony. Matou duas pessoas. Ele, o mesmo que tirou a vida de Sophia, também matou a governanta... Ele assassinou a sua mulher, e também matou Andrada atropelada, no mesmo carro!

Uma lágrima escorreu pela bochecha de Bruno, estava perplexo, um rosto indecifrável, sem expressão!

Capítulo 46

Sophia...

– **Francamente, precisava ameaçar a menina daquele jeito? E senhor Azevedo?** Se ela pesquisar por esse daí, não vai encontrar nem as botas... é cada coisa que eu me meto. – Gonçalo e Elias caminhavam pelo corredor, a porta da sala de arquivos se aproximava.

– Quería o que? Que eu dissesse pra ela que você é um padre e um velho professor aposentado? Investigando alguma coisa que não sabemos nem se existem fundamentos concretos!

A maçaneta foi aberta corretamente e logo estavam dentro da sala de arquivos. As lamparinas amareladas, balançavam diante do teto, enquanto destacava os corredores. A sala de arquivos era grande, imensa pra falar a verdade.

– E você ao menos sabe como isso aqui funciona, professor aposentado? Ou tem paciência de buscar cada arquivo, procurando nome e data? Eu não tenho paciência. – Após a frase de Gonçalo, Elias o encarou com receio.

– Conheço pouco.

– Ah, conhece pouco?

– Deixa disso... vamos nos dividir em grupos. – Caminhou até um corredor, o padre o seguiu. – Nas prateleiras existem as marcações de anos e meses. É só olhar para eles, não demorará muito para encontrarmos.

Dias relutou, mas logo fora convencido a enfrentar aquele bando de papéis. O relógio demarcava o tempo dito pela estagiária, restava poucos minutos até que aquela partição da prefeitura fosse fechada. Ambos se desdobravam, sabiam do ano e da data que nasceu, mas quantos bebês também não nasceram naquele mesmo ano?

– Encontrei! – O grito de Gonçalo, fez Elias sair de onde estava, apressado, e ir até o padre.

– Que beleza, rapaz! – Observou a ficha nas mãos do amigo.

– Meu Deus... Esse documento é da igreja! Ele veio da igreja... Quem poderia escondido isso durante anos, e logo aqui?

- Quem você acha que é, padre?
- As pessoas que eu sempre achei que fossem... Jordana e Maria Tereza!
- Quem é o pai?
- André Martins!
- O nosso prefeito!

Leram com apreensão o que estava escrito no documento. Com o tempo, a resposta perpetuava.

Quando saíram do corredor, um documento avulso, sem data caiu sobre os pés de Elias, que prontamente o pegou para colocar em seu local de origem, até que olhou o nome.

- Sophia Nóbrega Martins?
 - Como assim? – O padre disse surpreso. – A mulher do Arantes!
 - Exatamente ela! Eu procurei por isso quando ela foi assassinada, isso não estava aqui, foi depositado recentemente. O papel tá novo.
 - Abre logo isso!
- O envelope foi aberto, revelando...
- Sophia... Filha do prefeito!

...

Desceram rapidamente as escadas da prefeitura. Gonçalo seguia na frente, ofegante. Elias, preocupado, tentava o segurar.

- Não podemos agir de cabeça quente, você é padre! – Pegou Dias pelo braço, ambos pararam no meio da escadaria. – Imaginou o que pode acontecer?
- Desculpe, mesmo respeitando meu ofício como padre, não posso deixar passar uma coisa dessas. Elas são culpadas, eu tenho certeza, sempre tive. Agora que tudo isso aconteceu, as coisas ficaram mais claras, mais diretas... é preciso que isso aconteça... Elas vão ter que se explicar, e esse confronto é necessário!

Gonçalo apressou os passos. Elias respirou fundo e tocou na arma, vendo que o momento de usar se aproximava.

Capítulo 47

Revelação

Gabriel e Danilo não suportavam mais aguentar todas aquelas palavras e frases fora do comum. Os assuntos beiravam o aceitável, partindo de casamentos a objetos fora de um diálogo mais direto. Os empreendimentos da família do prefeito, e principalmente sobre a evolução do mercado de negócios para Braga, que em uma fala mansa, tão embargada graças ao vinho que tomara.

André era um homem ambicioso apesar de tudo, esconder segredos era um de seus pontos mais forte, desde jovem pensara nisso, quando queria participar das reuniões com o pai, que sempre dizia não. Pensou em mudar um pouco disso quando tivesse um filho, mas a notícia caiu como bomba na sua família. Flávia, sua esposa, perpetua problemas mentais, ressaltando a dificuldade de relacionamento, e André, que sempre se gabou por ser um dos mais espertos e ágeis diante da família, descobriu que era estéril, um homem que jamais poderia ter filhos, e guardou esse segredo junto consigo.

Gabriel foi o primeiro a dar alguns passos, saindo da cortina e partindo para a lateral da estante, André o enxergou em repleta visão, e se espantou ao notar a presença do menino. Os olhos de Braga percorreram a mesma linha que o do prefeito, parando na pele parda de Danilo, que se posicionou ao lado do colega. Agora ambos estavam ali, parados, estagnados como uma estátua, encarando o olhar doentio dos dois.

Braga se levantou, apoiando o copo na mesa a baixo.

– O que aconteceu aqui? O que vocês estavam fazendo aqui? – Gritou! O olhar perverso consumia a alma dos dois. – O que... O que pensam que são!

André igualmente se levanta, mexendo no bolso traseiro, Gabriel jurou que seria uma arma, e que um tiro iria percorrer sua cabeça, jorrando o sangue na cortina bege, morreria sem dizer o adeus para o avô.

– Então vocês que são os... – Os passos se tornavam lentos, mas o corpo tornava a ficar mais próximo dos dois.

– Sim, esses desgraçados foram os que roubaram os arquivos, os mesmos que o doido atropelou, atirou, mas casca ruim não quebra, e olha só onde esses merdas foram parar, escutaram tudo, tudo!

– Atropelou porque não sabia o que ia fazer, eu que mandei passar o carro por cima, mas parecem ser crianças tão gentis, dóceis, tão sensíveis.

Gabriel e Danilo recuaram.

– Isso daí é um bando de peste, que merece morrer, que mereço sofrer. Ouviram a nossa conversa, eles sabem mais do que podem, e você vai ficar aí? Falando assim com eles? Eu meto uma surra aqui mesmo!

– Que é isso, Braga, essas crianças tão moles, tão pequenas, com um futuro tão próspero pela frente, acha mesmo que devemos partir para o pior? Transformando a vida desses pequeninos em um inferno antes do dilúvio? – Puxou do bolso um cigarro e um isqueiro, acendeu e levou a boca. – Não, eu acho uma ideia totalmente inconfundível com o que sempre preguei durante todos esses anos de mandato, durante o mandato do meu pai, ele, Antony, ele sim era um homem bom, um homem caridoso.

– Para de falar assim com eles, liga logo pra um desses seus capangas e manda meter bala, levar esses porras pra um lugar deserto, cortar a cabeça, matar!

Danilo recuou e encostou as costas de volta na cortina. Gabriel partiu para trás da prateleira, encarando André entre os espaços dos livros e manuscritos. A fumaça do cigarro saía de sua boca e pairava no teto, levando o cheiro peculiar e estranho para todo o ambiente. O menino moreno se esgueirava.

– Sabe, meninos, o meu pai era um homem bom, um homem descente, de fibra! Mas assim, ele em certos momentos não costumava ser cordial, ao menos na maioria, maioria das vezes, e agora, nesse momento, enquanto ele estivesse frente a frente com pessoas como você, Gabriel, que costuma se esconder do medo, não enfrentar a barbaridade das guerras, dos confrontos, sejam eles Romanos, Gregos.

– Sai daqui, sai de perto da gente! – Danilo gritou.

– Deve saber das batalhas dos Deuses, dos conflitos mitológicos, deve saber, você, Gabriel, é um menino gracioso, mas que não é dos meus. – Continuo André.

– E jamais vou querer ser um dos seus. Pessoas que mandam matar outros inocentes, não quero fazer parte disso, jamais farei parte disso! – Afirmou Gabriel. – Nunca!

– Eu mandei matar, e mando, sempre mandei, meu pai mandava matar qualquer um que se metesse na frente dela. Ah, meu pai. Eu sou um pouco livre, mais racional. Se fosse meu pai, ele já tinha metido quatorze tiros na tua cabeça, e ele não ia ser igual Rufino, que faz tudo errado, iria matar e mostrar a cabeça,

assim como o bando de cangaceiros quando sofreram uma emboscada. Foram pegos em uma emboscada, e cortaram as cabeças, do maior, do líder de todos eles, Lampião, até um dos mais baixos cargos. Todos ali, os bandidinhos de merda, que tanto mataram, agora tinham suas cabeças em cima de uma escada, fotos, fotos deveriam ser tiradas, mostrar aquele momento perfeito... Cangaceiros, bandidinhos de merda!

– Para! Para, André, mata logo eles, acaba com a vida desses merdas, senão eu mesmo acabo.

– É isso que eu mesmo vou fazer!

Antes que André sacasse a arma, Gabriel empurrou os livros para frente, o impacto fez uma das prateleiras cair, afastando André, o prefeito recuou, em um olhar perverso, contudo no fundo parecia sereno e gracioso. O jovem correu para outra prateleira e empurrou novamente, a mesma caiu em cima de uma mesa de vidro, quebrando os itens decorativos que estavam em cima.

– Não chega perto de mim. Ester! Socorro! Socorro, Ester! – Gritou Danilo.

– Eu fechei as portas, seu imbecil. Pode se esguelhar aí, seu porra, que ninguém nessa casa vai te escutar, ninguém! – Braga aumentou o tom da voz.

André sacou a arma e apontou para Gabriel, que correu novamente para a traseira de uma estante. A bala acertou um jarro de água, que explodiu e espalhou o líquido entre as páginas derramadas.

– Eu sei algo melhor a ser feito. – Disse, parando de perseguir o moleque. – Braga, pega o branco, eu pego o negro. Tenta enforcar eles, até desmaiarem. E seja rápido. Vocês não merecem morrer em uma biblioteca, dentro da casa de um homem de família, merecem ter uma morte um pouco mais trágica. Agora!

André pegou em suas mãos Gabriel, que se debateu entre seus braços. Em seguida sua visão se tornou pesada, e não viu mais nada. Apenas sentiu seu corpo ser arrastado, mas não sabia para onde partiria e nem seria levado. No fundo, a risada conjunta do prefeito e de Braga.

Capítulo 48

Vai morrer, desgraçado!

O carro pego emprestado por Anita seguia em tom firme pela estrada. Bruno havia sintonizado em uma rádio local, Evidências tocava alto no som traseiro.

Uma lágrima escorreu do seu rosto, tentava colocar em posição tudo que havia acabado de descobrir. Sua esposa, os casos com o prefeito, não sabia de nada mais. Preferia seguir aquele caminho sem pensar mais em nada.

Permanecer a estrada sombria em uma velocidade média, mas precisa fazer uma ligação antes de partir de volta ao Recife. Sabia que após a placa que indicava LOCAL DE MATA, não encontraria nenhum posto de gasolina.

Parou no posto Arlete, um ambiente sujo e fedorento. Estacionou o carro em frente a uma loja. Dentro do espaço cheio de refrigerantes, biscoitos e marcas adversas, encontrou um orelhão. Adicionou o cartão da OI, e esperou a chamada ser completada. Do outro lado da linha, uma voz grave atendeu, deixando Bruno parcialmente preocupado no que dizer, precisava escolher as palavras certas.

– Flávia... sou eu Bruno. Que horas a gente pode se encontrar?

– Eu liguei pra Eliete, ela já sabe de tudo, quase tudo. Vem pro Treze de Maio, eu tô esperando. O André saiu mais cedo, disse que iria voltar ao almoço. Eu não sei o que anda acontecendo, mas você precisa vir logo, antes que o pior, Bruno, antes que o pior aconteça.

De volta ao carro, preferiu caminhar no silêncio. Demorou alguns segundos até notar um OPALA branco e com placas falsas andando em sua volta. A zona da mata já havia chegado, o matagal, rodeado de árvores tomava conta da lateral do ambiente, estava a poucos metros do homem que comprou cana de açúcar. Encarou o homem, era branco, o mesmo que havia atropelado o gato. Pensou que ele apenas queria fazer uma ultrapassagem, mas achou estranho o movimento contínuo para cima do seu carro. Buzinou, em sinal de alerta, contudo não fora respondido.

Desligou o rádio minutos antes do opala se aproximar. Os dois carros estavam lado a lado, em uma misteriosa e afrontosa relação. O ritmo era o mesmo, no mesmo momento que Bruno acelerava sua máquina, colocando ela a

frente do outro, o carro branco tomava frente, ficando em uma mesma linha, trazendo de um modo direto e estranho.

O opala se aproximou ainda mais, encostando a lateral do seu carro no de Bruno, que abaixou mais o vidro e encarou bem o rosto do homem, que permanecia em um semblante indecifrável.

– Que porra é essa? – Gritou, contudo, a feição dele não mudou.

Rufino pensou que aquele era o momento ideal para fazer alguma coisa. Não notou nenhuma presença humana e achou que aquela era a hora de agir. O opala atingiu em cheio o carro de Bruno, que alcançou uma pequena pedra e capotou.

Arantes gritou antes de ter seu corpo impulsionado para frente, batendo a cabeça na buzina, que emitiu um som oco em meio a altura na qual estava. Quando o carro alcançou novamente o chão, um galho firme destruiu o vidro, que enviou os estilhaços para a feição de Bruno, que demorou alguns segundos antes de desmaiar.

Rufino apoiou o carro próximo dali, e notou que precisava ser rápido. Puxou do porta-malas um galão de gasolina. Partiu em passos apressados até o carro, onde colocou o galão próxima de uma pedra. Respirou fundo enquanto abria a tampa dura, quando finalmente abriu, foi até o carro. Despejou todo o líquido de cheiro forte por todo o carro, aproveitou o desmaio de Arantes, para colocar a gasolina em cima do seu corpo.

– Agora sim, agora eu vou ter o reconhecimento que eu, que eu preciso! – Se afastou do carro, puxou a carteira de fósforos para fora do bolso. Em um mais um olhar perverso, acirrou o palito contra a caixa, fazendo uma chama brotar. Encarou pela última vez Bruno, que permanecia na mesma posição. – Adeus!

O fogo caiu no princípio do carro, e logo tudo pareceu tomar conta. As plantas, a lataria, o acolchoamento. O fogo brilhava, aumentava sua intensidade, trazia uma calma para Rufino, que adentrou novamente o seu carro e seguiu até Recife. Puxou o telefone no carro especial, e ligou para André, que atendeu na mesma hora.

– Eai, chefinho, adivinha? – Disse em um tom animado.

– O que?

– Acabei com o merda do Bruno, vai virar pó, exatamente como o senhor disse.

– Ótimo, agora vem pra cá, vem pra cá, você precisa fazer uma outra coisinha.

– Tem ideia sobre o que é?

– Que pergunta besta, claro que tenho. O fim começou pelo Bruno, nada mais justo que acabar com todos eles, em um final dramático, onde cada um vai suplicar pela vida, mas todos nós sabemos como essa história termina. Mortos, e quem matou? Ninguém jamais saberá, assim como Sophia Lancelot, a nossa vagabunda, tão gostosa, morreu no rio. Assim como a vadia da Emanuele, que nos ameaçou, como Suzana... Como Suzana...

– Olha, você não tá falando nada com nada, eu não tô entendendo.

– Venha, traga todos eles aqui, o assassino estará presente nesse conciliábulo. Nessa tão esperada reunião. O assassino de Suzana, ele, ou ela, finalmente será revelado. Venha, traga todos eles, o fim se aproxima, o final triunfal está chegando. O fim sempre chegou, e agora... E simplesmente agora, esse final, o grande final, se encontra mais... mais perto do que todos nós imaginamos!

Capítulo 49

O padre e a freira

Gonçalo entrou rapidamente no salão principal da igreja, notando a presença de Tereza e Auxiliadora, que limpavam alguns bancos e o altar.

Estava esbaforido, sem nenhuma sombra de calma. Antes mesmo de chegar próximo. Gritou.

– Onde estão os arquivos? – Elas o encararam com receio. – Por que esconderam os arquivos do nascimento de Maysa... A filha de Suzana? Por que fizeram isso?

As duas se uniram, ficando lado a lado.

– Padre, eu... – Jordana iniciou a justificativa. – Eu sinceramente não sei sobre o que o senhor está falando. Nos últimos dias, eu e a Tereza não visamos nada de errado fora do cronograma. Nada de errado! Seguimos tudo de maneira correta e adequada, o senhor está me entendendo aonde quero chegar?

– Não adianta trazer justificativas. Hoje eu encontrei na Locação de Arquivos da prefeitura, a ficha da Maysa, e era daqui. Ninguém mais poderia fazer esse tipo de coisa, a não ser vocês... Que toda vida andara juntas, e não sobraram os argumentos para as brigas. E hoje, Jordana, e logo hoje, eu me deparei com os arquivos da maternidade. Não venha com nada a mais, me venha com a verdade! Mostrem-me agora.

Os olhos de Gonçalo pareciam sugar o infinito presente em Auxiliadora. As lembranças entraram em conflitos, discutindo consigo mesma em pensamentos confusos e ao mesmo tempo silenciosos. Pensou em dizer a verdade, mas essa, com certeza, não seria uma boa atitude a ser seguida. Deveria seguir suas rédeas e permanecer calada.

– Eu menti para o senhor naquele dia. É verdade, foi atitude péssima minha. Eu peço desculpas do âmagô da minha alma. Eu... Eu não queria ver o senhor mal, capenga, todas essas mortes poderiam prejudicar o desempenho das missas, e os fiéis devem estar em primeiro lugar. – A frase causou impacto em Maria Tereza.

– Onde estão?

– A Tereza sabe onde é... Por favor, leve o padre até a sala de arquivos. Eu vou buscar a chave verdadeira.

Tereza e o Padre seguiram até a sala.

Auxiliadora, minuciosamente partiu para a cozinha, abrindo uma das maletas do setor de talheres. Retirou um faca e escondeu atrás do vestido.

Seguiu serena enquanto atravessava o salão, teve a breve impressão que viu alguém se escondendo em algum lugar. O susto foi controlado, e andou vagarosamente até os dois.

A sala de arquivos era ampla. Os armários ocupavam apenas as laterais das paredes, deixando o centro livre, apenas com mesas rodeadas de cadeiras.

Gonçalo e Tereza aguardavam no centro.

Jordana cruzou os arpões da sala e foi em direção ao padre. Se aproximou de uma maneira estranha.

– Padre, eu não encontrei a chave. Infelizmente eu não a encontrei. Algum bandido deve ter entrado aqui, recolhido o objeto achando que era de um cofre, ou...

– Cala essa boca, está mentindo pra mim. Mentindo para mim! Fala a verdade logo! Diz tudo de uma vez.

– Não posso. Sabe pra onde os padres vão quando a morte chega?

– O que isso tem a ver com minhas afirmações. Você tá querendo ganhar tempo.

– Eu? Ganhar tempo? Imagina, padre. É uma dúvida séria, afinal esse é o seu verdadeiro momento glorioso de adeus... O que queria dizer pra a pessoa mais especial do planeta em seu último adeus? Queria enviar uma carta pro seu amor verdadeiro? Brigar com aquele inimigo que você fez lá traz... em um passado distante. Ou aceita refazer as pazes com...

– O quê que você tá falando? Não tá dizendo nada com nada...

– Aí, padre. As chances não lhe faltaram para se redimir com essas pessoas. E agora, infelizmente não há mais tempo... acabou o seu tempo!

Jordana retirou a faca e apontou para Gonçalo, que não recuou um centímetro. Os dois olhares secretos, recheado de mistério e angústia agora contrastavam com a realidade envolta.

– O que você vai fazer, Jordana! – Tereza se distanciou lentamente.

– Cala a boca, sua imunda! Fique quieta no teu canto, a minha conversa é com o padre.

– Não mate o padre, não o mate! Não faça isso! Não sabe a pena que levará até purificar a tua alma novamente, eu não vou deixar que você...

– Padre... Eu te dei chances de vitória. Chances de se redimir, de não se bandear para o outro lado, mas olha como são as coisas, não é? Olha só...

– Não mate o padre!

– Chances que não faltaram. Mas tá aí, esses são seus últimos suspiros. Adeus, padre Gonçalo Dias! – Guinou a faca para trás, ergueu o corpo branco para frente. Se preparou para a facada, mas parou no caminho quando ouviu uma voz estranha.

– Não ouse atirar nele! – Elias surgiu na escuridão da porta, guinado uma arma para frente. – Ela tá preparada pra atirar, eu te mato! Atiro sem nem pensar se você é freira ou o raio que o parta, eu atiro!

– Olha só, a duplinha imbatível. Uma maravilha! O que queres com o padre, hein?

– Coloca essa faca no chão!

– Eu? Colocar a faca no chão? – Apontou a faca novamente para Gonçalo. – Se bem que na altura do campeonato em que estamos, morrer nem é uma coisa tão chata assim, sabe gente? Conhecer o inferno. Saber se tudo isso de Deus, céu... Saber de tudo isso é verdade. Ai, como são as coisas, não é?

– Coloca a faca no chão! – Gritou Elias, em um tom descompassado.

– Para de gritar, ninguém aqui tá gritando. Eu não tenho escolha, Elias, eu preciso acabar com ele, eu preciso!

– Coloca a faca no chão, para com isso. Eu atiro em você.

– Então atira, atira em mim, mas não erra. Mete bala na Jordana, a mulher que reúne defeitos tão primorosos. Mete bala de uma vez, vai, avança!

– Para com isso, Jordana, para! – Suplicou Tereza.

– Minha vida sempre carregou sofrimentos, não é hoje que eu não vou morrer em paz. Mesmo se eu não matar, se eu matar, se eu me matar, tudo está pelos ares, nada está como antes.

– Segue a voz de Deus, Jordana, não faça isso com um padre. – Afirmou Gonçalo.

– A voz de Deus não carrega nada de importante pra mim. Nada! Sabe o que ela diz? Mate o padre, mate o padre, mate o padre, mate o padre, mate, mate o padre, acabe com ele, mate o padre! – A moralista novamente cruzou a faca na direção de Gonçalo, mas antes que o golpe acertasse, o som angustiante da bala alcançou a sala de arquivos. A bala alcançou um dos painéis de vidros, caindo em cima de alguns armários. Jordana, assustada, recuou.

– Vem, padre! – Gritou Elias.

Gonçalo correu na direção da porta principal. Jordana sentou-se no chão,

apoiando a faca no colo, olhou para Tereza, que acompanhou os mesmos movimentos.

– Você ia matar o padre.

– André nos chamou pra ir pra um celeiro, os capangas dele estão vindo nos buscar.

– Por quê?

– Não me faça essa pergunta. Tereza, chegou a hora de acabar com todo o sofrimento deixado por esse homem, a gente precisa acabar com tudo isso.

– O que você vai fazer?

– Eu vou matar o desgraçado. Enfiar essa faca no peito dele, pra ele ter o mesmo sofrimento que Suzana. Como ele sempre disse, o final se aproxima. O final do prefeito nunca esteve tão próximo!

Capítulo 50

O cativo e a morte

Gabriel abriu seus olhos e reparou por completo no local no qual estava. Um imenso celeiro, carregado de feno e restos de alimento, como se a dias atrás, os cavalos, porcos e outros animais passassem suas patas pelo mesmo piso no qual estava. O ambiente carregava o final da tarde, com a luz negra anulando o sol. Acima de tudo, pequenas janelas feitas de madeira, estavam quebradas, o vento uivava do lado de fora, e adentrava como desespero na pele de Gabriel. Sentiu a brisa calma e pensara em como dormiria, e caso voltasse a dormir.

A porta principal era habitada por seguranças, trajando seus clássicos uniformes negros. Sentia em todo momento que algo inusitado iria surgir, mudando tudo em sua volta. Mas isso jamais aconteceria. Resguardava o ar, sentia sua pele latejar, quando os passos na parte externa se tornavam mais fortes, quem está por traz?

Sussurrou para Danilo, que lentamente abriu os olhos, mas permaneceu calado. Uma atitude normal para qualquer pessoa que estivesse naquele ambiente, se lembrando das mais diversas situações que ocorreram antes.

As dúvidas foram cessadas quando Braga e o Rufino adentraram o ambiente. Gabriel sentiu nojo do homem que chamava Coronel, queria gritar, preferia gritar sobre o assassino que era. Falar sobre o se crimes, perguntar o motivo, dizer o motivo que pensara. Ficou calado, preferiu adiar sua morte, que naquelas condições, seria inevitável. Eles permaneceram conversando por alguns minutos, aumentando a tensão no ambiente. Olharam de relance para os dois em alguns momentos, mas quando aumentaram os passos e foram até Gabriel e Danilo, o moreno preferia arranhar o chão, roer sua unha. Tudo ao seu redor parecia ser o prelúdio da morte, não aceitava que aquelas pessoas fossem as últimas que fossem ver antes da morte.

– Tá vendo aí? – Iniciou o Coronel. O homem alvo foi até um batente, onde capturou um porrete de madeira, e retornou ao ponto que estava. – Estão vendo como são as coisas? Eu tentei, vocês não sabem eu tentei, pensei, tentei pensar, pelo menos, da melhor forma de acabar com vocês. Dar um tiro direto nos dois,

na cabeça, atirar na cabeça enquanto brincam, enquanto saem da escola... São muitos, eram muitas formas de matar duas crianças, duas crianças pedantes que acham que pode brincar de ser grande. Mas sempre é assim, e dessa vez, vocês não descobriram que a vizinha tinha um filho e ele fumava drogas, e vocês investigariam o por que dela ser tão pobre, e mesmo assim diariamente ele voltava do banco com uma bolsa cheia de dinheiro.

– O que isso tem haver, Rufino? – Reclamou Braga.

– Mas não, foram se meter com gente errada. – Bateu o porrete no chão, Danilo se assustou. – Se meter com gente errada! Com o prefeito da cidade, com o dono de fábricas, e com o Coronel, o grande protagonista do caso Emanuele Andrada, não? – Guiou o pedaço de madeira até o queixo de Gabriel, acariciando a ponta do osso. – Não é? O grande protagonista! A estrela principal, o assassino!

– Assassino! – Afirmou Gabriel, tentando tirar o pedaço de madeira de perto de si. – Não é novidade pra ninguém aqui, sempre soube que você matou ela, que você matou a governanta da casa do...

Rufino ergueu o pedaço de madeira e atingiu com convicção o rosto do garoto, que decaiu para um dos lados. Sentiu o gosto familiar da dor, e decidiu continuar.

– Matou a governanta que era da casa do Braga, depois foi parar na casa do prefeito, e depois... E depois de tudo isso, matou ela. Assassinou, por um motivo que ninguém sabe. Mas matou, desgraçado... desgraçado!

– Você não sabe o que tá falando, garoto, não sabem nem que merda tá falando, desgraçado, filho de uma puta! Cala essa boca!

– Não tem argumento, a verdade prevalece, a verdade sempre vence!

– Eu que não vou esperar que ninguém chegue, eu vou acabar contigo agora mesmo. Mas antes acerto umas porradas bem dadas no meio da tua cara, pra tu ficar esperto, vai morrer sangrando, filho da puta!

– Não faz isso, Rufino, para de ser esse cara de sempre, que perde a noção do perigo, o descontrolado, para de ser esse cara! – Afirmou Braga, dando alguns passos a frente. Seus olhos reviraram, queria mesmo era atirar no coronel, costumado em causar problemas.

– Eu quero que tudo se foda! – Ergueu o porrete para cima. Gabriel fechou os olhos, antecedeu a dor que sentiria, abaixou a cabeça.

André adentrou o espaço e gritou.

– Rufino! – O grito saiu afobado. – Que merda é essa? Hein, que merda é essa?

O coronel parou, abaixou o objeto de madeira e voltou a encarar o prefeito, que dava passos cada vez mais rápidos.

– Eu preciso acabar com tudo isso, acabar logo com tudo isso, isso precisa chegar ao fim! Precisa! Esses meninos sabem de mais, não podem, eles acham que podem me ameaçar, mas não! – Gritou. – Eles não podem!

– Eles não vão morrer sozinhos, vão todos morrer em uma união tão bela. Todos os bostas que acharam que desvendariam o mistério tão grandioso, agora vai aprender o verdadeiro significado. O padre e o avô desse bostas, que vão pagar caro, vão todos se afogar no mesmo barco, vão todos morrer, todos, exatamente todos, sangrando pelo pescoço, pedindo misericórdia, mortos!

Capítulo 51

Uma conversa e um sequestro

Elias e o padre estavam sentados no banco da praça que estavam anteriormente. As crianças não mais dividiam espaço entre os brinquedos, se encontravam de roupas limpas, partindo para um lugar desconhecido, suas casas, coisa que os dois não haviam feito ainda.

– Tá vendo, percebe como tudo acontece rápido demais? Como as coisas rodam em um Carrossel, somos apenas mais um dos passageiros. Não trocamos as peças enferrujadas, não mudamos a velocidade das engrenagens, nada! Não fazemos exatamente nada. Somo mais uma peça de tudo isso. – Disse Elias, em um tom único e sereno.

– Não entendo, eu não entendo como isso é normal, como esse tipo de coisa, como tudo isso pode ter sido pensado, feito, como essas pessoas dormiam? Acreditavam em Deus?

– Pode parecer infame, padre, mas diante do prazer, um dos últimos pensamentos é de Deus. E foi isso que eles sempre fizeram, e tudo isso permanece ligado até hoje, tudo isso permanece ativo, ninguém foi capaz de denunciar algo tão macabro e ao mesmo tempo tão determinante, ninguém... ninguém!

– Eu não consigo nem repetir essas palavras.

– Sophia, logo a Sophia, veio pra cá porque o pai pediu, e logo teve que participar de tudo isso. Ser obrigada a ter relações sexuais com o pai, isso é uma das coisas mais nojentas, e com o próprio irmão, além de outros homens.

– E o passado altera o presente.

– E o passado altera o presente. Se antes tudo que eles faziam era com a Sophia, pobre Sophia, agora tudo decai em cima dela, da filha de Suzana. Será que essa é a causa do assassinato? Quem pode ter matado ela?

– O prefeito é a única opção prudente que eu imagino. Ele queria continuar com isso, e a Suzana, como mãe, queria acabar, queria cortar o fio da meada, dar um fim pra tudo isso. E ele a matou, assassinando dentro da minha igreja, o prefeito é o culpado de tudo isso, ele, o prefeito.

– Vamos voltar para casa, eu tô cansado, quero apenas deitar, dormir e esquecer.

– E depois? O que a gente faz depois?

– Contamos tudo pra Eliete, ela vai saber como agir.

Elias e Gonçalo levantaram e seguiram em uma caminhada breve por uma das ruelas do centro, até um fusca parar na lateral da rua, abrindo o vidro lentamente.

– Por gentileza, senhores, poderiam vir aqui mais perto, quero tirar uma informação. – Disse o homem moreno.

Elias ficou receoso, então Gonçalo deu mais alguns passos a frente, chegando até o carro, olhou para baixo. O homem moreno segurava uma arma engatilhada, deu alguns passos para traz, ainda em choque pensou em gritar.

– O que aconteceu? – Indagou Elias.

– Você agora vai ficar calmo e vai chamar o seu amigo pra entrar no carro, se não eu estouro a tua cabeça em praça pública!

Elias se aproximou, e ao notar a arma, abaixou a cabeça. Pensara em correr, mas tudo naquele momento seria uma opção errada.

Entraram no carro, o fusca caminhou na direção do desconhecido.

Capítulo 52

Assassino encontrado – Penúltimo capítulo

Gabriel assentiu com a possibilidade de sair vivo dali.

– Quando acabar tudo isso aqui, aí sim você vai merecer um final – afirmou André. – Precisa aprender a controlar os próprios pensamentos, ora...

Um carro estacionou na parte externa, Danilo ouviu o barulho com serenidade, mas estremeceu ao imaginar no que tudo aquilo poderia piorar.

Elias e Gonçalo foram os primeiros a entraram no ambiente, assustados, com suas mãos presas em cordas. A respiração descompassada, a boca de ambos permanecia tapada, mas o semblante de Elias fora notório o quão estava feliz em encontrar o neto, não tão feliz ao imaginar o final.

– Vô! – Se alegrou Gabriel. Elias lhe mandou um olhar gracioso, mas logo fora jogado em um canteiro a poucos metros dos jovens.

André se aproximou, ficando no centro do recinto. Olhou a todos com receio, mas engatou uma voz suave e ao mesmo tempo convicta.

– Agora acabou o show! O final se aproxima. – Sacou o seu telefone, onde o somido rápido e distinto soou. – Alô? Todos já chegaram? Pois bem, mande eles entrarem, mande, mande cada um deles entrarem no celeiro. O final se aproxima.

O medo de Gabriel aumentou, tudo parecia afunilar, jogando todos eles em um vazio incompreensível e inconfundível.

Os portões principais voltaram a ser abertos. Jordana foi a primeira a entrar, carregando um semblante frio e indecifrável. Ficou no centro do galpão, encarando com receio o padre, que parecia fuzilar o corpo da freira com os olhos.

Maria Tereza fora a segunda, seguindo em passos lentos, permaneceu apenas olhando para baixo.

Maysa cruzou os portões, em uma feição igualmente não agradável. Ficou exatamente ao lado de Jordana. Olhou para o padre e Elias, que permaneciam

sem entender nada.

André voltou ao seu local de origem.

– Quem são essas três pessoas? Quem são? Uma delas foi a culpada pela morte de Suzana, e se estão aqui, é porque sabem exatamente quem é o culpado. Umas podem negar, mas eu sei quem é o culpado, ou melhor, a culpada. Sempre a gente fala assassino, olha ali o assassino, quem é o assassino, mas hoje, logo hoje, exatamente hoje, é um grupo de mulheres? Claro, elas não merecem palmas? Aplausos? É claro que sim. Mulheres assassinas! Mas antes da grande novidade, da grande descoberta, a gente precisa acabar com vocês! É, acabar um por um, ou todos de uma vez apenas. Eu fiquei pensando no caminho, como eu acabaria com vocês? An? Como? Como eu colocaria no fim pessoas que quiseram ao máximo destruir quase tudo que eu levantei e segui, quem, quem morreria primeiro? Quemalaria, gritaria a primeira vez, pedindo por Deus, jurando por justiça? Quem? Me falem, quem?

– A hora tá passando, André! A gente precisa correr! – Afirmou Braga.

– Retirem as mordanças do padre e do velho, retirem as mordanças.

O comando foi executado. Elias sentiu novamente a angústia e o medo, Gonçalo permanecia sereno.

– E agora? O que a gente faz agora?

– Agora é o momento que o show começa! A hora que a gente revela e mata esses porras. – Afirmou André. – O modo que eu escolhi acabar com a vida de vocês, é... Da mesma forma que mataram Suzana, com uma faca!

– Pelo amor de Deus! – Suplicou o padre. – Por tudo que é mais sagrado, não faça isso! Não!

– Rufino, Braga, Jorge, peguem os facões. – Os três saíram do centro do local e partiram para os espaços determinados, retiraram de cestos tradicionais, facões reluzentes, a luz fraca do celeiro serpenteava na lâmina prateada. – É assim, é desse jeito que vocês morrem! Com o sangue saindo do pescoço, manchando isso aqui. Vocês pedindo por ajuda, clamando por Cristo! Não resta mais tempo, o fim se aproxima, o grande final se aproxima! O final chegou!

Elias, arrumou uma posição agradável, engoliu a saliva e começou. Estava desafiando um dos principais princípios da morte, mas nada ali poderia mudar, estavam longe, quem poderia salvá-los?

– Tudo começou em 1930, quando o seu pai assediou uma inglesa. Mas tudo vinha de antes, não começou naquele momento, tudo veio antes de um princípio, como tudo tem um princípio...

– Cala a boca, velho! – Gritou André. – Que porra você tá falando, que

porra você tá falando?

Gonçalo fez o mesmo:

– O princípio foi na minha igreja. O seu pai, o antigo prefeito, Antony, assediava as freiras. Costumava fazer sozinho. Os quartos eram frequentados em alguns dias do mês pelo verme, que acabou com a vida de Jordana e Maria Tereza. – Iniciou o padre, em olhares claros para as duas freiras. – Fazia tudo fora do eixo, e quando viu que ninguém reclamaria, pois tinha praticamente tudo em mãos, chamou pessoas, e começaram a sair. Eu lembro, Jordana, Maria Tereza...

– Cala essa boca, seu velho imundo! – André se aproximou e ameaçou chutar o padre, que não hesitou.

– Voltavam para a igreja como mortas, consumidas por todos aqueles homens, que machucavam, cortavam a pele delas. Acabava com o pouco de humanidade que nutriam. O seu pai, seu verme, acabou com a vida delas duas, destruiu cada pedaço, arrancou o coração e pisou sem medo. – Gritou Gonçalo. Seus olhares percorrem Jordana, uma lágrima caiu de seus olhos.

– Isso é uma mentira, vocês não têm noção nenhuma do que tão falando, seus merdas! Eu vou mandar acabar com vocês, e não vou pedir pra parar, a morte vem, o fim chega!

– Transou com a inglesa. – Iniciou Elias. – Teve uma filha, e depois de tantos anos pediu pra voltar. Continuou da mesma forma, fazendo a mesma coisa que fazia com as freiras, os mesmos atos, mas agora, com você. Um ato incestuoso, pai, filho, massacrando a filha, a irmã. Tirando fotos, expondo, acabando com a vida de Sophia! Você é um dos culpados pela morte dela, você! Você é um dos culpados pela morte de Sophia Lancelot! Seu verme! Verme! – Gritou.

André voltou ao centro, ergueu as mãos e finalmente disse alguma coisa.

– Acabem com eles, cortem o pescoço desses merdas, mandem cada um para o inferno, deixem que eles apodreçam na terra escura, com o sangue escorrendo, mortos. Mortos! – Os guardas se aproximaram com os facões, ficando ao lado das vítimas, que pareciam ter a última visão antes da morte. – Podem mandar pro telhado, mandem pro derradeiro, manda logo, destruam essas artérias, acabem com essas veias.

Jordana deu alguns passos a frente, quebrando o silêncio misterioso que aumentava a cada segundo no celeiro.

– Quem vai pro inferno é você! – Disse, em um tom único e sutil. André se curvou, encarando o olhar macabro da freira. – Você que vai parar no inferno,

seu desgraçado, você que vai apodrecer por tudo que fez, desgraçado!

– E quem vai acabar comigo? Quem vai me mandar para o inferno? Quem, me diz quem, vagabunda! Puta do meu pai, você gostava, não venha mentir que não. Gostava de sentir ele dentro de você, o primeiro homem que teve em mãos, adorava!

– O Elias tá certo, você é um verme! Você é um verme, um verme! – Jordana puxa rapidamente uma faca do bolso, apontando para André. – Um verme que vai sentir o que eu, eu... – Sua voz se tornou fina, acompanhado de um choro intenso. – Eu e Maria passamos durante todos esses anos, vai se encontrar o teu pai no meio do inferno, desgraçado! – Avançou com a faca para cima, André não recuou. – Vai ver o quanto de sofrimento você foi capaz de causar pra gente, o quanto de derrota a tua família causou em nossas vidas, e você, ainda teve a coragem de continuar... Desgraçado! Desgraçado!

– Atira nela! – Afirmou André. – Mata essa daí, mata essa vagabunda!

– Desgraçado, você é um desgraçado! – Gritou. – Você, você é um desgraçado.

A bala engatilhada percorreu o celeiro e acertou a cabeça de Jordana, o sangue espirrou em Maria Tereza, que começou a gritar desesperada, ao mesmo tempo que correu para cima da amiga. Apoiou a cabeça da freira no seu colo.

– E agora? – Gritou o prefeito. – E agora? Quem é que vai acabar comigo, quem é que vai acabar com a minha vida? Quem é que vai promover o reencontro com o meu papai no inferno? Quem vai me meter em uma prisão? Quem vai ser capaz de acabar com o meu império? Quem vai acabar com a vidinha de André Bezerra? Quem vai acabar com tudo que eu construí? Quem vai acabar comigo? Quem vai dizer chega? Quem vai escrever o letreiro de FIM no último capítulo? Repito mais uma vez, quem vai acabar com o império da família Bezerra? Quem?

Os portões foram novamente abertos, seguido de tiros vindo do lado de fora. Um sentimento de apreensão contornou André, que não imaginava o que estava acontecendo. Ouviu o estremecer, seguido de gritos parecido com os seus guardas e seguranças, além de motores constantes rolando do lado de fora. Uma alta dose de poeira atravessou as janelas improvisadas, enviando cargas estranhas para dentro do Celeiro. Permaneceu pensativo, enquanto seus olhares percorriam todos os capangas e as vítimas. Maria Tereza permanecia sentada ao lado do corpo morto da Jordana. Maysa não tinha nenhuma expressão em seu semblante ofuscado.

Flávia foi a primeira a entrar, carregando um grupo de policiais consigo. Ficou próxima do cesto de facões. Tinha uma feição sugestiva, os policias

armados, carregando olhares secretos e ágeis.

– André... André... – Disse Flávia. – Durante os longos anos que dividimos vida, eu nunca vi você perdendo, sabe perder, calma. Eu nem sei se você sabe perder, se a sua família sabe perder, se tudo que você construiu pode perder..., Mas parece estar próximo, bem próximo.

– Que porra você tá fazendo aqui? – Indagou André, antes de voltar a olhar o portão, onde mais passos surgiram,

Eliete cruzou os arpões de couro, trazendo consigo mais um grupo de policiais. Ficou no meio do salão.

– Ela tá certa. Nem sempre a gente escolhe o final que quer, e mesmo esse final sendo projetado para uma mesma pessoa. Pessoa que você foi capaz de quase destruir a vida, de acusar erroneamente. Essa pessoa, exatamente a que nós menos imaginamos, que vai acabar com o teu império. Que hoje vem dizer quem foi culpado pelos crimes que marcaram e destruíram a sua vida. Pessoa que tem caráter o suficiente para seguir a diante, mesmo com tudo ao seu redor desmoronando. Pessoa que mesmo com o trabalho errado de seu capanga, saiu ileso, ileso do fogo. Rufino não serve pra matar nem uma mosca!

– De que bosta vocês estão falando.

Todos, em um suspiro apressado e um clima grave de suspense, olharam ao arpão do portão. Os passos pareciam não ecoar, trazendo um sentimento de dúvida e incerteza do outro lado, até que um grito convicto foi ouvido. E dos portões principais surgiu Bruno Arantes, com o maior número de policiais. Se posicionou no centro, encarando com raiva André, que permanecia sem entender o que se passava.

– Eu, André, eu vim acabar com o teu império, destruir isso que o seu pai sempre fez. E como você sempre diz, enfim, finalmente, o final sempre chega. Verdade, ele chega pra todos, e pra você não seria diferente! Jamais seria! Policiais, prendam esse homem e todas as pessoas que estão dentro desse recinto, prendam! – Olhou para Maysa. – E também prendam aquela mulher, aquela jovem. Maysa Afonso Bezerra, você está presa pelo assassinato da sua mãe!

Capítulo 53

A morte - Último capítulo

– **Responde, Maysa, por que você matou a sua mãe? – Continuou Bruno. – Por** qual motivo? Por que você assassinou a sangue frio a Suzana? Fala! Fala!

Maysa deu alguns passos a frente, uma lágrima decaiu de seus olhos. Queria falar, precisava explicar o que passava diante de seus pensamentos, mas antes que dissesse alguma coisa, a voz de André ecoou pelo celeiro.

– Ela não deve satisfação nenhuma pra você, desgraçado. Olha como são as coisas, olhem como são as coisas! – Aumentou o tom de voz. – Uma esposa esquizofrênica, que tem um ventre podre e jamais foi capaz de me dar um filho, que porra você tá fazendo aqui? Sua desgraçada, sua derrocada, sua filha de uma puta! – Afirmou.

Flávia se aproximou, afastando-se do grupo de policiais. Tirou uma das mexas que embaçavam sua visão, cuspiu no feno e voltou a encarar André.

– E eu dou graças a Deus de não ter um filho que venha de você. Eu dou graças a Deus por não carregar por nove meses o DNA de uma pessoa podre, nojenta. Essa é a palavra certa, eu tenho nojo de você. Desde quando suas saídas eram nas noites, eu sabia... E quando a governanta me contou que o Rufino assassinou Sophia, uma das que mais sofreram nas garras de vocês. Imagina... Olha, e um dia, ele atropela a governanta, assassina Emanuele! Você acha que eu gostaria de fazer parte de tudo isso? Eu poderia muito bem pegar uma arma e atirar na tua cabeça, você ver, sentir o gosto da morte, seu merda!

– Então por que não atira logo? Hein, por que você não acaba logo com isso, acaba comigo e com o teu rancor. Vai, faz alguma coisa útil nessa tua vida.

– Eu não vou atirar. Não porque eu não queira, mas porque você merece que Recife, que Pernambuco, que o Nordeste, que o Brasil, que o mundo inteiro saiba quem é o verdadeiro André, quem era o verdadeiro prefeito da cidade. Merece apodrecer na prisão, você merece!

– Era só o que me faltava. Ninguém é útil nesse inferno, ninguém! Uma freira morta... Uma freira morta!

Maria Tereza se ergue, em um olhar sombrio e penetrante de André, que a encarou com receio. Em passos lentos Maria se aproximou do homem, que não recuou em nenhum momento.

– Ela não era uma freira, era uma moralista. – Disse, apenas, de maneira serena.

– E que porra isso importa agora, freira, moralista, o inferno que o parta. Eu vou ser preso de uma vez, não preciso seguir esse papel de bom moço.

– Nunca foi. Eu aguardei que você tivesse um pinga de decência e ao menos parasse o que o seu pai fora capaz, mas não, ou ao menos reparar o que ele fez pra gente, mas é assim que você faz as coisas, é assim que vocês sempre fazem. Além de um passado cruel, nem na frente da força tu se redime. Mandou atirar na minha irmã, na mulher que dividiu o sofrimento, que me convenceu que viver não era um fardo, olha do que você foi capaz de fazer... olha bem, seu verme!

– Vamos acabar logo com isso! – Afirmou Eliete.

– Calma, Eliete, pode se acalmar aí, porque aparentemente o celeiro se tornou palco para o show de horrores, não é? O show de horrores mais bem vistos do cinema, do teatro. Que merda vocês pensam que eu sou? Saco de pancadas, porra? Olha bem pra minha cara! Olha bem! – André encarou todos a sua volta.

– Você acabou com as nossas vidas, a sua família. Você não tem direito de falar nada, precisa ficar calado. – Continuou Maria.

– Mais um pouco um romance do escritor falido Bruno estava completo. Eu acabei com a vida de vocês mesmo, e não me culpo por isso. Precisavam ver o quanto era bom, o quanto a Sophia era boa, gostosa! Rebolando era ainda melhor. Mas quando é mais novinha, menos dezoito, tudo fica melhor, Maysa... Tão boa, boazuda.

Bruno avançou mais um pouco.

– Cala essa boca, Eliete prende esse merda!

– Podem me prender, mas antes precisam prender os meus capangas, Rufino e Braga. Mas não antes de eu continuar dizendo o quanto a Maysa era boa pelada, roçando no meu corpo, uma delícia, uma Maysa.

Uma bala percorreu o vento, cortando e projetando um ruído misterioso. André procurou a origem, mas antes que seus olhos pudessem ser alcançados por algo, o sangue do peito esguichou. Deu passos para trás, encostando a mão no ferimento, onde uma quantidade absurda de sangue jorrava.

– Quem fez isso... – A voz se tornou sem intensidade, quase morta. –

Quem... Quem fez isso?

O prefeito passou sua visão pelos policiais, ninguém permanecia com arma, contudo pairou sobre Rufino, que estava mais a frente que o normal. Segurava o gatilho, em um semblante assustador. Suas pernas trêmulas, mas parecia carregar um impetuoso sinal de vitória.

– Você merece de tudo isso, na verdade merece muito mais. Não pode morrer com um tiro no peito, você precisa morrer com cinco tiros no corpo, dez na cabeça, onze no coração... Merece morrer e ir direto para o inferno! – Gritou antes de atirar mais sete vezes. Os tiros alcançaram a cabeça de André, que finalmente caiu morto em cima do feno. O sangue marcava o tom amarelado. – Pronto, acabou!

Um dos policiais, em um comando lento, atirou duas vezes na direção do Coronel. Apenas um foi acertado, tendo alvo principal o ombro esquerdo. Rufino caiu próximo de Elias.

– Já chega! Prendam todos eles. Prendam! O fim, André, bem, o fim sempre chega. E eu jurei pra mim mesma que o seu fim estava próximo!

Epilogo

Maysa adentrou a sala do tribunal. A mesma rodeada de pessoas estranhas, que fotografavam o seu rosto. O juiz batera o martelo e encarou a jovem, que em um olhar único para Bruno, sentou-se em frente a multidão.

– Eu matei a minha mãe! – Iniciou. Mais flashes surgiram diante de seu semblante. – Passei os últimos cinco anos com pessoas que não sabia jamais de onde vinham, mas que usavam meu corpo como um objeto. – Respirou fundo, engolindo a água que parecia cortar sua garganta. – O choro, as lágrimas eram o meu único consolo durante tudo aquilo. O único conforto que eu conseguia ter. Me batiam se ouvissem eu chorar. Minha mãe me defendeu até o último segundo. Eu jamais poderia acabar com a vida de uma pessoa que eu tanto amei, eu a amava. Queria que estivesse hoje aqui, queria olhar para o seu rosto novamente, queria tocá-la, queria sentir o seu cheiro. Apenas queria... Eu a amava, e por todo o tempo que viver irei amar. Quando ela me viu, a voz pedindo para que eu não fizesse aquilo, mas eu fiz, pediram, mandaram! Todas essas pessoas! – Apontou para a fileira paralela, Rufino e Braga. – Eu não queria matar a minha mãe, minha mãe, jamais mataria a minha mãe. Me ameaçaram, acabaram com o que restava dentro de mim.

Bruno encarou Maria Tereza do outro lado do auditório, que enxugava uma das lágrimas.

Algumas horas foram necessárias para que o juiz falasse a pena final de Maysa. Acusada, cumprira três anos de prisão, respondendo em liberdade. Rufino e Braga, juntos irão cumprir quarenta e sete anos de penitência.

Enquanto saiam do tribunal, mulheres, jovens e rapazes, carregavam cartazes, contra os três. Em gritos de guerra, André desceu a escadas, olhando tudo em retrospecto, como sua vida merecia aquele final. Ao chegarem na base da escada, rapazes e outros grupos de mulheres partiram em sua direção, em gritos e murros, foram agredidos. Um dos seguranças riu durante a situação. O grupo de policiais parou, fingindo que nada acontecia, deixando o trio receber uma surra da multidão que parecia aumentar, crescendo a cada segundo. Os socos aumentavam a intensidade, provocando mais gritos de felicidade. Entraram no carro, e partiram para o presídio Aníbal Fernandes!

O Coronel foi morto dois meses depois. Teve seu pescoço decepado em

uma sangrenta briga dentro da sela. Uma serra enferrujada fora usada como arma do crime. As fotos estamparam os jornais e revistas.

...

Gabriel finalmente ao completar o sétimo ano, conseguiu entrar para o time de basquete infantil. Seu avô torceu como louco no primeiro campeonato, onde o neto marcou cinco pontos para o time. Logo tornou a ficar mais conhecido pela escola, e começou a cuidar do cabelo crespo, o tornando tão belo como o seu rosto tornava a ficar. Uma novata, fã de Senhor dos Anéis e de Romances Históricos entrou na sala, era uma tarde de inverno. Os cabelos cacheados e negros, molhados. O romance fora engatado pelo novo jogador de basquete. Aquilo sim foi digno de um final de respeito.

Danilo finalmente pediu Ester em namoro. A avô de Ester retornou de Minas e começou a cuidar da neta. Juntos montaram um jantar para oficializar o namoro. Gabriel e Juliana foram convidados. O jantar fora marcado pela união do casal, que com um beijo intenso e ardente, selaram a relação.

...

Gonçalo saiu de Recife, partindo para São Paulo. Iniciou um novo ciclo na cidade Paulista, esquecendo o passado difícil que tanto marcou a sua vida.

...

Elias escreveu os últimos parágrafos da sua pesquisa, e finalmente sentiu o sentimento contínuo de terminar uma obra sua, onde escreveu a palavra FIM e sentiu o como aquilo era satisfatório. Todo o trabalho que tanto foi árduo, agora enfim significava o motivo de ter chegado aonde chegou. Os anos passavam como luva, de fato a sua vida tomava rumos incrivelmente adoráveis! Satisfeito com o que andava escrevendo, decidiu partir para algo mais audacioso, se inscreveu no concurso de peças do Teatro Santa Isabel.

...

Bruno arrumou um emprego, e permaneceu morando na cidade. Dois anos após todos aqueles eventos foram necessários para finalizar sua obra. Pensou em

algo único e ao mesmo tempo abrangente, desejou alcançar uma obra que finalmente iria consagrar o seu nome no mundo da literatura. Iniciou o projeto em fevereiro de 1998, e no ano 2000 lançou Morte no dia das Bruxas, em parceria com um dos amigos que conheceu durante a pesquisa, Deivid Damasio, autor de Assassinato na Igreja!

Fim!